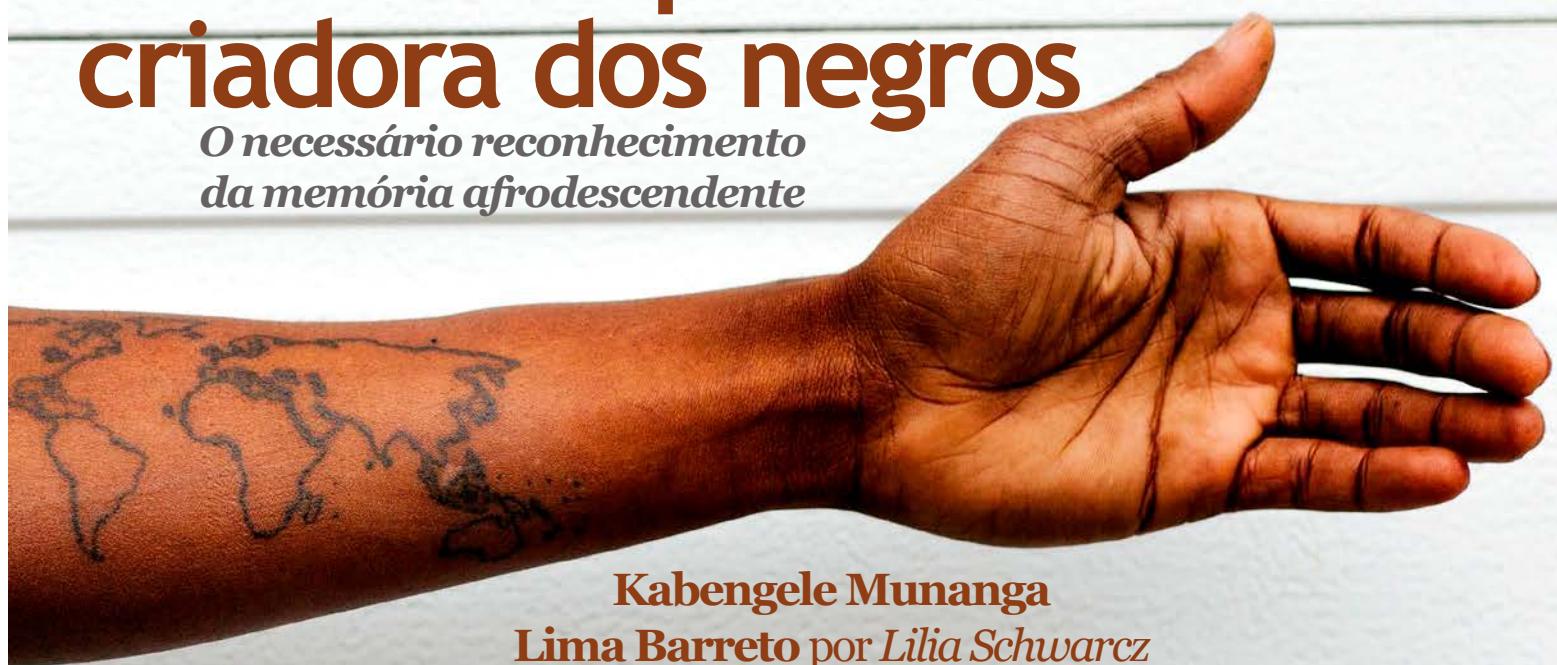


O Brasil na potência criadora dos negros

*O necessário reconhecimento
da memória afrodescendente*



Kabengele Munanga

Lima Barreto por *Lilia Schwarcz*

Carolina Maria de Jesus por *Jeferson Tenório*

Theodoro Sampaio por *Ademir Pereira dos Santos*

Machado de Assis por *Luís Augusto Fischer*

Abdias Nascimento por *Sandra Almada*

André Rebouças por *Maria Alice Rezende de Carvalho*

Leia também

- **Eventos IHU 2018**
- **Leonardo Bomfim**
- **Márcia Junges**
- **Bruno Lima Rocha**

Dossiê

- Cem anos de solidão**
 - **Sergius Gonzaga**
 - **Márcia Lopes Duarte**
 - **Karina Lucena**

O Brasil na potência criadora dos negros

O necessário reconhecimento da memória dos afrodescendentes

A história do Brasil é repleta de protagonistas negros, de Zumbi dos Palmares a Milton Santos, passando por mulheres como Dandara e Carolina Maria de Jesus. Fazer memória destes importantes personagens é, de certa maneira, reconhecer a importância do negro como criador de um Brasil que nunca se realizou por completo. É reconhecer que a luta por justiça social e igualdade étnico-racial continua mais viva do que nunca. Para jogar luz sobre alguns desses personagens, a revista **IHU On-Line** reúne entrevistas com diversos pesquisadores.

O antropólogo e pesquisador **Kabengele Munanga**, ao analisar a narrativa historiográfica hegemônica sobre os afrodescendentes no Brasil, ressalta que o “negro só pode ser protagonista da História do Brasil ao mostrar que ele faz parte dessa história não apenas como força muscular humana, mas como cérebro, resistente apesar do rolo compressor da escravidão”.

A força política e literária da obra de **Lima Barreto** é retomada pela historiadora **Lilia Schwarcz**, destacando que o autor “nos interpela como negro e com os projetos que ele trazia para que a população brasileira não esquecesse jamais o fato de que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão”.

Em outro contexto, mas com uma literatura de igual densidade, **Carolina Maria de Jesus** é retratada na entrevista com o professor **Jefferson Tenório**, que aponta a “fome existencial” dela como um traço marcante de seu texto.

Theodoro Sampaio foi um dos principais nomes a pensar um Brasil mais inclusivo, segundo relata o professor e pesquisador **Ademir dos Santos**, que frisa que “o grande valor da contribuição de Theodoro Sampaio foi ter empreendido uma obra plural, com contribuições importantes para vários campos conexos das geociências e humanidades”.

Um dos mais célebres negros da história do Brasil, **Machado de Assis**, é o tema da entrevista com o professor **Luís Augusto Fischer**. A literatura machadiana foi capaz de exprimir o espírito de seu próprio tempo, “um caso realmente raro de um sujeito especialmente inteligente e ao mesmo tempo operoso, em cuja obra podemos encontrar um tanto da alma do país em sua época”.

O multifacetado **Abdias Nascimento** é o personagem que **Sandra Almada**, jornalista e autora da biografia dele, aborda em sua entrevista. “O

professor Abdias, o senador Abdias, o dramaturgo Abdias, o poeta Abdias, o ator Abdias, o artista plástico Abdias insubordinava-se (contra o racismo e a discriminação), insurgia-se, sempre combatendo o ‘bom combate’, pondera.

A professora **Maria Alice Rezende de Carvalho** discute a importância de **André Rebouças** e suas obras, que foram o primeiro sinal de um desejo de Brasil desenvolvido para toda a população, não somente para os senhores donos de escravos.

Na reportagem *Em uma escola pública de Porto Alegre, educadores buscam diminuir desigualdade a partir do debate sobre estética feminina*, a realidade das mulheres negras é vista por outra perspectiva.

Esta edição publica um dossier sobre os 50 anos do romance *Cem anos de solidão*, de **Gabriel García Márquez**, com entrevistas de **Sergius Gonzaga**, **Márcia Lopes Duarte** e **Karina Lucena**. Outra efeméride, o meio século da estreia do filme *Terra em transe*, de **Glauber Rocha**, é tratada no artigo de **Leonardo Bomfim**.

Trazemos um apanhado geral sobre os eventos que o Instituto Humanitas Unisinos – IHU realizará em 2018, apresentando cada uma das atividades previstas. A reportagem *O ar fresco de uma Igreja em saída* discute como o pontificado de Francisco assume um protagonismo no contexto geopolítico global, que é tema do XVIII Simpósio Internacional do IHU. Complementam a edição os artigos *A frágil posição de um país baseado em economia comodificada*, de Bruno Lima Rocha, e *Desativar o dispositivo do dever-ser e poder a própria impotência*, de Márcia Junges.

A todas e a todos uma boa leitura e os votos de boas festas de Natal e de Ano Novo.



Foto: Stock Snap/
Pixabay

Sumário

- 4 ■ Temas em destaque
- 6 ■ Dossiê *Cem anos de solidão* | Sergius Gonzaga: O livro que pôs de pé um mundo próprio, inconfundível e inimitável
- 10 ■ Dossiê *Cem anos de solidão* | Márcia Lopes Duarte: *Cem anos de solidão* contribuiu para reinventar a América Latina
- 12 ■ Dossiê *Cem anos de solidão* | Karina Lucena: Um romance que espelha a violência, a opressão e o conservadorismo latino-americano
- 15 ■ Leonardo Bomfim: *Terra em transe* chega aos 50 anos em um momento convulso
- 21 ■ Lara Ely: O ar fresco de uma Igreja em saída
- 23 ■ João Vitor Santos: Calendário de eventos do IHU abordará violência, política, economia nacional e Revolução 4.0
- 26 ■ Tema de capa | Kabengele Munanga: A transformação do negro em ser errante
- 33 ■ Tema de capa | Lilia Schwarcz: Mais do que uma biografia conturbada, o escritor da literatura de urgência
- 42 ■ Tema de capa | Jeferson Tenório: A fome de literatura de Carolina Maria de Jesus
- 47 ■ Tema de capa | Ademir dos Santos: O anti-herói que pensou um Brasil moderno e inclusivo
- 53 ■ Tema de capa | Luís Augusto Fischer: A polêmica tentativa de embranquecer Machado de Assis
- 60 ■ Tema de capa | Sandra Almada: O incessante bom combate de Abdias Nascimento
- 64 ■ Tema de capa | Maria Alice de Carvalho: A busca por uma civilização mais igualitária e livre
- 68 ■ Luciana Dornelles: Representatividade importa
- 71 ■ Márcia Junges: Desativar o dispositivo do dever-ser e poder a própria impotência
- 74 ■ Crítica internacional | Bruno Lima Rocha: A frágil posição de um país baseado em economia comodificada
- 76 ■ Publicações | Claudio de Oliveira Ribeiro: O Princípio Pluralista
- 77 ■ Dos Meios à Midiatização. Um Conceito em Evolução
- 79 ■ Outras edições

3



Revista do Instituto Humanitas Unisinos
 ISSN 1981-8769 (impresso)
 ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação
 Inácio Neutzling
 (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU
 Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
 (ricardom@unisinos.br)

Jornalistas
 João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
 (joaovs@unisinos.br)
 Lara Ely - MTB 13.378/RS
 (laraely@unisinos.br)
 Patricia Fachin - MTB 13.062/RS
 (prfachin@unisinos.br)
 Vitor Nechi - MTB 7.466/RS
 (vnechi@unisinos.br)

Revisão
 Carla Bigiardi

Projeto Gráfico
 Ricardo Machado

Editoração
 Gustavo Guedes Weber

Atualização diária do sítio
 Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen e William Gonçalves.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
 CEP: 93022-000
Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider
 (jacintos@unisinos.br)

Entrevistas completas em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

A crise da intelectualidade brasileira e a interdição do debate



“Em grande parte, a intelectualidade seguiu a maré e mantém-se fiel ao PT e suas narrativas, mesmo que para isso sejam forçados a prostituir-se academicamente. As consequências estamos vendo hoje: interdição do debate.”.

Raphael Tsavkko Garcia, graduado em Relações Internacionais, mestre em Comunicação e doutorando em Direitos Humanos.

O STF deve entrar em questões técnicas ao julgar novo Código Florestal; não há outro caminho



“O novo Código Florestal alinha-se a uma série de políticas que inviabilizam nosso futuro com qualidade e dignidade, ao trazer padrões ambientais menos restritivos ao direito de propriedade, especialmente aos imóveis rurais, em um cenário de acirramento dos problemas ambientais e sociais”.

Virginia Totti Guimarães, professora de Direito Ambiental e Direito Urbanístico da PUC-Rio e coordenadora assistente do curso de Graduação de Direito da PUC-Rio.

4

Eliminação dos custos associados ao trabalhador é espinha dorsal da reforma trabalhista



“Para pensarmos nas consequências da reforma, temos primeiramente de olhar para a estrutura do mercado de trabalho brasileiro. É preciso ter em mente que o mercado de trabalho se fundamenta desde sempre em uma profunda desigualdade social e uma precariedade permanente”.

Ludmila Abilio, pesquisadora do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho - Cesit, na Faculdade de Economia da Unicamp.

Instruções do Banco Mundial podem levar ao fim da pesquisa científica no Brasil



“O relatório menciona apenas de passagem os avanços na inclusão social no acesso à universidade pública. Apresenta o dado de que em 2002 apenas 4% dos estudantes integravam o grupo dos 40% mais pobres. Em 2015 essa proporção subira para 15%.”.

Peter Schulz, graduado, mestre e doutor em Física.

O topo do topo - Quem é a classe média e quem é quem nas estratificações do Brasil



“A maioria do povo brasileiro trabalha para viver, e os dados de desigualdades são muito apoiados nas rendas do trabalho. Portanto, isso faz com que aumente a percepção entre desigualdade e renda, o que está de acordo com qualquer visão de desigualdade fora do Brasil”.

Rafael Georges, graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC -SP, mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília - UnB, doutorando em Ciência Política na UnB.



Textos na íntegra em www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Argentina fecha o círculo do crime mais cruel da ditadura

Maria del Rosario Cerruti, como outras mães de desaparecidos, estava juntando dinheiro em frente à Igreja de Santa Cruz. Precisavam do valor para pagar um anúncio no jornal La Nación com os nomes de 804 desaparecidos. Dentro da Igreja, o infiltrado Alfredo Astiz [...] deu o sinal da morte: beijou os que deviam ser sequestrados.

Reportagem de Carlos E. Cué, publicada por El País, reproduzida nas Notícias do Dia de 11-12-2017, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2Cw3GBW>.

Judith Butler: corpos que resistem ao ódio e ao poder

Judith Butler guarda muitas imagens em sua memória, sua obra reúne grande parte. O atentado ao World Trade Center, as fotografias que retratam os corpos torturados de Guantánamo e Abu Ghraib, os gritos que em 2011 incomodaram a perfeição sepulcral de Wall Street... Todas constituem peças de seu quebra-cabeças teórico que pensa e interpela a realidade.

Entrevista com Judith Butler, publicada por Clarín-Revista Ñ, reproduzida nas Notícias do Dia de 8-12-2017, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2j6KNL>.

Coreias. Do tecnocapitalismo definitivo ao comunismo dinástico

Dois cronistas viajaram separadamente para as Coreias do Sul e do Norte e registraram suas impressões em um livro de crônica e ensaio aplicando a obra do filósofo Byung Chui Han e seus conceitos de “sociedade do cansaço” e “panóptico digital” e um desenvolvimento que deixa para trás o modelo de “sociedade disciplinar” de Foucault a favor de outro, que ele chama de “sociedade do rendimento”

Entrevista com Beatriz Ardiles, publicada por Página, reproduzida nas Notícias do Dia de 12-12-2017, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2jVHYQs>.

5

Brasil tem maior concentração de renda do mundo entre 1% mais rico

Quase 30% da renda do Brasil está nas mãos de apenas 1% dos habitantes do país, a maior concentração do tipo no mundo. É o que indica a Pesquisa Desigualdade Mundial 2018, coordenada, entre outros, pelo economista francês Thomas Piketty. O grupo, composto por centenas de estudiosos, disponibiliza nesta quinta-feira um banco de dados que permite comparar a evolução da desigualdade de renda no mundo nos últimos anos.

A reportagem publicada por El País e reproduzida nas Notícias do Dia de 14-12-2017, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2AwH0Ac>.

Revolução e Democracia, reencontro incerto

“Democratizar a revolução e revolucionar a democracia são a única via para travar o caminho ao crescimento das forças de extrema-direita e fascistas que vão ocupando o campo democrático, aproveitando-se das debilidades estruturais da democracia liberal. A miséria da liberdade será patente quando a grande maioria da população só tiver liberdade para ser miserável”, escreve Boaventura de Sousa Santos, sociólogo português.

O artigo foi publicado por Outras Palavras, reproduzido nas Notícias do Dia de 14-12-2017, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2zexp2U>.

“Estar nas encruzilhadas da história.” Conversas do Papa com jesuítas de Myanmar e Bangladesh

De 26 de novembro a 2 de dezembro, o papa Francisco fez a sua 21ª viagem apostólica fora da Itália, dirigindo-se para Myanmar e Bangladesh. Em 29 de novembro, logo após o encontro com os bispos de Myanmar, Francisco encontrou-se com 300 seminaristas esperando por ele para uma foto. Comentário do jesuíta italiano Antonio Spadaro, diretor da La Civiltà Cattolica.

Artigo publicado pela La Civiltà Cattolica e reproduzido nas Notícias do dia de 15-12-2017, no sítio do IHU, disponível <http://bit.ly/2APSGIZ>.

O livro que pôs de pé um mundo próprio, inconfundível e inimitável

Sergius Gonzaga afirma que *Cem anos de solidão*, a suma das possibilidades infinitas do gênero romanesco, está entre os dez maiores de todos os tempos

Vitor Necchi

O romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, foi escrito “durante os férvidos anos 1960” e faz parte de uma “tendência coletiva de jovens narradores conhecida como o ‘boom’ da literatura latino-americana”, contextualiza o professor de literatura Sergius Gonzaga. Naquele período, a Revolução Cubana ajudou a consolidar um sentimento de “latinoamericanidad”, que inexistia e “abria uma noção cosmopolita de pertencer não ao reduzido espectro de uma cultura nacional, mas de uma cultura internacional”. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Gonzaga considera que “isso representava a ultrapassagem das fronteiras do provincialismo estético e ideológico e a inserção nos círculos letados mais importantes do mundo”.

O professor avalia que, atualmente, há algumas resistências ao livro, “mas ele continua sendo lido – ou melhor, devorado – por milhões de leitores no mundo inteiro”. Tanta acolhida é ajudada pelo fato de que o romance é “composto por vários estratos, que autorizam várias possibilidades interpretativas, vários tipos de leitura”

que, conforme Gonzaga, são: fabulação, cenas de notável intensidade dramática, tom humorístico, surpresas que a cada página são oferecidas ao leitor e construção de um simulacro persuasivo da realidade, inclusive quando ela se torna mágica. Para além desses elementos, o professor aponta como marca da obra a poesia da linguagem, noção trágica de fatalidade que persegue os indivíduos, o fracasso de todos eles em dar significado às empresas humanas.

Sergius Gonzaga é professor de Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Dirigiu a editora da UFRGS e o Instituto Estadual do Livro. De 2005 a 2012, exerceu a função de secretário Municipal de Cultura de Porto Alegre, onde atualmente está à frente da Coordenação do Livro e Literatura. Foi um dos fundadores do curso Unificado e do colégio Leonardo da Vinci. Autor de *Curso de Literatura Brasileira* (Porto Alegre: Leitura XXI, 2012) e *O hipnotizador de Taquara e outras crônicas de tv* (Porto Alegre: Leitura XXI, 2009).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que reside a potência de *Cem anos de solidão*?

Sergius Gonzaga – Trata-se extremamente imaginativo, de de um relato múltiplo. Relato de exageros delirantes; relato de aventuras, do real-maravilhoso, costumes de um mundo morto; relato

“Hoje há algumas resistências ao livro, mas ele continua sendo lido – ou melhor, devorado – por milhões de leitores no mundo inteiro”

histórico, de desmedidas paixões humanas, cheio de humor; relato metafísico em que se discute o destino dos seres e o sentido da escrita; relato de plena acessibilidade apto a ser compreendido por qualquer tipo de leitor, pelo menos na camada de sua trama; enfim, é uma espécie de suma das possibilidades infinitas do gênero romanesco.

IHU On-Line – Em que contexto social, político e cultural a obra foi escrita?

Sergius Gonzaga – Escrito durante os férvidos anos 1960, o texto se integra a uma tendência coletiva de jovens narradores conhecida como o “boom” da literatura latino-americana (Cortázar, Car-

1 **Julio Cortázar** (1914-1984): escritor e professor argentino nascido na Bélgica. Em 1951, aos 37 anos, por não concordar com a ditadura na Argentina, partiu para Paris (França), graças a uma bolsa de estudo do governo francês de dez meses, mas acabou se instalando definitivamente no país, até sua morte. Trabalhou durante muitos anos como tradutor da Unesco. Cortázar casou com a tradutora argentina Aurora Bernárdez em 1953. Passavam por dificuldades econômicas até surgir a oportunidade de Cortázar traduzir a obra completa, em prosa, de Edgar Allan Poe para a Universidade de Porto Rico. Esse trabalho foi considerado pelos críticos como a melhor tradução da obra do escritor. Em 1973, recebeu o Prêmio Médicis por seu *Libro de Manuel* e destinou seus direitos à ajuda dos presos políticos na Argentina. Em 1974, foi membro do Tribunal Bertrand Russell II, reunido em Roma para examinar a situação política na América Latina, em particular as violações dos direitos humanos. Em 1983, com a redemocratização da Argentina, Cortázar fez uma última viagem ao seu país natal, onde foi recebido calorosamente por admiradores, em contraste com a indiferença das autoridades nacionais. Depois de visitar vários amigos, regressou a Paris. Pouco depois recebeu a nacionalidade francesa. Carol Dunlop, sua última esposa, faleceu em 2 de novembro de 1982, o que causou uma profunda depressão em Cortázar. Ele morreu de leucemia em 1984, sendo enterrado no Cemitério do Montparnasse, na mesma tumba de Carol, onde se ergue a imagem de um “cronópio”, personagem criado pelo escritor. É considerado um dos autores mais inovadores e originais de seu tempo, mestre do conto curto e da prosa poética, comparável a Jorge Luis Borges e Edgar Allan Poe. Foi o criador de novelas que inauguraram uma nova forma de fazer literatura na América Latina, rom-

los Fuentes², Vargas Llosa³, José

pendo os moldes clássicos mediante narrações que escapam da linearidade temporal e onde os personagens adquirem autonomia e profundidade psicológica inéditas. Seu livro mais conhecido é *Rayuela (O Jogo da Amarelinha)*, de 1963, que permite várias leituras orientadas pelo próprio autor. Outras obras: *Bestiário* (1951), *As armas secretas* (1959), *Histórias de cronópios e de famas* (1962), *Todos os fogos o fogo* (1966), *Livro de Manuel* (1973) e *Octaedro* (1974). Cortázar inspirou um grande número de cineastas, entre eles o italiano Michelangelo Antonioni, cujo longa-metragem *Blow-Up* foi baseado no conto *As babas do Diabo* (do livro *As Armas Secretas*). (Nota da IHU On-Line)

2 **Carlos Fuentes** (1928-2012): escritor mexicano. Filho de diplomatas mexicanos, nasceu no Panamá. Passou sua infância em diversas capitais da América: Montevideu, Rio de Janeiro, Washington D.C., Santiago de Chile, Quito e Buenos Aires. Aos 16 anos, voltou ao México, onde residiu até 1965. Graduou-se em Direito no México e em Economia na Suíça. Foi embaixador do México na França. Em 1977, renunciou ao posto em protesto contra a nomeação do ex-presidente mexicano Diaz Ordaz como primeiro embaixador do México na Espanha, após a morte de Franco. Em diversas ocasiões, manifestou-se favoravelmente a Fidel Castro embora, em outras oportunidades, fizesse críticas importantes ao governante cubano. Elogiou também a abertura de Raúl Castro. Lecionou em Harvard, Cambridge, Princeton e outras universidades norte-americanas. Ao longo de sua longa e profícua carreira, foram-lhe atribuídos diversos prêmios e distinções, entre os quais o Prêmio Miguel de Cervantes, em 1987 e o Prêmio Príncipe de Astúrias (1994). Além das suas obras de ficção, também ficou conhecido pelos seus ensaios sobre política e cultura. Fuentes fez parte de um movimento literário formado no século passado por autores que criticavam as estruturas políticas africanas da América Latina. Foi um grande admirador de Machado de Assis, que considerava como o único autor da América Latina do século 19 a ter seguido a tradição de Cervantes – a chamada “tradição de la Mancha”. Em agosto de 1997, durante uma conferência na Academia Brasileira de Letras, Fuentes tratou das relações entre Dom Quixote e o romance machadiano. Morreu aos 83 anos, em 15 de maio de 2012, um dia após ser premiado com o título de doutor honoris causa pela Universidade das Ilhas Baleares pela qualidade e extensão da sua obra. Sua obra é extensa, tendo escrito peças de teatro, ensaios, contos e romances. Alguns de seus livros: *A região mais transparente* (1958), *A morte de Artemio Cruz* (1962), *Aura* (1962), *Zona Sagrada* (1967), *Cabeça da hidra* (1978), *Gringo velho* (1985), *O espelho enterrado* (1992), *A cadeira da Águia* (2002), *Contra Bush* (2004) e *Antologia de contos Carolina Grau* (2010). (Nota da IHU On-Line)

3 **Mario Vargas Llosa** (1936): escritor, jornalista, ensaísta e político peruano, laureado com o Nobel de Literatura de 2010. Aos 14 anos, ingressou por vontade paterna no Colégio Militar Leônidas Prado, em La Perla, como aluno interno, permanecendo por dois anos. Essa experiência inspirou o tema do seu primeiro livro, *La ciudad y los perros*, publicado no Brasil como *Batismo de Fogo* e, posteriormente, como *A cidade e os cachorros*. Em 1953, foi admitido na tradicional Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, a mais antiga da América, onde estudou Letras e Direito. Aos 19 anos, casou com Julia Urquidi e passa a ter vários empregos para sobreviver. Em 1958, recebeu a bolsa de estudos Javier Prado a rumou para a Espanha, onde obteve o doutorado em Filosofia e Letras na Universi-

Donoso⁴ e García Márquez). Sob o influxo das obras de Faulkner⁵,

dade Complutense de Madri. Depois vai para a França, onde viveu durante alguns anos. Em 1964, divorciou-se de Julia e, em 1965, casou-se com a prima Patricia Llosa, com quem teve três filhos: Álvaro, Gonzalo e Morgana. Sua obra critica a hierarquia de castas sociais e raciais do Peru e da América Latina. Seu principal tema é a luta pela liberdade individual na realidade opressiva do Peru. A princípio, assim como vários outros intelectuais de sua geração, Vargas Llosa sofreu a influência do existentialismo de Jean Paul Sartre. Muitos dos seus escritos são autobiográficos, como o já referido *A cidade e os cachorros* e *A Casa Verde* (1966) e *Tia Júlia e o Escravinhador* (1977). Outras obras: *Os filhotes* (1967), *Conversa na catedral* (1969), *Pantaleão e as visitadoras* (1973), *A guerra do fim do mundo* (1981), *História de Mayta* (1984), *Quem matou Palomino Moleiro?* (1986), *O falador* (1987), *Elogio da madrasta* (1988), *Os cadernos de Dom Rigoberto* (1997), *A festa do bode* (2000), *O paraíso na outra esquina* (2003), *Travessuras da menina má* (2006), *O sonho do celta* (2010), *O herói discreto* (2013) e *Cinco Esquinas* (2016). O ensaio *García Márquez: história de um deicídio* (1971) trata da obra do escritor colombiano de quem foi muito amigo. Ambos acabaram rompendo relações e nunca mais se falaram, até a morte de Márquez. Inicialmente simpaticante do socialismo e admirador de Fidel Castro, assim como da revolução cubana, Vargas Llosa acabou por adotar posições liberais, a ponto de candidatar-se à presidência de seu país por uma coligação de centro-direita, em 1990. (Nota da IHU On-Line)

4 **José Donoso** (1924-1996): escritor, jornalista e professor chileno. Em 1957, enquanto vivia com uma família de pescadores, publicou seu primeiro romance, *Coronación*, na qual realizou uma descrição magistral das classes abastadas de Santiago e sua decadência. Em 1961, casou-se com María del Pilar Serrano. Posteriormente, mudou-se para a Espanha, onde residiu entre 1967 e 1981. Ali publicou *El obsceno pájaro de la noche* (1970), considerado um de seus melhores trabalhos e, certamente, o de maior inspiração e ambição literária. Em 1972, publicou o ensaio *Historia personal del «Boom»* e, em 1973, *Tres novelitas burguesas*. Quando do golpe de Estado de Pinochet em 1973, considerou-se autoexilado na Espanha. Em 1978, publicou *Casa de campo*, romance de crítica sutil à ditadura chilena e que obteve o Premio de la Crítica em 1979. Em 2007 foi editado um romance inédito do autor, *Largatija sin cola* (originalmente chamado *La cola de la largatija*, mas cujo título foi modificado pela editora), bem como uma biografia escrita pela filha de Donoso, Pilar Donoso. (Nota da IHU On-Line)

5 **William Faulkner** (1897-1962): escritor norte-americano, considerado um dos maiores do século 20. Recebeu o Nobel de Literatura de 1949. Posteriormente, ganhou o National Book Awards em 1951, por *Collected Stories*, e em 1955, pelo romance *Uma fábula*. Foi vencedor de dois prêmios Pulitzer de Ficção, o primeiro em 1955 por *Uma fábula* e o segundo em 1962 por *Os desgarrados*. Utilizando a técnica do fluxo de consciência, consagrada por James Joyce, Virginia Woolf, Marcel Proust e Thomas Mann, Faulkner narrou a decadência do sul dos Estados Unidos, interiorizando-a em seus personagens, a maioria deles vivendo situações desesperadoras no condado imaginário de Yoknapatawpha. Por muitas vezes descrever múltiplos pontos de vista (não raro, simultaneamente) e impor bruscas mudanças de tempo narrativo, a obra faulkneriana é tida como extremamente complexa e desafia-

Hemingway⁶, Kafka⁷ e outros autores do grande modernismo europeu e norte-americano e também das obras dos “maestros anteriores del continente”: Juan Rulfo⁸, Jorge Luis Borges⁹, Juan Onetti¹⁰, Ernesto

dora. (Nota da IHU On-Line)

6 Ernest Hemingway (1899-1961): escritor estadunidense. Trabalhou como correspondente de guerra em Madri durante a Guerra Civil Espanhola. Essa experiência inspirou uma de suas maiores obras, *Por quem os sinos dobraram*. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, se instalou em Cuba. Em 1953, ganhou o Prêmio Pulitzer de Ficção, e, em 1954, o Nobel de Literatura. Ao longo da sua vida, o tema suicídio aparece em escritos, cartas e conversas com muita frequência. Seu pai suicidou-se em 1929 por problemas de saúde e financeiros. Sua mãe, Grace, dona de casa e professora de canto e ópera, o atormentava com a sua personalidade dominadora. Ela enviou-lhe, pelo correio, a pistola com a qual o seu pai havia se matado. O escritor ficou sem saber se ela queria que ele repetisse o ato do pai ou que guardasse a arma como lembrança. Aos 61 anos e enfrentando problemas de hipertensão, diabetes, depressão e perda de memória, Hemingway decidiu-se pela primeira alternativa. A vida inteira jogou com a morte, até que, na manhã de 2 de julho de 1961, em Ketchum, em Idaho, tomou um fuzil de caça e disparou contra si mesmo. Algumas de suas obras: *Paris é uma festa*, *O verão perigoso*, *A quinta coluna*, *O velho e o mar*, *Por quem os sinos dobraram*, *O sol também se levanta* e *Verdade ao amanhecer*. (Nota da IHU On-Line)

7 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como *A metamorfose*, *O processo* e *O castelo*, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo “kafkiano” popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)

8 Juan Rulfo (1917-1986): escritor mexicano considerado o principal precursor do chamado realismo mágico latino-americano. Publicou apenas duas obras em vida: *El llano en llamas* (1953) e *Pedro Páramo* (1955), que foram traduzidas para vários idiomas. A influência de Rulfo na narrativa e em geral na literatura latino-americana é sentida na obra de vários escritores que protagonizaram o chamado boom literário da segunda metade do século 20. Mesmo poetas, como Nicanor Parra (que se considera um antipoeta), foram influenciados por sua obra. Rulfo é considerado o principal precursor do chamado realismo mágico latino-americano, um movimento que contou com integrantes como García Márquez, Jorge Luis Borges e Julio Cortázar, todos admiradores de Rulfo. Poucas vezes obras tão succinctas (Rulfo sempre afirmou fazer um exercício de redução literária ao mínimo indispensável) tiveram tanta importância e influência sobre uma geração inteira de escritores. Boa parte de sua obra foi alvo de adaptações cinematográficas. (Nota da IHU On-Line)

9 Jorge Luis Borges (1899-1986): escritor, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino. Em 1914, sua família mudou-se para Suíça, onde estudou e de onde viajou para a Espanha. Quando regressou à Argentina em 1921, começou a publicar os seus poemas e ensaios em revistas literárias surrealistas. Também trabalhou como bibliotecário e professor universitário. Em 1955, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina e professor de literatura na Universidade de Buenos Aires. Em 1961 destacou-se no cenário internacional quando recebeu o primeiro prêmio internacional de editores, o Prêmio Formentor Internacional, repartindo o prêmio com o dramaturgo Samuel Beckett. No mesmo ano, recebeu a condecoração da Ordem do Comendador do presidente da Itália, Giovanni Gronchi. O seu trabalho foi traduzido e publicado extensivamente nos Estados Unidos e na Europa. Borges era fluente em várias línguas. Os seus livros mais famosos, *Ficções* (1944) e *O Aleph* (1949), são coletâneas de histórias curtas interligadas por temas comuns: sonhos, labirintos, bibliotecas, escritores e livros fictícios, religião, Deus. A sua fama internacional foi consolidada na década de 1960, ajudado pelo boom latino-americano e o sucesso de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. (Nota da IHU On-Line)

10 Juan Carlos Onetti (1909-1994): romancista e contista uruguai. É considerado o escritor mais importante de seu país e um dos maiores criadores de ficção em espanhol do século 20. Apresenta em toda sua obra uma estrutura

Sabato¹¹ e Alejo Carpentier¹² – esses jovens criaram um conjunto de romances prodigiosos e verdadeiramente deslumbrantes, como *A morte de Artemio Cruz* [de Carlos Fuentes], *Rayuela* [de Julio Cortázar], *A cidade e os cachorros* [de Mario Vargas Llosa] etc.

Igualmente o triunfo da Revolução Cubana, com todas as promessas e ilusões que encerrava, contribuiu para um sentimento de “latinoamericanidad” – inexistente até então – e que lhes abria uma noção cosmopolita de pertencer não ao reduzido espectro de uma cultura nacional, mas de uma cultura internacional. Isso representava a ultrapassagem das fronteiras do provincianismo estético e ideológico e a inserção nos círculos letreados mais importantes do mundo.

Some-se a isso a notável expansão do número de leitores na época, devido ao incremento educacional ocorrido no pós-guerra, o que gerou um público composto basicamente por jovens, dispostos a procurar o novo, o vanguardista e o inusitado. Não podemos esquecer que a década de 1960 foi a da revolução estudantil, com seus protestos incendiários, sua insubmissão aos códigos de costumes patriarcais e sua disposição a toda a sorte de aventuras emocionais, políticas e culturais. Os núcleos mais intelectualizados dessas massas sediciosas constituíram a base primordial dos leitores da nova narrativa latino-americana.

ra original e inovadora. Recebeu o Prêmio Cervantes de literatura em 1980. Além do reconhecimento institucional, Onetti gozava de largo prestígio entre os escritores latino-americanos. Entre seus livros mais conhecidos estão *A vida breve*, *O poço*, *Junta-cadáveres*, *O estaleiro* e *Deixemos falar o vento*. (Nota da IHU On-Line)

11 Ernesto Sabato (1911-2011): romancista, ensaísta e artista plástico argentino. Vencedor do Prêmio Cervantes de Literatura de 1984 e um dos maiores autores argentinos do século 20. Escreveu três romances que se encontram entre as obras fundamentais da literatura argentina: *O túnel* (1948), *Sobre heróis e tumbas* (1961) e *Abaddón o exterminador* (1974). (Nota da IHU On-Line)

12 Alejo Carpentier (1904-1980): escritor cubano. De pai francês e mãe russa, Carpentier reflete essa circunstância no seu cosmopolitismo. Sua literatura é frequentemente associada ao realismo fantástico. Seus livros mais destacados são *A música em Cuba* e *O reino deste mundo*, romance em que capta o realismo mágico do continente americano, baseando-se numa intriga referente ao primeiro imperador negro do Haiti. Outras obras: *Écume-Yamba-O!* (1933), *O reino deste mundo* (1949), *Os passos perdidos* (1953), *O séculos das luzes* (1962), *Concerto barroco* (1974), *O recurso do método* (1974), *A consagração da primavera* (1978) e *A harpa e a sombra* (1979). (Nota da IHU On-Line)

Houve na época, por fim, um aumento significativo de cursos universitários, de casas editoriais, de suplementos e revistas de cultura. E ainda surgiu, como elemento catalisador, a figura do agente literário, capaz de oferecer aos escritores contratos mais vantajosos e a possibilidade de viver exclusivamente do que produziam, sendo que em Barcelona despontou Carmen Balcells¹³, espécie de protetora de García Márquez, Vargas Llosa e de outros nomes decisivos do boom.

IHU On-Line – Por que nos anos 1960 e 1970 a esquerda acolheu o livro?

Sergius Gonzaga – Exceção feita a alguns escritores invejosos e a alguns críticos rabugentos, o romance foi acolhido com entusiasmo em todas as áreas culturais e ideológicas, e não exclusivamente pela esquerda.

IHU On-Line – E hoje, qual a coloratura política do romance?

Sergius Gonzaga – Embora haja uma arguição social da febre bananeira, comandada por empresa americana, o romance não é político, pelo menos em seus estratos decisivos. É o romance de um universo condenado a desaparecer, um universo sacralizado, onde impera a explicação mítica das coisas, uma ordem histórica que furacão modernizador vivido pelo Ocidente – especialmente nos últimos 150 anos – aniquilou, em um processo que Max Weber¹⁴ designou como o de “desencantamento do mundo”.

13 Carmen Balcells (1930-2015): renomada agente literária, representou escritores espanhóis e hispano-americanos de renome, entre eles seis prêmios Nobel: Miguel Ángel Asturias, Pablo Neruda, Vicente Aleixandre, Gabriel García Márquez, Camilo José Cela e Mário Vargas Llosa. Nos anos 1960, revolucionou o panorama editorial, e os escritores puderam começar a viver dos lucros gerados pelas suas obras. Contribuiu para impulsionar o chamado boom da literatura latino-americana. (Nota da IHU On-Line)

14 Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (São Paulo: Companhia das Letras) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A IHU On-Line dedicou-lhe a sua edição 101, de 17-5-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/ihuon101>. Sobre Max Weber, o IHU publicou o *Cadernos IHU em formação* nº 3, de 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*, disponível em <http://bit.ly/ihuem03>. (Nota da IHU On-Line)

“É um romance composto por vários estratos, que autorizam várias possibilidades interpretativas, vários tipos de leitura”

IHU On-Line – Trata-se de um romance de moda ou ele tem um valor que resiste à passagem do tempo? Por quê?

Sergius Gonzaga – Hoje há algumas resistências ao livro, mas ele continua sendo lido – ou melhor, devorado – por milhões de leitores no mundo inteiro, enquanto os best sellers da época estão irremediavelmente esquecidos. O tempo é sempre o senhor da razão e, no caso da arte, é ele quem fixa o cânone.

IHU On-Line – Na época do lançamento de *Cem anos de solidão*, não era forte a ideia de uma unidade cultural latino-americana, algo que depois se consolidou. Como esta obra dialoga com a América Latina?

Sergius Gonzaga – Eu diria que é exatamente o contrário, nunca se falou tanto em América Latina como nos anos 1960 e 1970. A América Latina é uma invenção da Revolução Cubana e dos escritores do boom.

Ninguém falava antes e, com certo exagero, pode-se dizer que ninguém dá mais importância hoje.

IHU On-Line – Leitores de diferentes matizes e formações apreciam a obra. O que lhe garante este espectro amplo?

Sergius Gonzaga – É um romance composto por vários estratos, que autorizam várias possibilidades interpretativas, vários tipos de leitura. Pode-se lê-lo por sua fabulação, por suas cenas de notável intensidade dramática, pelo tom humorístico, pelas surpresas que a cada página são oferecidas ao leitor e pela construção de um simulacro persuasivo da realidade, inclusive quando ela se torna mágica. Em um nível, quem sabe mais profundo, pela poesia da linguagem, pela noção trágica de fatalidade que persegue os indivíduos, pelo fracasso de todos eles em dar significado às empresas humanas.

IHU On-Line – Entre os gigantes latino-americanos das letras, qual o espaço ocupado por García Márquez?

Sergius Gonzaga – Está entre os dez maiores de todos os tempos: pôs de pé um mundo próprio, inconfundível e inimitável. Um concorrente de Deus, como disse Vargas Llosa.

IHU On-Line – Pode-se afirmar que García Márquez deu mais relevância mundial para a Colômbia?

Sergius Gonzaga – Como a América Latina, a Colômbia era uma abstração antes de García Márquez. Vargas Llosa afirmou que *Cem anos de solidão* “tem a virtude de poucas

obras-primas: a capacidade de atrair um leitor exigente preocupado com a linguagem e, ao mesmo tempo, um leitor elementar que só quer seguir a história”. O que na obra fisga o leitor exigente? E o elementar?

IHU On-Line – Fale de sua experiência pessoal. Quando leu *Cem anos de solidão* pela primeira vez e qual foi a sensação?

Sergius Gonzaga – Li-a um ano depois de seu lançamento, no primeiro semestre de 1968, recomendado por um amigo argentino. Naquele tempo, tive uma sucessão de epifanias: *Ficciones* e *El Aleph*, de Borges; *Grande sertão: veredas*, de J. G. Rosa¹⁵; *La ciudad y los perros* e *Conversación en la Catedral*, de Vargas Llosa; *El llano em llamas* e *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo; os *Contos*, de Juan Carlos Onetti; *Rayuela* e *Las armas secretas*, de Cortázar; *La región más transparente* e *La muerte de Artemio Cruz*, de Carlos Fuentes; *El tunel* e *Sobre héroes y tumbas*, de Sábato; e, é claro, *Cien años de soledad* e *El coronel no tiene quien le escriba*, de García Márquez. Só obras-primas. Esmagadoras. ■

9

¹⁵ João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, *Primeiras estórias* (1962) e *Tutaméia* (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da **IHU On-Line**, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. (Nota da **IHU On-Line**)

Ciclo de Palestras

**Trajetória da Política Econômica
Brasileira 2003-2017.**

Crescimento, crise e novas possibilidades
De 27 de março a 7 de junho de 2018

ihu.unisinos.br

Cem anos de solidão contribuiu para reinventar a América Latina

Para Márcia Lopes Duarte, o romance apresenta uma visão que não está nos jornais, nos noticiários e nem nos livros de historiografia

Vitor Necchi

Na época em que Gabriel García Márquez lançou *Cem anos de solidão*, há meio século, ainda não era reconhecida no mundo a grande matriz cultural que constitui a América Latina. “O livro contribuiu muito para a reinvenção do continente, criando novos paradigmas de identidade, assumida a partir da consideração de que é um continente plural, que agrupa circunstâncias múltiplas e abarca uma gama considerável de culturas e práticas sociais”, analisa a professora de literatura Márcia Lopes Duarte em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Ao refletir sobre a narrativa da obra mais célebre do escritor colombiano, Duarte aponta que “a primeira premissa a ser pensada é a que se refere à circularidade”. Ela descreve: “Os fatos

são sempre uma repetição, com nova roupagem, de fatos anteriores. Neste sentido, os personagens são espelhados e multiplicados uns nos outros, e as histórias são releituras umas das outras”.

O romance permite ainda que se tenha “uma visão privilegiada sobre a Colômbia”, afirma a professora. “Uma visão que não está nos jornais, nos noticiários nem nos livros de historiografia. Trata-se de uma exposição clara de todo o imaginário colombiano, toda a simbologia que perpassa a consolidação do estado colombiano”.

Márcia Lopes Duarte é graduada, mestra e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. É professora na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual a cena literária no momento do lançamento de *Cem anos de solidão*?

Márcia Lopes Duarte – Na época em que García Márquez lançou *Cem anos de solidão*, a América Latina não era, ainda, considerada a grande matriz cultural que é hoje. O livro contribuiu muito para a reinvenção do continente, criando novos paradigmas de identidade, assumida a partir da consideração de que é um continente plural, que agrupa circunstâncias múltiplas e abarca uma gama considerável de culturas e práticas sociais. Ao lançar um romance tão significativo, o escritor colombiano instaurou esta perspectiva e possibilitou que ela se expandisse. Márquez não foi o primeiro autor a trabalhar com esta realidade, mas foi o que teve a voz

mais produtiva.

IHU On-Line – Que considerações podem ser feitas sobre a narrativa, a escrita adotada em *Cem anos de solidão*?

Márcia Lopes Duarte – No que se refere à narrativa, a primeira premissa a ser pensada é a que se refere à circularidade. Os fatos são sempre uma repetição, com nova roupagem, de fatos anteriores. Neste sentido, os personagens são espelhados e multiplicados uns nos outros, e as histórias são releituras umas das outras. Tal circularidade impregna a narrativa de duplicitades e antagonismos, tudo o que é visto pode ser lido como uma nova possibilidade com relação ao que já aconteceu. Neste sentido, a própria

cronologia, para além dos cem anos, é totalmente reestruturada, pois há episódios que tanto podem estar antes como depois uns dos outros.

IHU On-Line – Na sua análise, esta é a principal obra de García Márquez? Por quê?

Márcia Lopes Duarte – É a principal obra de Márquez principalmente por dois motivos: em primeiro lugar, é certamente sua obra mais conhecida, mais lida, é a obra que o divulgou para o mundo e fez dele um escritor famoso; além disso, é sua obra mais característica. Como *Grande sertão: veredas* é a assinatura de Guimarães Rosa¹, também *Cem anos de solidão*

¹ João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de lin-

“Na época em que García Márquez lançou *Cem anos de solidão*, a América Latina não era, ainda, considerada a grande matriz cultural que é hoje”

marcou para sempre o escritor Gabriel García Márquez. Se pensamos nele como autor, logo nos vêm à cabeça as cenas inusitadas do livro.

IHU On-Line – Trata-se de uma obra que ajuda a compreender a Colômbia? Por quê?

Márcia Lopes Duarte – Quem lê *Cem anos de solidão* consegue ter uma visão privilegiada sobre a Colômbia. Uma visão que não está nos jornais, nos noticiários nem nos livros de historiografia. Trata-se de uma exposição clara de todo o imaginário colombiano, toda a simbologia que perpassa a consolidação do estado colombiano. *Cem anos de solidão* é uma aula sobre o modo de ser colombiano, e, porque não, sobre o modo de ser latino-americano.

IHU On-Line – A crítica literária cunhou a expressão realismo mágico, ou realismo fantástico, para caracterizar obras como *Cem anos de solidão*. Que situações do romance o inserem nesta escola literária?

Márcia Lopes Duarte – A principal característica do romance que o

filia ao realismo fantástico é o fato de lidar com situações inusitadas e, até, irreais, como se elas fizessem parte do cotidiano. As borboletas que perseguem Maurício Babilônia, a ascensão de Remédios, a Bela, as crianças com rabo, todas estas cenas são trabalhadas como se estivessem de acordo com a lógica racional que rege o tempo cronológico. Não há uma supressão da realidade para que se instaure o mágico, visto que ele faz parte da vida.

IHU On-Line – Que espaço García Márquez ocupa entre os escritores do chamado boom latino-americano?

Márcia Lopes Duarte – Ele é o autor que fez eclodir a bomba. A partir dele, o resto do mundo começou a pensar: “Quem são estas pessoas que escrevem nestes países tão diferentes, mas com tanta magia?”. Depois dele, abriram-se as portas da cultura ocidental para os latino-americanos.

IHU On-Line – É conhecido o apreço de García Márquez pelas figuras que detinham poder, incluindo o Papa, chefes de Estado e ditadores. Esse fascínio se refletiu literariamente na construção de personagens? Quais?

Márcia Lopes Duarte – O Coronel Aureliano Buendía e José Arcádio Buendía são os personagens que detêm o poder no livro, ainda que seja um poder circunstancial. É possível que tenham sido pensados a partir desta proximidade de Márquez com algumas figuras ilustres. De qualquer forma, a perspectiva do livro é contrária à ação dos poderosos.

IHU On-Line – Fale de sua experiência pessoal. Quando leu *Cem anos de solidão* pela primeira vez e qual foi a sensação?

Márcia Lopes Duarte – Eu li *Cem anos de solidão* no segundo semestre do curso de Letras. Foi uma sensação de arrebatamento. Perdi o fôlego e senti que precisava terminar de ler o livro, porque ele causava em mim uma espécie de necessidade. Li tudo de uma só vez, sem pausas. Lembro que quando terminei, sabia que García Márquez era um de meus autores preferidos. Li muitos livros dele depois e sempre tive o mesmo sentimento. Ele é um autor singular, que faz com que o leitor se sinta dentro do texto.

IHU On-Line – O que lhe é mais marcante neste romance e por quê?

Márcia Lopes Duarte – O que mais me marcou em *Cem anos de solidão* foram os momentos de suspensão da realidade. Um dos principais foi a ascensão de Remédios, a bela. A cena é belíssima, envolvendo um momento bem cotidiano, pois ela sobe aos céus levada pelos lençóis que estão pendurados para secar. Alguns anos depois de ter lido o livro, li, em uma entrevista², García Márquez dizendo que não havia nada de mágico no fato, pois, quando ele era criança, em Aracataca, se uma moça fugia de casa, a família espalhava o boato de que ela havia subido aos céus. Achei simplesmente genial. ■

² MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cheiro da goiaba** (Conversas com Plínio Apuleyo Mendoza). Rio de Janeiro: Record, 1982. (Nota da entrevistada)

guagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar eruditíssimo ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, *Primeiras estórias* (1962) e *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo: 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOCe>. (Nota da IHU On-Line)

Um romance que espelha a violência, a opressão e o conservadorismo latino-americano

Para Karina Lucena, o desfecho catastrófico de *Cem anos de solidão* sugere que esse modelo precisa ser desarticulado

Vitor Necchi

A professora Karina Lucena leu *Cem anos de solidão* pela primeira vez durante a graduação em Letras e se encantou de imediato. Depois, para outra atividade do curso de Letras, travou contato com a edição em espanhol, idioma original da obra de Gabriel García Márquez, cujo lançamento completou meio século. Ela acabou pesquisando sobre o livro em seu mestrado. Por conta disso, releu tantas vezes que cansou. “Este ano, participei de um projeto de leitura em voz alta; lemos o livro completo, e a experiência foi tão marcante que fiz as pazes com o romance”, contou em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Na leitura em voz alta, ficou ainda mais visível a primazia técnica de García Márquez e a potência comunicativa do texto.”

Para Lucena, *Cem anos de solidão* é o livro que mais se sobressai entre os romances que marcaram a literatura do século 20 a partir do que ficou conhecido como o *boom* da literatura latino-americana. “Há algo na estética de *Cem*

anos de solidão que o distingue, uma mescla entre construção narrativa sofisticada e prosa comunicativa, que não afasta leitores não interessados pelos bastidores da criação literária, que querem apenas (e isso é muito!) ler uma boa história”, explica a professora.

A partir da força alegórica do livro, García Márquez tentou espelhar na família Buendía e na cidade de Macondo “a história latino-americana com sua trajetória de violência, opressão e conservadorismo”. O desfecho catastrófico do romance, conforme Lucena, sugere que “esse modelo precisa ser desarticulado”.

Karina Lucena é doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, mestra em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul – UCS e licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Espanhola e respectivas Literaturas pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Leciona e pesquisa na UFRGS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Por que, 50 anos depois do lançamento, segue-se falando tanto em *Cem anos de solidão*?

Karina Lucena – *Cem anos de solidão* é provavelmente o livro mais destacado de um conjunto de romances que marcou a literatura do século 20: o celebrado *boom* da literatura latino-americana. São romances que já nos anos 1960/1970, quando foram publicados, tiveram

grande circulação, foram lidos, comentados, traduzidos, premiados, numa mostra da profissionalização do mercado editorial latino-americano. Então, seguimos falando dos romances desse período porque materialmente eles estiveram e estão mais presentes no campo literário, dada essa sedimentação do mercado. Mas o romance de García Márquez está mais presente do que, por exemplo, *Museu do romance da Eterna*,

do argentino Macedonio Fernández¹, também publicado em 1967, em Buenos Aires. Assim, o argumento de mercado responde parcialmente à pergunta.

Há algo na estética de *Cem anos de solidão* que o distingue, uma mescla entre construção narrativa so-

¹ **Macedonio Fernández** (1874-1952): escritor, humorista e filósofo argentino. Sua produção inclui novellas, histórias, poesia, jornalismo e outros trabalhos de difícil classificação. (Nota da **IHU On-Line**)

“Há algo na estética de *Cem anos de solidão* que o distingue, uma mescla entre construção narrativa sofisticada e prosa comunicativa”

fisticada e prosa comunicativa, que não afasta leitores não interessados pelos bastidores da criação literária, que querem apenas (e isso é muito!) ler uma boa história. Além disso, a posição política de García Márquez, um dos intelectuais mais atuantes na difusão do ideário da Revolução Cubana, converteu *Cem anos de solidão* numa espécie de manifesto da esquerda latino-americana, em especial pela perspectiva anti-Estados Unidos presente no romance. Com o tempo, *Cem anos de solidão* vai ser lido em paralelo com livros como *As veias abertas da América Latina* (1971), de Eduardo Galeano², e, nos anos 1980, com o discurso de García Márquez ao receber Nobel de Literatura – discurso em que condena as estirpes condenadas a cem anos de solidão a resistirem às ditaduras civis-militares instauradas nos diferentes países latino-americanos – se fortalece a leitura ideológica do romance.

IHU On-Line – O argentino Ricardo Piglia escreveu que via o latino-americanismo de García Márquez como profissional. O que ele pretendia com esta afirmação?

Karina Lucena – Se voltarmos à comparação que apresentei antes, entre García Márquez e Macedonio Fernández, dá pra dizer que Ricardo Piglia³ está mais para Macedonio. A

tradição literária argentina tende a privilegiar romances de cunho mais experimental e, justamente por isso, de circulação mais restrita. Essa afirmação está no primeiro tomo de *Os diários de Emilio Renzi* (2015), e teria sido a sensação de Piglia ao ler *Cem anos de solidão* em 1967 (Piglia tinha então 26 anos). Parece-me que a afirmação de Piglia registra tensões importantes do campo literário: qual a função pública do escritor, qual o limite entre literatura e política, qual o valor estético de um livro comercialmente exitoso. Talvez Piglia leia García Márquez com certa desconfiança por vincular-se a essa tradição argentina da ruptura, da experimentação, e não do modelo comunicativo adotado por García Márquez.

IHU On-Line – O mesmo Piglia enxergava demagogia e tom festivo em *Cem anos de solidão*. Em que embasou este juízo? Concorda com ele?

Karina Lucena – Essas afirmações de Piglia estão no mesmo texto, *Os diários de Emilio Renzi*. Quando fala em tom festivo, Piglia compara García Márquez a Jorge Amado, “reclamando” de um viés mais tropical (natureza exuberante, sexualidade à flor da pele etc.), um tipo de compreensão sobre o que é ser latino-americano que gerou uma série de estereótipos. De novo,

o parecer de Piglia sobre *Cem anos de solidão* parece estar marcado por aquilo que a tradição argentina entende como literariamente exemplar, que se afasta do tipo de narração que interessa a García Márquez. Gosto muito da aproximação feita por Piglia entre García Márquez e Jorge Amado⁴, dá uma notícia da força do brasileiro em contexto latino-americano, embora essa comparação, como todas, exija uma série de mediações. Minha sensação é que há um desencanto em *Cem anos de solidão* que contradiz a leitura de Piglia, mas como se trata de uma anotação muito rápida em um diário, é difícil saber o que embasou a leitura.

IHU On-Line – O que *Cem anos de solidão* representa no plano das ideologias?

Karina Lucena – *Cem anos de solidão*, talvez mais pela atuação política de García Márquez do que pelo livro em si, se consolidou como reação ao assim chamado imperialismo norte-americano. Essa é a posição ideológica mais aparente quando lemos o livro como uma alegoria da América Latina. Mas também está presente no romance a crítica irônica à política colombiana, por exemplo, quando o Coronel Aureliano Buendía chega à conclusão de que a única diferença entre conservadores e liberais é que uns

² **Eduardo Galeano** (1940): jornalista e escritor uruguaião, autor de *As veias abertas da América Latina* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990). (Nota da IHU On-Line)

³ **Ricardo Emilio Piglia Renzi** (1941-2017): foi um escritor argentino. Publicou, entre os textos de ficção, *La invasión* (contos, 1967), *Nombre falso* (contos, 1975), *Respiración artificial* (romance, 1980), *Prisión perpetua* (novelas,

1988), *La ciudad ausente* (romance, 1992) e *Plata quemada* (romance, 1997). Os livros de não-ficção são *Critica y ficción* (1986, com edição ampliada em 1990), *Formas breves* (2000), *Tres propuestas para el próximo milenio* (y cinco dificultades) (2001) e *El último lector* (2005). Volta para a ficção em *El camino de Ida* (romance, 2013). (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Jorge Amado** (1912-2001): escritor baiano, nascido em Itabuna. Escreveu dezenas de livros, entre romances, novelas, literatura infanto-juvenil, poesia, contos, relatos autobiográficos, peças de teatro, guias de viagem e documentos políticos e de oratória. De suas obras, destacamos *Capitães da Areia* (1936), *Gabriela Cravo e Canela* (1958), *Tenda dos Milagres* (1969) e *Tieta do Agreste* (1977), todas estas adaptadas para a televisão. (Nota da IHU On-Line)

vão à missa das oito e os outros na das cinco. Generalizando muito, em contexto latino-americano o livro parece assumir um ponto de vista antiestadunidense; em contexto colombiano, apresenta-se como uma rejeição aos dois partidos que se alternavam no poder.

“Cem anos de solidão é provavelmente o livro mais destacado de um conjunto de romances que marcou a literatura do século 20: o celebrado boom da literatura latino-americana”

IHU On-Line – Do ponto de vista formal, da escrita, que considerações se pode fazer sobre a obra?

Karina Lucena – A principal é sobre a construção do narrador. Um narrador em terceira pessoa que se aproxima das diferentes personagens e se funde a elas gerando momentos de uso exemplar do discurso indireto livre. Trata-se de técnica bastante

complexa, mas totalmente natural na construção do romance, que assume o tom dos contadores de história da tradição popular. Nesse sentido é que se constrói o famoso realismo mágico, que virou uma das marcas registradas da narrativa de García Márquez. Esse narrador pensado não para julgar, e sim para pôr em cena as perspectivas dos personagens, consegue enunciar episódios absurdos para uma lógica cartesiana sem qualquer estranhamento, já que são possíveis no âmbito do romance, verossímeis dentro daquele pacto narrativo.

IHU On-Line – A senhora faz referência em um artigo seu acerca do machismo verificado em determinadas partes do romance. Que trechos são estes? E esta leitura crítica é possível apenas na atualidade ou na época do lançamento já seria possível?

Karina Lucena – Pra ficar com um exemplo brutal, o Coronel Aureliano Buendía se casa com uma menina de nove anos. Embora esse tipo de violência possa ser uma prática relativamente naturalizada na história, me parece um dever da crítica do presente registrar o problema dessa naturalização. Com a força da crítica feminista atualmente, serão levantadas cada vez mais questões sobre a maneira como a mulher aparece na literatura, e episódios como esse, que há alguns anos podiam ser lateralizados, hoje não passam despercebidos, num movimento importante de atualização da crítica.

IHU On-Line – O escritor Rafael Darío Jiménez, responsável pela casa museu de García Márquez, afirmou que “Cem anos de solidão se tornou a metáfora mais visível que se pôde criar sobre a América Latina.

Essa família Buendía está em todos os nossos países”.

Karina Lucena – A frase me parece acertada, embora um tanto categórica. Essa força alegórica do livro é um de seus traços mais comentados, o quanto García Márquez tentou espelhar nos Buendía, em Macondo, a história latino-americana com sua trajetória de violência, opressão e conservadorismo. Com o desfecho catastrófico do romance (a cidade e a família são riscadas do mapa), a mensagem final é que esse modelo precisa ser desarticulado.

IHU On-Line – Fale de sua experiência pessoal. Quando leu *Cem anos de solidão* pela primeira vez e qual foi a sensação? O que lhe é mais marcante neste romance e por quê?

Karina Lucena – Li o livro na graduação em Letras. Um professor de literatura brasileira apresentou, no primeiro dia de aula, uma lista com o seguinte título: Indicações de leitura (pré-requisitos da disciplina Literatura Brasileira). *Cem anos de solidão* estava na lista. Gostei já na primeira leitura. Lembro de ter sido trabalhoso identificar quem era quem nas repetições de Aurelianos e José Arcadios, mas nada desestimulante. Depois li em espanhol na disciplina Literatura hispano-americana e ainda tenho esse exemplar rabiscado com dúvidas de vocabulário. Acabei escolhendo o livro como tema de mestrado, li e reli tantas vezes que cansei. Este ano, participei de um projeto de leitura em voz alta; lemos o livro completo, e a experiência foi tão marcante que fiz as pazes com o romance. Na leitura em voz alta, ficou ainda mais visível a primazia técnica de García Márquez e a potência comunicativa do texto. ■



Terra em transe chega aos 50 anos em um momento convulsivo

Leonardo Bomfim¹

Quis o destino, ou melhor, as ruínas circulares da história brasileira, que o cinquentenário de *Terra em transe* acontecesse em uma paisagem febril. Se os grandes aniversários muitas vezes adormecem os homenageados no trono das obras-primas, nada mais justo com a intensidade do cinema de Glauber Rocha² que a celebração de um de seus filmes mais complexos aconteça em um momento absolutamente convulsivo. Imagens e sons encarados confortavelmente até pouco tempo atrás como instantâneos delirantes de outras noites, agora esmurram impiedosamente nossas certezas. Em 1967, o xerife tenebroso genial do Cinema Novo³ atirou seu anti-herói heróico, o jornalista-poeta interpretado por Jardel Filho⁴, em um turbilhão autodestrutivo dentro de uma arena perversa: de um lado, a necessidade da invenção de um ídolo populista e a consequente deceção com a fragilidade de seu governo em relação à realidade do país; do outro, a reação imediata (e golpista) dos conservadores, apoiados pela grande imprensa e pelo setor

¹ Leonardo Bomfim é jornalista e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Foi programador da Sala de Cinema P. F. Gastal (2013-2016) e da Cinemateca Capitólio (2015-2017), em Porto Alegre. Edita a revista Aurora e o fanzine Zinematógrafo. Editou o catálogo da mostra Nouvelle Vague tcheca: o outro lado da Europa. No mestrado, desenvolveu pesquisa sobre o cinema moderno.

² **Glauber Rocha** (1939-1981): cineasta brasileiro, ator e escritor nascido em Vitória da Conquista, na Bahia. Realizou seu primeiro filme, o curta-metragem *Pálio*, em 1959, ao mesmo tempo em que ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, atualmente Universidade Federal da Bahia. Durante o curso, conheceu a colega Helena Ignez, com quem se casou. Em 1961, abandonou a faculdade para iniciar uma breve carreira jornalística, em que o foco era sempre o cinema. Ele se propunha a fazer uma arte engajada ao pensamento e pregava uma nova estética, uma revisão crítica da realidade. *Baravento* (1962) foi seu primeiro longa-metragem. Antes dele, dirigiu vários curtos, ao mesmo tempo que se dedicava ao cineclubismo e fundava uma produtora cinematográfica. Os três próximos longas, *Deus e o diabo na terra do sol* (1963), *Terra em transe* (1967) e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1969), são paradigmáticos. Neles, faz forte crítica social se alia a uma forma de filmar que pretendia cortar radicalmente com o estilo importado dos Estados Unidos. Essa pretensão era compartilhada pelos outros cineastas do Cinema Novo, corrente artística liderada principalmente por Rocha e grandemente influenciada pelo movimento francês Nouvelle Vague e pelo Neorrealismo italiano. Glauber foi um cineasta controvertido e incompreendido no seu tempo, além de ter sido patrulhado tanto pela direita como pela esquerda brasileira. Tinha uma visão apocalíptica de um mundo em constante decadência, e toda a sua obra denotava esse seu temor. Com *Baravento*, foi premiado no Festival Internacional de Cinema de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia, em 1964. Um ano depois, com *Deus e o diabo na terra do sol*, conquistou o Grande Prêmio no Festival de Cinema Livre da Itália e o Prêmio da Crítica no Festival Internacional de Cinema de Acapulco. Com *Terra em transe*, tornou-se reconhecido, conquistando o Prêmio da Crítica do Festival de Cannes, o Prêmio Luis Buñuel na Espanha, o Prêmio de Melhor Filme do Locarno International Film Festival e o Golfinho de Ouro de melhor filme do ano, no Rio de Janeiro. Outro filme premiado de Glauber foi *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, prêmio de melhor direção no Festival de Cannes e, outra vez, o Prêmio Luiz Buñuel na Espanha. Era vista pela ditadura militar, que se instalou no país com o golpe de 1964, como um elemento subversivo. Em 1971, com a radicalização do arbítrio, Glauber partiu para o exílio. Em 1977, viveu seu maior trauma: a morte da irmã, a atriz Anecy Rocha, que, aos 34 anos, caiu em um fosso de elevador. Glauber morreu com 42 anos, vítima de septicemia (choque bacteriano, conforme o atestado de óbito, provocado por bronconeumonia que o atacava havia mais de um mês) em uma clínica no Rio de Janeiro, depois de ter sido transferido de um hospital de Lisboa, onde permaneceu 18 dias internado. Residia há meses em Sintra, cidade de veraneio portuguesa, e se preparava para fazer um filme, quando começou a passar mal. Em 2014, documentos revelados pela Comissão da Verdade indicaram que o governo militar pretendia matar Glauber no exílio. Em relatório da Aeronáutica que veio à tona, o cineasta era descrito como um dos líderes da esquerda brasileira. A monitorização era feita através de entrevistas que ele concedia a publicações europeias, criticando o governo militar e a repressão, o que era considerado um "violento ataque ao país". (Nota da IHU On-Line)

³ **Cinema Novo**: movimento cinematográfico brasileiro que alcançou notoriedade internacional. Tinha, como marca, a ênfase na igualdade social e o intelectualismo que se tornou proeminente no Brasil durante os anos 1960 e 1970. Surgiu em resposta à instabilidade racial e classista no Brasil, com forte influência do neorrealismo italiano e da Nouvelle Vague francesa. Os filmes produzidos no movimento se opunham ao cinema tradicional brasileiro de até então, que consistia principalmente em musicais, comédias e épicos ao estilo hollywoodiano. Glauber Rocha é amplamente considerado o cineasta mais influente do cinema brasileiro. Costuma-se dividir o Cinema Novo em três fases sequenciais que diferem em tom, estilo e conteúdo. A seguir, apresenta-se as principais obras do Cinema Novo, por fase. Primeira fase: *Arraial do Cabo* (1960), de Paulo César Saraceni e Mário Carneiro; *Cinco vezes favela* (1962), de Marcos Farias, Miguel Borges, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirszman; *Baravento* (1962), de Glauber Rocha; *Os cafajestes* (1962), de Ruy Guerra; *Ganga Zumba* (1963), de Cacá Diegues; *Vidas secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos; *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha; *Os fuzis* (1964), de Ruy Guerra. Segunda fase: *O desafio* (1966), de Paulo César Saraceni; *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha; *O bravo guerreiro* (1968), de Gustavo Dahl; *Fome de amor* (1968), de Nelson Pereira dos Santos; *O bandido da luz vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla. Terceira fase: *O dragão da maldade contra o santo guerreiro* (1968), de Glauber Rocha; *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade; *Os herdeiros* (1969), de Cacá Diegues; *Os deuses e os mortos* (1970), de Ruy Guerra; *Como era gostoso o meu francês* (1971), de Nelson Pereira dos Santos; *Pindorama* (1971), de Arnaldo Jabor. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Jardel Filho** (1927-1983): ator nascido em São Paulo. Nascido em família tradicional de artistas, seu pai foi o empresário teatral Jardel Jercolis e sua mãe, a atriz Lídia Bôscoli, tendo seu parto acontecido em São Paulo durante uma temporada artística da companhia paterna. Por dificuldades financeiras, sua mãe ficou mais de um mês na maternidade até que houvesse como pagar o parto e retornar ao Rio de Janeiro. Na adolescência, tentou a carreira militar, mas acabou optando pelo teatro, estreando na Companhia Dulcina & Odilon, trabalhando a seguir com Bibi Ferreira e Henriette Morineau. Sua primeira experiência de uma longa carreira cinematográfica – que, como a de muitos seus colegas, se desenvolveu paralela à televisão – foi em *Domínio negro*, em 1949. Com a peça *Jezebel*, ganhou medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos de Teatro – ABCT. Trabalhou na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, para a qual fez, entre outros filmes, *Floradas na serra e Uma pulga na balança*. Integrou o elenco de 30 filmes, entre outros, *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, *Pixote, a lei do mais fraco*, de Hector Babenco, *Terra em transe* (obra-prima de Glauber Rocha e filme emblemático do Cinema Novo), *O Bom Burguês*, de Oswaldo Caldeira, e *Rua Babylônia*, de Neville D'Almeida, que foi seu último trabalho no cinema e que estreou depois da morte do ator. Versátil, trabalhou muito em televisão, onde atuou em 17 novelas e minisséries, como *O bofe*, de Bráulio Pedroso, *Verão vermelho* e *O bem-amado*, de Dias Gomes, *O homem que deve morrer, Fogo sobre terra e Coração alado*, todas de Janeirte Clair, *Brilhante*, de Gilberto Braga, *O espantalho*, de Ivens Ribeiro, e *Memórias de amor*, de Wilson Aguiar Filho. Jardel Filho morreu em plena atividade, vítima de um ataque cardíaco em sua casa, no período em que gravava os últimos 20 capítulos da novela *Sol de verão*, escrita por Manoel Carlos, na Rede Globo, fazendo com que o fim do folhetim fosse antecipado. Seu personagem Heitor saiu da trama com uma viagem repentina. Foi homenageado no ano de seu falecimento pelo então governador Chagas Freitas, que batizou o recém-construído viaduto da rua Soárez Cabral com seu nome. Foi casado com a empresária Maria Augusta Nielsen e com as atrizes Márcia de Windsor, Glauce Rocha e Myriam Pérsia. (Nota da IHU On-Line)

industrial. Em 2017, esse cabo de guerra político exposto pelo realizador baiano, tantas vezes condenado por uma suposta histeria, cai como uma navalha lícida na garganta dos angustiados da sala escura. Fica cada vez mais compreensível o dito antigo do crítico Inácio Araújo⁵, em resposta àqueles que reclamam do hermetismo do filme: “olhando com atenção veremos que esta história é uma das poucas bem contadas num país de tantas histórias obscuras”.

Datilografadas em Roma, no palácio do embaixador, em um momento de extremos (entre o êxito internacional de *Deus e o diabo na terra do sol* e a aclamação crítica do Cinema Novo, e as sombras da incerteza após o golpe de 1964⁶), as primeiras versões da história aventuravam imagens de abertura que não existiram na versão final: uma grande passeata de estudantes, uma cena em que a polícia persegue um bandido escondido em uma lixeira. Glauber abandonou os coadjuvantes do poder e nos atirou imediatamente no alvoroço de fardas e ternos. O poder em cena, o poder encena e bate cabeça nos palcos do Parque Lage: a primeira palavra compreensível, “calma!”, é dita aos berros por José Lewgoy⁷, o candidato do povo. Mário Lago⁸, o conselheiro dotado de um cinismo libriano, pede outra coisa: sua renúncia.

Jamais haverá calma em um filme que acontece aos murros entre um pedido de renúncia e uma cerimônia carnavalesca de coroação. Em uma das primeiras versões do manuscrito, chamava-se *Maldoror* (“o que me marcou neste livro é a tortura permanente, há um realismo do vômito”, disse Glauber), em referência ao horror da prosa poética de Lautréamont⁹. Em outra, chamava-se *America muestra*, sinalizando que a invenção de um país fictício, Eldorado, diz menos sobre uma forma de escapar da censura e pensar o Brasil metaforicamente, e mais sobre o desejo de estabelecer uma conexão entre processos históricos semelhantes vividos em quase todo o continente.

Glauber reivindicava em texto do mesmo ano uma consciência latina coletiva: “a descoberta de que Brasil, México, Argentina, Peru, Bolívia etc. fazem parte do mesmo bloco de exploração norte-americana e de que esta exploração é uma das causas mais profundas do subdesenvolvimento se concretizar a cada dia que passa e, o mais importante, se populariza. A noção de América Latina supera a noção de nacionalismos. Existe um problema comum: a miséria. Existe um ob-

⁵ **Inácio Araújo** (1948): crítico do cinema nascido em São Paulo. É crítico da Folha de S.Paulo e autor de dois livros sobre o assunto: *Hitchcock, o mestre do medo* (São Paulo: Brasiliense, 1984) e *Cinema, o mundo em movimento* (São Paulo: Scipione, 1995), além de participar de diversas coletâneas. Como ficcionista, publicou o romance *Casa de meninas* (São Paulo: Marco Zero, 1987) e o volume de contos *Urgentes preparativos para o fim do mundo* (São Paulo: Iluminuras, 2014). Uma seleção de seus textos na Folha foi organizada por Juliano Tosi, com o título de *Críticas de Inácio Araújo* (ed. Imprensa Oficial de SP). (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Golpe de 1964**: movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos Estados Unidos, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar, os militares assumiram o poder e se mantiveram governando o país entre os anos de 1964 e 1985. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar, o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*, disponível em <https://goo.gl/a4e8VX>. Confira, também, as edições nº 96 da **IHU On-Line**, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004, disponível em <https://goo.gl/a2yUBr>; nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 – 2004: hora de passar o Brasil a limpo. 1964*, disponível em <https://goo.gl/cU7FEV>; nº 437, de 13 de março de 2014, *Um golpe civil-militar. Impactos, (des)caminhos, processos*, disponível em <https://goo.gl/gXbCal>; e nº 439, de 31 de março de 2014, *Brasil, a construção interrompida – Impactos e consequências do golpe de 1964*, disponível em <https://goo.gl/wENVN6>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **José Lewgoy** (1920- 2003): ator nascido em Veranópolis. De origem judaica, era filho de uma estadunidense e de um russo que se conheceram em Nova Iorque. Começou sua carreira artística no teatro e, graças a uma bolsa de estudos conseguida com a influência do escritor Erico Veríssimo, cursou artes cênicas na Universidade Yale. Lewgoy é referência quando se fala de cinema brasileiro, pois participou de mais de cem filmes. Presença constante nas telas desde o final da década de 1940 e sempre disputado pelos melhores diretores. Ao lado de Oscarito, Grande Otelo, Eliana Macedo, Cyll Farney e Anselmo Duarte, brilhou nas chanadas produzidas pela Atlântida, na década de 1950. Ator com prestígio internacional, participou de várias produções estrangeiras e morou na França durante alguns anos. Estreou nas telenovelas apenas em 1973, com *Carvalho de Aço*, na Rede Globo. A partir daí, participou de mais de 30 produções na televisão, sendo a última das *Esperança*, em 2002, também na Globo. Ganhou vários prêmios como ator de cinema e televisão e se consagrou com o personagem Edgar Dumont, da telenovela *Loco amor*, de Gilberto Braga. Destaque também para as suas atuações em *Nina*, de Walter George Durst, *Dancin' days* e *Água viva*, ambas também de Gilberto Braga, *O rebu* e *Feijão maravilha*, de Bráulio Pedroso, e nas minisséries *O tempo e o vento*, inspirada na obra de Erico Veríssimo, e *Anos dourados*, de Gilberto Braga. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Mário Lago** (1911-2002): advogado, poeta, radialista, compositor e ator nascido no Rio de Janeiro. Autor de sambas populares como *Aí! que saudade da Amélia e Atire a primeira pedra*, ambos em parceria com Ataulfo Alves, populares entre as décadas de 1940 e 1950. Formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, em 1933, tendo nesta época se tornado marxista. A opção pelas ideias comunistas fez com que fosse preso em sete ocasiões (1932, 1941, 1946, 1949, 1952, 1964 e 1969). Foi casado com Zeli, filha do militante comunista Henrique Cordeiro, que conheceu numa manifestação política, até a morte dela em 1997. O casal teve cinco filhos. Na Rádio Nacional, Mário Lago foi ator de rádio. Em 1964, foi um dos nomes a encabeçar a lista dos que tiveram seus direitos políticos cassados pelo regime militar, e perdeu suas funções na Rádio Nacional. Durante a segunda metade da década de 1960, atuou bastante no cinema, tendo atuações marcantes em filmes como *O padre e a moça* e *Os herdeiros*. Ficou conhecido do grande público na década de 1970, pela televisão, quando passou a atuar em novelas da Rede Globo, como *Selva de pedra*, *O casarão*, *Nina*, *Elas por elas* e *Barriga de aluguel*, entre outras. Também atuou em peças de teatro e filmes, como *Terra em transe*, de Glauber Rocha. Em 1989, ligou-se ao Partido dos Trabalhadores – PT e atuou como âncora dos programas eleitorais do então candidato do partido, Luís Inácio Lula da Silva, à presidência da República, em 1998. Autor dos livros *Chico Nunes das Alagoas* (1975), *Na rolação do tempo* (1976), *Bagaço de beira-estrada* (1977) e *Meia porção de sarapatel* (1986). Foi biografado em 1998 por Mônica Veloso na obra *Mário Lago: boêmia e política*. No carnaval de 2001, foi tema do desfile da escola da samba Acadêmicos de Santa Cruz. Moreu no dia 30 de maio de 2002, aos 90 anos, em sua casa, na zona sul do Rio de Janeiro, de enfisema pulmonar. Para o velório, foi aberto o palco do Teatro João Caetano, onde vivera importantes momentos de sua carreira de ator. Até o fim de sua vida, manteve intensa atividade política e, mesmo doente, chegou a se engajar na campanha presidencial apoiando Lula. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Conde de Lautréamont** (1846-1870): Isidore Lucien Ducasse, mais conhecido pelo pseudônimo literário de Conde de Lautréamont, é um poeta uruguai que viveu na França. Autor dos *Cantos de Maldoror*. Sua poesia era apreciada por André Breton, que o considerava, de certa forma, como um dos precursores do surrealismo. A quantidade de informação sobre a vida deste poeta é diminuta. Sabe-se que nasceu no Uruguai, “nas costas da América, na foz do La Plata”, como é dito no Canto I de sua obra-prima “Os Cantos de Maldoror”, onde também se identifica como “Montevidense”. Era filho de um chanceler do Consulado Francês no Uruguai. Sua mãe, francesa, morreu quando o escritor tinha apenas vinte meses de idade. Em outubro de 1859, foi para a França estudar. Lautréamont morreu aos 24 anos, em 24 de novembro de 1870, às 8h, em um hotel. Em seu atestado de óbito foi escrito “não há nenhuma informação”. (Nota da **IHU On-Line**)

jetivo comum: a libertação econômica, política e cultural de fazer um cinema latino. Um cinema empenhado, didático, épico, revolucionário. Um cinema sem fronteiras, de língua e problemas em comum".

Se o diretor brasileiro posicionava-se como uma espécie de porta-voz do cinema latino-americano, *Terra em Transe*, naquele momento, em sua universalidade terceiro-mundista, soava como um filme manifesto, em diálogo notável com outras obras políticas da segunda metade dos anos 1960 (*A Hora dos Fornos*, dos argentinos Fernando E. Solanas¹⁰ e Octavio Getino¹¹, *Memórias do subdesenvolvimento*, do cubano Tomáz Gutiérrez Alea¹², *O chacal de Nahuel toro*, do chileno Miguel Littín¹³, *Sangre de cóndor*, do boliviano Jorge Sanjinés¹⁴, só para citar alguns). Poucos anos depois, já no exílio, seguiu pensando em uma possibilidade de resistência cinematográfica, dessa vez através de um projeto lusófono tricontinental, reunindo as obras modernas portuguesas e dos nascentes cinemas das colônias africanas.

O protagonismo de Glauber dentro da fartura dos "novos cinemas" daquela época era, portanto, notável. Grandes expectativas marcaram o encontro de *Terra em transe* com o mundo, no Festival de Cannes, em maio de 1967. Concorrência com outros filmes jovens de países, como Israel, Iugoslávia, Tchecoslováquia e Estados Unidos (um dos primeiros de Francis Ford Coppola!¹⁵), e novidades de nomes já consagrados do cinema do pós-guerra: *Mouchette – A Virgem*

¹⁰ **Fernando Solanas** (1936): diretor, roteirista, ator e produtor de cinema argentino, nascido em Buenos Aires. Também conhecido como Pino Solanas, começou a estudar teatro e música na adolescência. Em 1962, realizou seu primeiro filme, o curta *Seguir andando*, e montou uma produtora. Em meio à primeira fase da ditadura militar argentina (1966-1973), produziu, clandestinamente, seu primeiro longa-metragem, *La hora de los hornos* (1969), que deu início a uma trilogia documental sobre neocolonialismo e violência na América Latina. Entre o final dos anos 1960 e o início dos 1970, impulsionou, junto com o grupo Cine Liberación, a produção independente no cinema argentino. A partir de 1976, em exílio na Europa após ser vítima de tentativas de sequestro por setores do governo militar, se dedicou a filmes de ficção. A militância ligada às artes fez dele uma das figuras públicas mais importantes do cinema argentino. Realizou documentários com entrevistas com Juan Domingo Perón e Carlos Gardel – este último rendeu *Tangos: o exílio de Gardel* (1985), filme premiado como Melhor Música no César (prêmio máximo do cinema francês), vencedor de diversos prêmios no Festival de Veneza e escolhido Melhor Filme pela Associação Argentina de Críticos de Cinema em 1987. Entrou na política institucional em 1993, quando, pelo centro-esquerda Movimento Projeto Sur, elegeu-se deputado federal. Em dezembro de 2013 foi eleito senador da República. Alguns de seus filmes: *La próxima estación* (direção, produção, roteiro, 2008); *Argentina latente* (direção, produção, roteiro, 2007), *Memoria del saqueo* (direção, produção executiva, produção, roteiro, 2004); *Afrodita, el sabor del amor* (direção, roteiro, 2001); *La nube* (direção, produção executiva, produção, roteiro, ator, 1998); *El viaje* (direção, produção, roteiro, 1992); *Sur* (direção, produção, roteiro, 1988); *Tangos: El exilio de Gardel* (direção, produção, roteiro, ator, 1985); *Le regard des autres* (direção, roteiro, 1980); *Perón: Actualización política y doctrinaria para la toma del poder* (direção, 1971); *Perón: La revolución justicialista* (direção, 1971). (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Octavio Getino** (1935-2012): diretor argentino de origem espanhola, foi uma referência do cinema político e social das décadas de 1960 e 1970. Nasceu em León, Espanha, e naturalizou-se argentino. Foi um dos fundadores do Grupo Cine Liberación, que pretendia usar o cinema como ferramenta política. Em 1969, juntamente com Fernando Solanas e Gerardo Vallejos – também fundadores do grupo –, filmou clandestinamente o documentário *La hora de los hornos*, que trata do imperialismo na América Latina. Em 1971, enquanto estava exilado na Espanha, Getino entrevistou o ex-presidente argentino Juan Domingo Perón, o que gerou os documentários *Perón, La Revolución Justicialista* e *Perón: Actualización Política y Doctrinaria para La Toma del Poder*. Com o golpe militar de 1976, Getino passou a ser perseguido e ameaçado de morte. Por conta disso, se exiliou no Peru e no México. Em paralelo à carreira de cineasta, Getino escreveu muito sobre cinema, cultura e comunicação. Em 1963, ganhou o Prêmio Casa das Américas por seu livro de contos *Chullea*. Outros filmes que dirigiu: *Argentina, mayo de 1969: Los caminos de la liberación* (1969) e *El familiar* (1975). (Nota da IHU On-Line)

¹² **Tomás Gutiérrez Alea** (1928-1996): cineasta cubano, autor de filmes que obtiveram projeção internacional, é o realizador cubano mais conhecido do século 20. Sua família tinha tradição de combater a ditadura de Fulgencio Batista. Gutiérrez Alea estudou direito na Universidade de Havana. Depois de concluir o curso, foi para a Itália, onde estudou cinema no Centro Sperimental de Cinematografia de Roma, em pleno apogeu do neorealismo italiano. Regressou a Cuba em 1953, aderindo aos ideais que inspiraram a revolução castrista. Foi um dos fundadores do Instituto Cubano da Arte e da Indústria Cinematográfica (ICAIC). Começou por realizar documentários e deu ao novo cinema do castrismo a sua primeira longa-metragem: *Histórias da revolução*. Nesta primeira fase da sua carreira, ficava evidente a influência neorealista, que depois se atenuando, à medida que Alea empregava um cunho mais pessoal aos seus filmes, como se pode verificar em *La muerte de un burócrata* (1966) e *Memorias del subdesarrollo* (1968). Em 1976, dirigiu *La última cena*, com o qual alcançou visibilidade internacional, com um filme mostrar a sua versatilidade e riqueza de narração. Depois de adoecer, no início da década de 1990, Alea teve que se socorrer do seu amigo Juan Carlos Tabío para co-dirigir os seus dois últimos filmes. O primeiro deles, *Fresa y chocolate* (1993m *Morango e chocolate* no Brasil), relata a amizade entre um ingênuo crente do marxismo contemporâneo e um artista gay, crítico do regime socialista. *Fresa y chocolate* tornou-se o primeiro filme cubano a receber uma nomeação para o Oscar de melhor filme em língua estrangeira. (Nota da IHU On-Line)

¹³ **Miguel Littín** (1942): o mais importante cineasta chileno da atualidade. Ficou mundialmente conhecido quando, durante a ditadura de Augusto Pinochet, filmou clandestinamente no Chile o documentário *Ata Geral do Chile*, com denúncias contra o regime militar. Estudou teatro na Universidade do Chile e trabalhou como diretor da TV Universitária. Sua carreira como diretor de cinema começou aos 23 anos de idade, mas foi com *O chacal de Nahuel toro*, de 1969, que causou grande impacto na sociedade chilena por denunciar a situação de marginalidade dos homens do campo. A partir daí, todos os seus trabalhos deixam clara sua postura política que, segundo suas próprias palavras, "brota naturalmente, a partir da construção de uma consciência humana e libertária". Com a notoriedade conquistada com este filme, o presidente Salvador Allende nomeou-o diretor da estatal Chile Films em 1971. Com a derrubada de Allende, radicou-se no México, onde concluiu o longa-metragem *A Terra Prometida*, iniciado no Chile, e dirigiu *Atas de Marusia*, estrelado por Gian Maria Volonté. No México, realizou mais quatro filmes de sucesso e iniciou, junto com Luís Buñuel e outros cineastas, um movimento para afirmação de uma identidade para o cinema latino-americano, de que resultou o Festival do Cinema Iberoamericano de Huelva. Em 1985, regressou clandestinamente ao Chile para realizar um filme de denúncia contra os abusos da ditadura de Augusto Pinochet. A história dessa aventura foi narrada em livro por Gabriel García Márquez, o que tornou o nome de Littín conhecido e respeitado no mundo inteiro. Com a redemocratização, Littín retornou definitivamente ao Chile, mas suas atividades cinematográficas se desenvolveram em vários países. Em 2000, dirigiu a produção italiana *Terra do Fogo*, com Jorge Perugorria e Ornella Mutti. Em *A Última Luta*, filmada na Terra Santa, Littín trabalhou ao lado do filho, Miguel Joan Littín, que, como diretor de fotografia, foi premiado no Festival de Cartagena. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ **Jorge Sanjinés** (1936): cineasta boliviano. Estudou filosofia na Universidade Mayor de San Andrés. Em 1957, estudou cinema no Chile, onde realizou um curta-metragem que foi musicalizado por Violeta Parra. Entre 1958 e 1959, estudou no Instituto Cinematográfico da Universidade Católica no Chile, onde realizou três curtas-metragens. Retornou à Bolívia em 1961. Entre 1965 e 1966, dirigiu o Instituto Cinematográfico Boliviano. Entre 1962 e 1965, realizou vários curtas-metragens: *Sueños y realidades* (1962), *Una jornada difícil* (1963) e *Revolución* (1963), curta-metragem de 10 minutos que recebeu o Prêmio Joris Ivens 1964 em Leipzig. Nesse período, junto a Óscar Soria, fundam as bases do grupo cinematográfico que mais tarde se conheceria como Grupo Ukamau, nome do primeiro longa-metragem do grupo realizado em 1966. Logo se uniram ao grupo Ricardo Rada e Antonio Egúino. O Grupo Ukamau fundou a primeira Escola Fílmica Boliviana em 1961. Organizaram também o Cineclube Boliviano, primeira instituição de Cine-Debate na Bolívia e o Primeiro Festival Filmico Boliviano na Universidade Mayor de San Andrés. O cinema de Sanjinés é de denúncia, a serviço do povo indígena, um cinema de luta contra o imperialismo. Jorge Sanjinés é considerado o diretor de cinema mais importante da Bolívia. Suas obras de forte conteúdo político têm sido reconhecidas no mundo todo (Cannes, Veneza, Leipzig, Cuba, entre outros). Sanjinés continua a produzir filmes. Lançou em 2016 *Juana Azurduy – guerrilera de la patria grande*, e manteve o Instituto Ukamau em La Paz. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ **Francis Ford Coppola** (1939): produtor, roteirista e cineasta norte-americano. Reconhecido internacionalmente por dirigir uma das mais aclamadas trilogias da história do cinema, *O poderoso chefe* (*The Godfather*), iniciada em 1972. Pai da cineasta Sofia Coppola, avô da também cineasta Gia Coppola, tio do ator Nicolas Cage e irmão da atriz Talia Shire. Venceu cinco vezes o Oscar. Coppola estudou cinema na UCLA, período no qual fez inúmeros pequenos filmes. Nos fins da década de 1960, começou a carreira profissional realizando filmes de baixo orçamento com Roger Corman e escrevendo

Proibida, de Robert Bresson¹⁶, *Blow up – Depois daquele beijo*, de Michelangelo Antonioni¹⁷, *Estranho acidente*, de Joseph Losey¹⁸. Foi ignorado, entretanto, pelo eclético júri daquele ano (de Hollywood, a atriz Shirley MacLaine¹⁹, o gênio dos musicais e dos melodramas Vincente Minnelli²⁰; do ventre moderno, o húngaro Miklós Jancsó²¹, o senegalês Ousmane Sembène²², naquela época parindo o cinema africano), presidido pelo ícone do cinema italiano Alessandro Blasetti²³. Entre a crise de fé diante da imagem, na jornada desencantada pela Swinging London pintada por Antonioni, e a crise de fé diante das tempestades políticas de um país distante gritada por Glauber, ficaram com o primeiro. Para o filme brasileiro, restou o sempre importante prêmio da crítica, dividido com *Os compradores de pena*, do iugoslavo Aleksandar Petrović²⁴, de quem compartilha uma preocupação semelhante (onde está o povo?). No caso do filme dos Bálcãs, era a população cigana que ganhava pela primeira vez um protagonismo distante da caricatura nas telas do país. Em *Terra em transe*, a problemática aparece de fato dentro da trama, entre os comícios festivos e os assassinatos secretos, e marcam os grandes momentos de instabilidade no populismo da esquerda retratado ali.

Nesse contexto, faz sentido que *Terra em Transe* nasça junto com a distribuidora Difilm, criada pela linha de frente do Cinema Novo para “abrir fronts de rebelião estética no seio do público”. Todas essas utopias respondem, de alguma forma, à principal crítica recebida pelo movimento brasileiro em seus anos de glória: como mudar o país se os filmes, em sua grande maioria, não chegam ao povo? A angústia marca a virada cinemanovista na segunda metade dos anos 1960.

roteiros. Após o sucesso de *O poderoso chefão*, Coppola dedicou-se a um projeto ambicioso, *Apocalypse Now* (1979), baseado no livro *O coração das trevas*, de Joseph Conrad. A realização do filme foi marcada por inúmeros problemas, desde tufoes e abuso de drogas, até ao ataque de coração de Martin Sheen e à aparência inchada de Marlon Brando, que Coppola tentou esconder, filmando-o na sombra. O filme foi adiado tantas vezes que chegou a ser apelidado de “Apocalypse Whenever”. Quando finalmente estreou, o filme foi amado e odiado pela crítica, e os seus elevados custos quase levaram ao colapso da American Zoetrope, o estúdio recém-criado de Coppola. No documentário de 1991, *Hearts of Darkness: A Filmmaker's Apocalypse*, dirigido pela esposa de Coppola, Eleanor Coppola, Fax Bahr e George Hickenlooper relatam as dificuldades que a equipa passou e mostra cenas dessas dificuldades filmadas por Eleanor. Apesar dos contratempos e problemas de saúde que Coppola sofreu durante a filmagem de *Apocalypse*, continuou com os seus projetos. Somente em 1982 Coppola voltou à realização, com *O fundo do coração*, que fracassou, embora tenha criado um culto à sua volta anos depois. Esse filme lhe deixou uma dívida de 30 milhões de dólares. Isso, somado à falência de seu estúdio, o American Zoetrope, fez com que o diretor entrasse em um período conturbado, em que teve que aceitar dirigir e associar seu nome a diversos trabalhos recomendados, que normalmente não lhe despertariam interesse. Em 1986, Coppola e George Lucas dirigiram o filme *Captain EO*, com Michael Jackson, para os parques temáticos da Disney. Em 1990, completou a série *O poderoso chefão*. Este terceiro filme, apesar de não ter sido tão aclamado pela crítica como os anteriores, foi um grande sucesso de bilheteria e indicado a sete Oscar, incluindo Melhor Diretor e Melhor Filme. (Nota da IHU On-Line)

16 **Robert Bresson** (1901-1999): diretor de filmes franceses, considerado um dos maiores cineastas franceses do século 20 e um dos grandes mestres do movimento minimalista. Algumas de suas obras: *As damas do Bois de Boulogne* (1945), *Diário de um padre* (1951), *Pickpocket* (1959), *O processo de Joana D'Arc* (1962), *A grande testemunha* (1966), *Mouchette* (1967). (Nota da IHU On-Line)

17 **Michelangelo Antonioni** (1912-2007): cineasta italiano. Graduou-se em Economia na Universidade de Bolonha, na Itália, e estudou no Centro Sperimentale di Cinematografia, na Cinecittà. Seu primeiro grande sucesso foi *A aventura* (1960) seguido por *A noite* (1961) e *O eclipse* (1962), que comprendem uma trilogia sobre o tema da alienação. Os filmes mais notáveis de Antonioni mostravam a elite e a burguesia urbana, além de descrever personagens ricos como pessoas vazias e sem alma. Em 1985, sofreu um acidente vascular cerebral que o deixou parcialmente paralítico e impossibilitado de falar. Sua carreira terminou em 2004, aos 92 anos, com o filme *Eros*. (Nota da IHU On-Line)

18 **Joseph Losey** (1909-1984): diretor de cinema norte-americano radicado na Inglaterra. Sua carreira começou com o curta-metragem *A Gun in his hand*, em 1945, e três anos depois fez o seu primeiro longa-metragem, *O menino dos cabelos verdes*, em 1948, uma obra de vigoroso apelo antiliberticista e anti-racial. Quatro filmes depois, a carreira de Losey é bruscamente interrompida, no início da década de 1950, pela ação do macartismo. Impedido de trabalhar em Hollywood, mudou-se para a Inglaterra, iniciando um novo período na vida e na carreira do diretor, marcado, nos primeiros anos, por grandes dificuldades. Mesmo distante da América, foi obrigado a usar pseudônimo nos filmes que dirigiu. Com a estreia de *O criado*, em 1963, Losey ficou conhecido internacionalmente. O seu filme *O mensageiro*, de 1970, com Julie Christie e Alan Bates, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes e, em 1976, com *Monsieur Klein*, estrelado por Alain Delon e Jeanne Moreau, conquistou o prêmio francês César como o Melhor Filme e Melhor Diretor. (Nota da IHU On-Line)

19 **Shirley MacLaine** (1934): atriz norte-americana. Atuou em dezenas de filmes no cinema e ao lado de grandes astros, como Jack Lemmon, em *Se meu apartamento falasse*; Clint Eastwood, em *Os abutres tem fome*; Paul Newman, em *A senhora e seus maridos*; e Peter Sellers, no aclamado *Muito além do jardim*. Seu grande destaque foi o papel da temperamental e carinhosa Aurora Greenway em *Laços de Ternura*. É memorável a cena em que Shirley, desesperada com a degradação física da sua filha, que sofre de câncer, grita para que as enfermeiras administrem uma injeção contra as dores. Pelo papel, Shirley conquistou o Oscar de Melhor Atriz, após outras cinco indicações. (Nota da IHU On-Line)

20 **Vincente Minnelli** (1903-1986): cineasta norte-americano nascido em Chicago, considerado um dos criadores do moderno musical. Em 1936 estreou na direção teatral, fazendo no Broadway *All home abroad*. Em Hollywood, assinou contrato com a Metro Goldwyn Mayer e, entre 1942 e 1962, dirigiu 29 filmes. Ele dirigiu *Meet Me in St. Louis* (1944), quando namorou a estrela Judy Garland, com quem se casou no ano seguinte e teve a única filha, Liza Minnelli, que cresceu e tornou-se uma estrela do cinema e dos palcos como cantora e atriz, inclusive vencedora do Oscar pelo filme *Cabaret*. Diretor de mais de 30 filmes, ele era considerado um renovador dos musicais norte-americanos e um grande vencedor de Oscar com filmes como *Um americano em Paris* e *Gigi*. (Nota da IHU On-Line)

21 **Miklós Jancsó** (1921-2014): cineasta húngaro, autor de obras que atingiram notoriedade internacional ao longo das décadas de 1960 e 1970. Estudou Direito e Etnografia, antes de cursar a Escola Superior de Cinema de Budapeste, onde se diplomou em 1950. Nos primeiros anos da sua carreira, assinou diversos documentários e curta-metragens. Em 1958, dirigiu a sua primeira obra de fundo, *A harangó Rómába mentek*. (Nota da IHU On-Line)

22 **Ousmane Sembène** (1923-2007): cineasta, produtor e escritor nascido no Senegal. Frequentou a escola até aos 14 anos, passando depois por várias profissões: pescador, mecânico, pedreiro e militar. Participou de campanhas na Itália e na França contra o fascismo e o nazismo. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, trabalhou em Marselha como estivador, passando logo a ativista sindical. Esta experiência lhe proporcionou estudar sobre a temática seu primeiro livro, *Le docker noir* (1956), e de algumas histórias de *Voltaire* (1962). Autodidata persistente, em todas as atividades enriqueceu seu conhecimento da vida e dos homens. De regresso à África, entregou-se entusiasticamente a uma dupla atividade criativa: a de escritor e a de cineasta. Escreveu dez romances e realizou 13 filmes. Foi considerado um dos maiores autores do sub-Sáhara africano e é frequentemente denominado de o pai do cinema africano. (Nota da IHU On-Line)

23 **Alessandro Blasetti** (1900-1987): cineasta italiano nascido em Roma, que colaborou longamente com Mario Camerini. Blasetti é considerado um dos autores mais interessantes do cinema fascista, do qual foi um dos apologistas. Seu filme de estreia, *Sole*, é uma exaltação épica dos benefícios do regime implantado por Benito Mussolini; *Vecchia guardiā*, de 1934, é uma apologia da Marcha sobre Roma. Sua melhor obra é *1860*, que retrata a Expedição dos Mil, episódio histórico vivido por Giuseppe Garibaldi, em que abusa do excesso retórico. Seus outros filmes são de discreta habilidade, com algum êxito nas representações históricas (*Ettore Fieramosca*, *La corona di ferro*, *La cena delle beffe*). Atribui-se também a Blasetti o mérito de haver sabido representar perfeitamente o pequeno burguês provincial e machista do fascismo, em *La tavola dei poveri* (1932) e *Quattro passi fra le nuvole* (1942). *Fabiola*, de 1949, é a transposição cinematográfica do livro *Fabiola ou A Igreja das Catacumbas*, de Nicholas Wiseman. Depois de anos afastados dos estúdios cinematográficos, Blasetti rodou, em 1952, *Altri tempi e Tempi nostri*; dois anos mais tarde descobriu Sofia Loren, lançando-a como estrela de *Peccato che sia una canaglia e La fortuna di essere donna*. Com *Europa di notte* (1959), Blasetti dá vida a um filão de reportagens sexy que, em seguida, tornaram-se bastante populares. Interpretou a si mesmo em *Bellissima*, de Luchino Visconti (1951), e em *Una vita difficile* de Dino Risi (1961). (Nota da IHU On-Line)

24 **Aleksandar Petrović** (1929-1994): diretor de cinema iugoslavo nascido na França. (Nota da IHU On-Line)

Sai de cena a ideia emprestada de Mário de Andrade²⁵, “meter a cara na mata virgem”, ou seja, o projeto de descoberta transformadora de um país, e entra a necessidade do autorretrato (menos no sentido do “quem sou eu”, mais no do “onde eu estou?”). Uma mudança, certamente, assombrada pelo golpe de 1964, como escancara o primeiro filme dessa fase, o seminal *O desafio*, de Paulo Cesar Saraceni²⁶, de 1965, citado pelo próprio Glauber como o pai de todos os filmes políticos realizados imediatamente após a tomada de poder dos militares.

A reunião das cartas de apresentação de cada filme escancara novos medos e obsessões: o golpe militar de 1964 no Brasil leva um jovem jornalista a um vazio existencial. Diante das desilusões amorosas e políticas, ele se encontra sem perspectivas de vida (*O desafio*). País fictício da América Latina, Eldorado, é palco de uma convulsão interna desencadeada pela luta em busca do poder (*Terra em transe*). A história de um escritor que deixa seu lar para realizar pesquisas literárias nos cenários mais obscuros do país. Inconformado com o atual cenário nacional, o historiador junta-se à guerrilha (*Desesperato*, Sergio Bernardes Filho²⁷). Ex-revolucionário cego, surdo e mudo recebe em uma casa de veraneio uma pianista frustrada e seu marido (*Fome de amor*, Nelson Pereira dos Santos²⁸). Querendo promover mudanças, um deputado passa para o partido da oposição e tenta levar suas ideias adiante, mas vê o seu projeto de lei ameaçado e descobre que não é a melhor pessoa para lidar com os sindicatos (*O bravo guerreiro*, Gustavo Dahl²⁹). A saga de uma família brasileira, de 1930 a 1964 (*Os Herdeiros*, Carlos Diegues³⁰).

25 **Mário de Andrade** (1893-1945): poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia desvairada*, em 1922. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. (Nota da IHU On-Line)

26 **Paulo César Saraceni** (1932-2012): roteirista, produtor de cinema, ator e cineasta nascido no Rio de Janeiro. Um dos mentores do movimento Cinema Novo, ao lado de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, entre outros. Nos anos 1950, foi crítico de cinema e assistente de direção teatral. Começou a dirigir curta-metragens em 1957. Estudou no Centro Experimental de Cinema, em Roma. O Festival do Rio BR 2000 apresentou uma retrospectiva de sua obra, e em 2001 Saraceni realizou três filmes para a RAI – TV italiana: *Fórum Mundial de Porto Alegre*, *Movimento dos sem-terra* e *Garrincha*. Alguns de seus filmes: *O viageiro* (1998), *Bahia de todos os sambas* (1996), *Natal da Portela* (1988), *Anchieta, José do Brasil* (1977), *Amor, carnaval e sonhos* (1972), *A casa assassinada* (1970), *Capitu* (1967). (Nota da IHU On-Line)

27 **Sérgio Bernardes Filho** (1944-2007): filho do célebre arquiteto de mesmo nome, Sérgio Bernardes (também conhecido como Sérgio Bernardes Filho) nasceu no Rio de Janeiro. Em 1962, começou seus estudos de cinema no IDHEC (Institute des Hautes Etudes Cinématographiques), em Paris. Em seguida, ainda na Europa, estudou coreografia e teatro com Maurice Béjart e composição e trilha sonora com Pierre Henry. Voltou ao Brasil na segunda metade dos anos 1960 e realizou dois filmes, o documentário em curta-metragem *Venha doce morte* (1968), sobre o asilo São Luiz (RJ), e o longa-metragem de ficção *Desesperado* (1968), que ganhou por unanimidade os prêmios de melhor filme, melhor ator (Raul Cortez) e melhor atriz (Marisa Urban) no Festival de Belo Horizonte de 1968. Posteriormente, *Desesperado* teve negado seu certificado de exibição pelo governo militar e tornou-se proibido para circulação. De volta à França, realizou o documentário curto *Le masque* (1976), sobre terapia alternativa. Novamente no Brasil, filmou seu segundo longa de ficção, *Madrepérola* (1978), que ficou inacabado. A seguir, realizou *Rio: plano político-administrativo do município* (1982), documentário sobre o plano de seu pai para o município do Rio de Janeiro. A partir daí, passou a utilizar o vídeo como formato e empreendeu diversas viagens à Amazônia e a outras áreas não urbanas. Desenvolveu uma extensa produção em vídeo nos anos 1990, entre os quais os premiados *Panthera onça* (1990), *Os guardiões da floresta* (1990) e *Casa da floresta* (1992). Na segunda metade da mesma década, criou o projeto Via Brasil, com expedições por todo o Brasil e um documentário institucional finalizado em 2000. Seu último grande projeto foi *Tambor*, um documentário-síntese das questões sociais, econômicas e ambientais que afetam o povo e o território brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

28 **Nelson Pereira dos Santos** (1928): diretor de cinema nascido em São Paulo. Formou-se em Direito na Universidade de São Paulo – a USP. Considerado um dos mais importantes cineastas do país, seu filme *Vidas secas*, baseado na obra de Graciliano Ramos, é um dos filmes brasileiros mais premiados em todos os tempos, sendo reconhecido como obra-prima. Foi um dos precursores do movimento Cinema Novo. É o fundador do curso de graduação em Cinema da Universidade Federal Fluminense. Algumas de suas obras: *Rio, 40 Graus* (1955), *Rio, Zona Norte* (1957), *Mandacaru vermelho* (1961), *Boca de ouro* (1962), *Vidas secas* (1963), *Como era gostoso o meu francês* (1971), *O amuleto de Ogum* (1974), *Tenda dos milagres* (1977), *Memórias do cárcere* (1984), *Jubiabá* (1987), *A terceira margem do rio* (1994), *Cinema de lágrimas* (1995), *Raízes do Brasil* (2004), *A música segundo Tom Jobim* (2012), *A luz do Tom* (2012). (Nota da IHU On-Line)

29 **Gustavo Dahl** (1938-2011): cineasta, crítico e gestor público de cinema brasileiro, nascido em Buenos Aires. Foi casado com a atriz Maria Lúcia Dahl. Filho de pai argentino e mãe brasileira, Dahl passou parte da infância em Montevideu e mudou-se com a família para São Paulo em 1947. Em 1958, a convite de Paulo Emílio Salles Gomes, passou a colaborar no Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo. No mesmo período, foi presidente do cineclube do Centro Dom Vital e começou a trabalhar na Cinemateca Brasileira. Em 1960, com bolsa recebida do governo da Itália, foi cursar o Centro Sperimental di Cinematografia, em Roma. Neste curso conheceu Paulo César Saraceni e ligou-se ao movimento Cinema Novo. No mesmo curso, conviveu com os cineastas italianos Marco Bellocchio, Bernardo Bertolucci e Gianni Amico. Em 1963, em Paris, frequentou o curso de cinema etnográfico do Musée de l'Homme, ministrado por Jean Rouch, tendo presenciado o início do cinema-verdade. De volta ao Brasil em 1964, fixou-se no Rio de Janeiro, iniciando sua carreira de montador de filmes, em paralelo ao seu trabalho de documentarista. Em 1965, recebeu os prêmios Corujá de Ouro e Saci pela montagem de *A grande cidade*, de Cacá Diegues. Mais tarde, em 1974, voltaria a receber a Corujá de Ouro pela montagem de *Passe livre*, de Oswaldo Caldeira. Montou ainda *Integração racial*, de Paulo César Saraceni (1964), e *Soledade*, de Paulo Thiago (1976). Em 1968, dirigiu seu primeiro longa, *O bravo guerreiro*, que juntamente com *O desafio* (de Saraceni) *Terra em transe* (de Glauber Rocha) formou a trilogia de filmes políticos da segunda fase do Cinema Novo. De 1958 a 1975, desenvolveu também a atividade de crítico e ensaísta, tornando-se um dos teóricos do grupo do Cinema Novo. Colaborou nas revistas *Civilização Brasileira* e *Cahiers du Cinéma*, bem como nos semanários *Opinião* e *Movimento* e nos diários *Jornal do Brasil*, *Correio Braziliense* e *Folha de S.Paulo*. A partir da finalização de *Uirá, um índio em busca de Deus*, seu filme de 1975, Dahl deu uma guinada em sua atividade profissional, aceitando assumir, a convite de Roberto Farias, a superintendência de comercialização da Embrafilme. A partir daí, desenvolveu vários papéis na gestão do setor audiovisual. (Nota da IHU On-Line)

30 **Carlos Diegues** (1940): conhecido por Cacá Diegues, é um premiado cineasta nascido em Maceió. Foi um dos fundadores do Cinema Novo. Aos seis anos de idade, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro e instalou-se em Botafogo, bairro onde Diegues passou toda sua infância e adolescência. Estudou Direito na PUC-Rio, período em que fundou um cineclube, iniciando suas atividades de cineasta amador com David Neves e Arnaldo Jabor, entre outros. Ainda estudante, dirige o jornal O Metropolitano, órgão oficial da União Metropolitana de Estudantes e junta-se ao Centro Popular de Cultura, ligado à União Nacional dos Estudantes. O grupo da PUC e o de O Metropolitano tornam-se, a partir do final da década de 1950, um dos núcleos de fundação do Cinema Novo, do qual Diegues é um dos líderes, juntamente com Glauber Rocha, Leon Hirszman, Paulo Cesar Saraceni e Joaquim Pedro de Andrade. Em 1961, em colaboração com David Neves e Affonso Beato, realiza o curta-metragem *Domingo*, um dos filmes pioneiros do movimento. Em 1962, no CPC, Diegues dirige seu primeiro filme profissional, em 35mm, *Escola de Samba Alegria de Viver*, episódio do longa-metragem *Cinco vezes favela* (os demais episódios são dirigidos por Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, Marcos Farias e Miguel Borges). Seus três primeiros longas-metragens, *Ganga Zumba* (1964), *A grande cidade* (1966) e *Os herdeiros* (1969), são filmes típicos daquele período voluntarista, inspirados em utopias para o cinema, para o Brasil e para a própria humanidade. Polemista inquieto, ele continua a trabalhar como jornalista e a escrever críticas, ensaios e manifestos cinematográficos, em diferentes publicações, no Brasil e no exterior. Em 1969, após a promulgação do AI-5, Diegues deixou o Brasil, vivendo primeiro na Itália e depois na França, com sua esposa, a cantora Nara Leão. De volta ao Brasil, Diegues realizou mais dois filmes, *Quando o carnaval chegar* (1972) e *Joanna Francesca* (1973). Em 1976, dirigiu *Xica da Silva*, seu maior sucesso popular. Em 1978, inventou, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, a expressão “patrulhas ideológicas” para denunciar alguns setores da crítica que desqualificavam os produtos culturais não alinhados a certos cânones da esquerda política mais ortodoxa. Nesse período de início da redemocratização do país e de renovação do cinema brasileiro, realizou *Chuvas de verão* (1978) e *Bye bye Brasil* (1979), dois de seus maiores sucessos. Em 1984, realizou o épico *Quilombo*, uma produção internacional comandada

A depressão, a luta armada, o suicídio, o escapismo psicodélico, a adesão ao poder: todo o desenho de um futuro próximo está delineado nessa pequena coleção de explosivos, naturalmente atacada pela censura oficial. Se todos se aproximam na premissa, o retrato do intelectual em crise, alguns problematizam o drama de quem está fora do poder, marcado essencialmente pelo sentimento de impotência, enquanto outros arriscam a tradução das entranhas políticas e a confusão mental de quem está dentro do jogo. E se *Terra em transe* desperta tantos sentimentos e opiniões contrastantes, é porque, mais que qualquer par brasileiro da época, perfila na linha de frente do cinema moderno dos anos 1960 e amplia o escopo de sua investigação: trata-se do único filme do período que consegue aproximar o dentro e o fora, o indivíduo em frangalhos e a iluminação de um processo histórico, *quem eu sou e o onde estou*.

Poucos filmes no mundo conseguem existir simultaneamente entre a renúncia e a posse de medalhões e entre o instante de um tiro e o momento da morte de um homem perdido. Na primeira narrativa, extremamente linear e organizada, como uma peça didática de Brecht³¹, o herói existe especialmente para comentar criticamente as passagens da trama, da ascensão e queda do populista, a sedução da direita, a sombra do golpe, a necessidade de um contragolpe. No outro, herdeiro direto dos jogos com o tempo de Alain Resnais³² – aquele que fragmenta o mundo para traduzir um estado de espírito assombrado –, o real protagonista é a subjetividade desenfreada desse mesmo personagem. Entre os cadáveres ilustres e as cabeças cortadas, resta outra angústia vertiginosa, sem sombra de resposta, que faz da obra de Glauber Rocha uma criatura realmente contemporânea ao horror de todos os tempos: *o que fazer?* A resposta mais imediata e provocadora veio de um parricida, um jovem de vinte e poucos anos que também desejou filmar a interrogação com presença de uma exclamação, mas num espaço à margem do poder (ou seja, nem dentro e nem fora): Rogério Sganzerla³³. *O bandido da luz vermelha*. O fracasso e a derrota ainda dão o tom, mas agora acompanhados de uma postura menos ensimesmada, menos trágica, mais explosiva, mais instigada a ferir o mundo: *quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha (e se esculhamba)*. O cinquentenário é amanhã.

20

pela Gaumont francesa. Numa fase crítica da economia cinematográfica do país, realiza dois filmes de baixo custo, *Um trem para as estrelas* (1987) e *Dias melhores virão* (1989). Na mesma fase, realizou, em parceria com a TV Cultura, *Veja esta Canção* (1994). Dirigiu ainda *Tieta do Agreste* (1996), *Orfeu* (1999) e *Deus é brasileiro* (2003). A maioria dos 18 filmes de Diegues foi selecionada por grandes festivais internacionais, como Cannes, Veneza, Berlim, Nova York e Toronto, e exibida comercialmente na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, sendo um dos realizadores brasileiros mais conhecidos no mundo. (Nota da IHU On-Line)

31 **Bertold Brecht** (1898-1956): escreveu poesia, teatro, ensaios e roteiros de cinema, lutando durante toda a sua vida pelos oprimidos. Assumiu uma clara posição de esquerda e procurou colocar a luta de classes no palco, utilizando-se da dialética. (Nota da IHU On-Line)

32 **Alain Resnais** (1922): cineasta francês, nascido em Vannes. Ficou conhecido por suas obras de ficção poética *Hiroshima meu amor* (1959) e *O ano passado em Marienbad* (1961). (Nota da IHU On-Line)

33 **Rogério Sganzerla** (1946-2004): cineasta nascido em Joaçaba – SC. Teve como expoente de sua carreira o filme *O bandido da luz vermelha*, de 1968. O diretor, criticado por sua ousadia, concentrou em seu primeiro longa-metragem toda a sua radicalidade política. Sganzerla pretendia "ser livre e ao mesmo tempo – acadêmico", o que rendeu uma certa complexidade artística e intelectual à sua obra. Dirigiu outras obras ousadas, como *A mulher de todos* (1969), *Sem essa aranha* (1970), *Tudo é Brasil* (1997) e *O sinal do caos* (2003), entre outras. O diretor teve uma carreira intermitente, e a impossibilidade de filmar foi uma marca em sua trajetória. Desde cedo, Sganzerla manifestou sua vocação para o cinema. Casou-se com sua própria musa do cinema (a atriz Helena Ignez), viveu para o cinema e fez cinema até os últimos dias de sua vida. (Nota da IHU On-Line)



O ar fresco de uma Igreja em saída

Evento do IHU debate o protagonismo do pontificado de Francisco como fenômeno geopolítico

Lara Ely

Quando a fumaça branca saiu pela chaminé da Capela Sistina em 13 de março de 2013, a Igreja não imaginava que o sucessor de Joseph Aloisius Ratzinger representaria uma lufada de ar fresco ao Vaticano. Como primeiro papa não europeu, latino-americano, argentino e jesuíta a ocupar o cargo, Francisco trouxe uma nova perspectiva teológica, muito menos teórica e mais pastoral.

Responsável pela adoção de uma postura ao mesmo tempo tolerante e ativa, ele assume um protagonismo geopolítico. Essa liderança também tem reflexos na Igreja, tensionando para que se reinvente frente aos desafios da atualidade. São ações que geram, dentro do catolicismo, muitas adesões, mas também resistências. Para tentar compreender essa outra forma de ser Igreja trazida por Mario Bergoglio, e refletir a partir das suas provocações, o *XVIII Simpósio Internacional IHU A Virada Profética de Francisco – Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo* vai discutir, entre os dias 21 e 24 de maio de 2018 em Porto Alegre, o papel da Igreja hoje.

Autor da biografia do papa e estudioso da Igreja latino-americana, o jornalista inglês Austen Ivereigh define Francisco como “reformador” não só pelo que propõe no pontificado, mas pela história de mudanças que fez. “Eu o chamo de ‘grande reformador’ porque ele tem se mostrado resoluto em seu objetivo de convocar a Igreja para voltar à sua missão essencial”, explica. Outro estudioso do tema, o escritor e jornalista Marco Politi analisa o perfil do papa a partir da enxugada feita por ele nas finanças do Vaticano, destacando o fechamento de contas, a criação de um comitê contra a lavagem de dinheiro, a criação de acordos de cooperação judiciária com Estados e a criação do Secretariado para a Economia como pontos relevantes de sua contribuição.

Ao deparar com as questões sociais, políticas e ambientais, o Papa não se furtou de assumir uma postura firme voltada às minorias. Seus quase cinco anos de papado reúnem exemplos que ilustram o que defende como uma Igreja em saída: o aceite do pedido de desculpas do líder das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia Rodrigo Londoño, o Timochenko, por toda a matança ocorrida em um conflito de meio século, a visita humanitária à ilha de Lesbos, na Grécia, onde interagiu com os refugiados do Oriente Médio, entre outros episódios.

Visita à América Latina

Esse mesmo espírito também deve ser a tônica de sua próxima visita à América Latina, entre 15 e 21 de janeiro de 2018, quando passará por Chile e Peru. No primeiro país, encontrará um governo aberto à democracia (não mais sob ditadura de Pinochet, como foi em 1987, na visita de João Paulo II), com o número de católicos diminuído em quase 60% e com índios mapuche enfrentando conflitos territoriais. No segundo país, travará diálogo com os povos da floresta amazônica, tema relacionado com a *Laudato Si*¹ e o Sínodo dos Bispos para a Amazônia². Este assunto pautará a conferência do teólogo alemão Paulo Suess³, membro do Conselho

¹ **Laudato Si'** (em português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A revista **IHU On-Line** publicou uma edição em que debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqbhAJ> (Nota da **IHU On-Line**)

² **Sínodo de Bispos para Amazônia:** convocado pelo Papa Francisco, o Sínodo ocorrerá em Roma, em outubro de 2019, e discutirá os desafios da região amazônica, especialmente a questão dos indígenas e a preservação das florestas. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Paulo Suess:** nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental, com um trabalho sobre Catolicismo popular no Brasil. Em 1987 fundou o curso de Pós-Graduação em Míssiology, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de Doutor honoris causa, das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt

Indigenista Missionário - Cimi, durante o Simpósio do IHU. “Missão, participação, proximidade aos pobres, diálogo, estruturas a serviço do povo de Deus – eis as inspirações pastorais novamente lançadas pelo Papa Francisco”, afirma o teólogo.

Quebra de paradigmas e críticas

Como ator no cenário político global, Bergoglio é dono de ações e falas que representam uma quebra de paradigma. Como bem lembrou o professor da Villanova University, nos EUA, Massimo Fagioli, “é preciso lembrar que o **Papa Francisco**, apesar de estar profundamente enraizado na tradição da Igreja, foi acusado de uma suposta falta de ortodoxia conservadora bem no início do seu pontificado”. As opiniões sobre ele vão de um extremo a outro: quando discursou na Bolívia, em 2015, foi elevado ao patamar de “um dos mais importantes estadistas mundiais” nas palavras do escritor e teólogo brasileiro frei Betto, repercutido pela imprensa europeia. As palavras de Cesar Kuzma, um dos mais expressivos teólogos católicos brasileiros da nova geração, expressam a visão da ala mais conservadora do Vaticano: “Francisco quer reformas e

as reformas tendem a mexer nas estruturas. É óbvio que quem é favorecido pela estrutura não quer mudança”.

Essa postura de Francisco quase insurgente, o jornalista e ex-senador italiano Raniero La Valle definiu como “virada profética”. O escritor se baseia na ruptura de Francisco com uma perspectiva de mais de 30 anos de Igreja, surgindo como uma liderança popular e surpreendente onde ninguém esperava. Mesmo sem ter composto o corpo eclesial que participou diretamente dos debates entre 1962 e 1965, suas ações retomam o Concílio Vaticano II. Como saldo, alguns avanços e a formação de um papa que surpreende e provoca reflexões. O *XVIII Simpósio Internacional IHU A Virada Profética de Francisco* busca justamente compreender melhor esse pontificado de Francisco no século XXI e os seus efeitos dentro e fora da Igreja. ■

XVIII Simpósio Internacional IHU A Virada Profética de Francisco

21 a 24 de maio de 2018

Teatro Unisinos – Campus Porto Alegre
(Av. Dr. Nilo Peçanha, nº 1.640, Bairro
Boa Vista)

Mais informações: <http://bit.ly/2AR-QmdW>

(2004). É assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário - Cimi e professor no ciclo de pós-graduação em missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo - Itesp. (Nota da **IHU On-Line**)



Mostra e comercialização de produtos, todas as quartas e sextas

ECOFÉIRA UNISINOS

10h às 18h – quartas-feiras | Local: em frente ao Instituto HumanitasUnisinos - IHU
11h às 14h – sextas-feiras | Local: Complexo Tecnológico Unitec

ihu.unisinos.br

Calendário de eventos do IHU abordará violência, política, economia nacional e Revolução 4.0

Primeira conferência de 2018 será em março e trará a temática de agressões contra as mulheres

João Vitor Santos

O XVIII Simpósio Internacional IHU – A virada profética de Francisco. Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo ocorre em maio, mas o calendário de eventos do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** abre em já em março. O primeiro evento será o **Ciclo de Estudos e Debates: Violências no Mundo Contemporâneo Interfaces, Resistências e Enfrentamentos**. Como tradicionalmente faz, o **IHU** prepara suas atividades referentes à Páscoa tendo como base o tema da Campanha da Fraternidade, que nesse ano é *Fraternidade e Superação da Violência*. “Nesse movimento de transformação social, tem emergido uma sociabilidade que vai se concretizando em ações cotidianas violentas. A cordialidade parece ceder lugar à intolerância”, observa o professor da PUC Minas, Robson Sávio Reis Souza, um dos colaboradores na redação do texto base da *Campanha*, em entrevista reproduzida na seção Notícias do Dia no sítio do **IHU**¹.

A primeira conferência desse **Ciclo** será no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Assim, aliando as temáticas femininas e as questões relacionadas à violência, a Profa. Dra. Luciana Boiteux, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, proferirá a palestra *Mulheres: violências, resistências e enfrentamentos*. A atividade inicia às 17h30min, abrindo também o calendário do **IHU Ideias**, tradicional espaço reservado pelo **IHU** sempre ao final da tarde de quinta-feira para o debate de temas emergentes. À noite, a partir das 19h30min, Luciana promove

uma segunda palestra: *A (des)construção da violência de gênero. Desafios e perspectivas*. “A violência do feminicídio é estrutural e não apenas individual ou patológica, pois o que move esse ódio é acima de tudo a manutenção da dominação masculina”, destaca a professora, em artigo publicado nas Notícias do Dia de 5-1-2017, no sítio do **IHU**².

O Ciclo de Estudos e Debates: Violências no Mundo Contemporâneo Interfaces, Resistências e Enfrentamentos segue até maio e ainda percorrerá as questões de violência contra povos originais, crianças, jovens, além de discutir estratégias e alternativas para o enfrentamento desses mais variados tipos de violência. A programação completa pode ser acessar no site do **IHU**, através do endereço ihu.unisinos.br/eventos.

Novo ciclo sobre a Revolução 4.0

Um dos temas que pautou a agenda de eventos e as publicações do **IHU** em 2017 foi a chamada Revolução 4.0, ou a 4^a Revolução Industrial. Em 2018, o Instituto promove um segundo ciclo para debater o tema. É o **2º Ciclo de Estudos Revolução 4.0 – Impactos nos modos de produzir e viver**. Nesse ano, o foco é compreender impactos desta revolução nos campos da cultura, biopolítica, trabalho, formação, distribuição de renda, relação sociedade/estado, dentre outros. “Enfim, alguns relevantes impactos da Revolução 4.0 no nosso ser em comum, no nosso ser em sociedade”, explica o Lucas Henrique da Luz, professor da Escola de Gestão e Negócios da Unisinos, e, como

¹ A íntegra da entrevista está disponível em <http://bit.ly/2yfgtFx>. (Nota da **IHU On-Line**)

² A íntegra do artigo está disponível em <http://bit.ly/2B9YENH>. (Nota da **IHU On-Line**)

colaborador do IHU, um dos organizadores do Ciclo.

A primeira palestra será com o Prof. Dr. Cesar Alexandre de Souza, da Universidade de São Paulo – USP, no dia 15 de março, uma quinta-feira, às 19h30min. O professor abordará o tema *Inteligência artificial e o futuro do trabalho*. Ainda em março, no dia 21, o Prof. Dr. Fábio do Prado, do Centro Universitário FEI, de São Bernardo do Campo, em São Paulo, abordará *A formação profissional no contexto da revolução 4.0*. “Finalmente começamos a falar e a discutir mais sobre a relação entre economia, cultura e tecnologia, e menos sobre o capital financeiro. A nova geração robótica implica justamente a palavra ‘revolução’ e assume um desafio difícil de governar e entender”, destaca o professor Prof. Dr. Massimo Canevacci, também da USP, em entrevista concedida à **IHU On-Line**³. Ele também participará desse **2º Ciclo de Estudos Revolução 4.0**, proferindo a palestra *Smart cities, cultura digital e renovação política. Contradições e possibilidades da revolução 4.0*, no dia 10 de abril.

Política e economia nacional

A conjuntura nacional é outro tema que pauta as reflexões do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Nesse ano, além das publicações, o tema é central em pelo menos três eventos: o **3º Ciclo de Estudos A esquerda e a Reinvenção da Política no Brasil contemporâneo – Limites e perspectivas; A reinvenção política no Brasil contemporâneo à luz das experiências latino-americanas; e o Ciclo de Palestras Trajetória da Política Econômica Brasileira 2003–2017. Crescimento, crise e novas possibilidades**.

O **3º Ciclo de Estudos** acontece de março a maio e, embora centrado na realidade brasileira, também vai abordar questões relacionadas a esquerda no mundo. Afinal, como destacada o historiador e sociólogo José Maurício Domingues em entrevista à **IHU On-Line**⁴, “sem dúvida a esquerda enfrenta hoje no mundo todo

uma situação muito complexa. Não tem projeto claro de futuro”.

Esse Ciclo tem relação direta com a atividade **A reinvenção política no Brasil contemporâneo à luz das experiências latino-americanas**, que ocorre nos dias 28 e 30 de maio. Ao longo de todo o primeiro dia, ocorre uma verdadeira imersão, com quatro conferências sobre o tema. A primeira delas é com o Prof. Dr. Eduardo Gudynas, do Centro Latino-Americanano de Ecologia Social – CLAES. Em março desse ano, ele concedeu uma entrevista à **IHU On-Line**⁵, em que destaca que, na América Latina, as noções de esquerda e de progressismo não ocupam o mesmo espectro. Segundo Gudynas, embora o Partido dos Trabalhadores no Brasil, o kirchnerismo na Argentina, os bolivarianos na Bolívia, no Equador e na Venezuela, e a Frente Ampla, no Uruguai tenham suas raízes comum na esquerda, esses governos “são um tipo de esquema político diferente da esquerda que lhes deu origem”. “A ideia do progressismo de se converter numa nova esquerda que fosse efetiva para proteger as classes populares e o meio ambiente não se concretizou”, completa.

Além de Gudynas, ainda participam do evento o Prof. Dr. Raúl Zibechi, do Uruguai, Prof. Dr. Pablo Miguez, da Universidade de Buenos Aires – UBA, Prof. Dr. Pablo Ortellado, da Universidade de São Paulo – USP, Diego Viana, Doutorando no programa Diversitas da FFLCH-USP e no Laboratoire du Changement Social et Politique (LCSP) da Universidade Paris Diderot (Paris VII), Prof. Dr. Ricardo de Medeiros Carneiro, da Universidade de Campinas – Unicamp e Profa. Dra. Tatiana Roque, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Já o **Ciclo de Palestras Trajetória da Política Econômica Brasileira 2003–2017. Crescimento, crise e novas possibilidades** inicia em março e se estende até junho. Entre os conferencistas está a Profa. Dra. Laura Carvalho, da Universidade de São Paulo – USP, que abordará o tema *Estratégias para a economia brasileira e a sua trajetória macroeconômica de 2003–2017*. “Na macroeconomia, restrições orçamentárias não são estáticas

³ Acesse a entrevista completa em <http://bit.ly/2nTBfuO>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ A entrevista completa está disponível em <http://bit.ly/2BWALGh>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Acesse a entrevista completa em <http://bit.ly/2l0idl9>. (Nota da **IHU On-Line**)

nem absolutas. Triste é ver um déficit dessa dimensão tão mal empregado. As escolhas de um governo preocupado apenas em manter-se no poder conspiram contra alternativas sustentáveis de enfrentamento da crise que hoje tanto aflige as famílias brasileiras", escreve Laura Carvalho, em artigo reproduzido nas Notícias do Dia de 15-7-2016, no sítio do IHU⁶.

A desigualdade e suas faces no Brasil

A desigualdade é algo que pode assumir diversas faces e, no Brasil de nosso tempo, ainda é atualizada por estado de crises que vão do econômico ao político, passando pelo social. Mas, afinal, o que é e como é possível apreender as manifestações das desigualdades brasileiras? Essa é apenas umas das inúmeras questões que devem inspirar o **Ciclo de Debates Desigualdades no Contexto Econômico Brasileiro**. "Especialmente quanto à desigualdade de renda no Brasil, há tanto estudos que demonstram que ela reduziu quanto que ela ficou estável e não diminuiu na última década", destaca Gilberto Faggion, professor da Escola de Gestão e Negócios da Unisinos e colaborar do IHU. O professor ainda explica que "o Ciclo se insere, na discussão desses e outros resultados, buscando entender desde as causas até as consequências das desigualdades, tendo como horizonte possibilidades de sua superação num País tão desigual com o nosso".

⁶ Leia o artigo em <http://bit.ly/2yh3inQ> (Nota da IHU On-Line)

Entre as conferencistas desse evento está Profa. Dra. Marta Arretche, da Universidade de São Paulo – USP, que tratará do tema *Trajetória da desigualdade econômica no Brasil contemporâneo e possibilidades de superação*. A sua palestra será em 2 de abril, às 19h30min.

Muitas das atividades do **Ciclo de Debates Desigualdades no Contexto Econômico Brasileiro** são partilhadas com outro evento do IHU que terá duas novas edições em 2018, no primeiro e no segundo semestres. É **A Contemporaneidade em debate - Intérpretes e obras**, que busca referências ao debate em livros publicados, apresentando não somente a obra, mas indicando também uma leitura possível ao volume. É o caso da conferência da Dra. Clitia Martins, da Fundação de Economia e Estatística – FEE/RS e membro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, que apresentará sua leitura, que apresentará sua leitura do livro *Prosperidade sem Crescimento. Vida Boa em um Planeta Finito* (São Paulo: Planeta Sustentável, 2013), de Tim Jackson. A atividade será numa quarta-feira, dia 4 de abril.

Mas as leituras não são somente focadas numa área. São transdisciplinares. No primeiro semestre, por exemplo, serão revisitadas ainda as obras Roberto Esposito, *La máquina de la teología política y el lugar del pensamiento* (Buenos Aires: Amorrutu, 2015); de Bruce Albert e Davi Kopenawa, *A Queda do Céu. Palavras de um Xamã Yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015); entre outras.■

Saiba mais

- Acompanhe o calendário de evento do IHU através do endereço ihu.unisinos.br/eventos
- Cadastre-se na Newsletter IHU para receber informações sobre eventos e publicações. Acesse ihu.unisinos.br e busque o campo "Newsletter".



A transformação do negro em ser errante

Kabengele Munanga analisa como a história mais conservadora nega a esse povo o direito a um passado, um presente e um futuro

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

Os dicionários de Língua Portuguesa definem errante como aquele ser que vaga, um nômade sem destino e, ainda, que se desvia do caminho da sensatez, do bom senso. Para o antropólogo Kabengele Munanga, é justamente nisso que a historiografia tradicional quer transformar o negro no Brasil. “Um povo sem história, isto é, sem passado, presente e futuro, é como um errante”, resume. “O negro só pode ser protagonista da História do Brasil ao mostrar que ele faz parte dessa história não apenas como força muscular humana, mas como cérebro, resistente apesar do rolo compressor da escravidão, que deu sangue, deu cultura ao Brasil e, portanto, sem ele a história do Brasil não teria a configuração atual”, defende.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele reconhece que a historiografia contemporânea deu passos importantes, trouxe muitos avanços no reconhecimento do passado do negro, mas ainda se tem muito a superar da velha tradição. “Avançar muito não quer dizer que acabou o racismo no país ou que as desigualdades raciais diminuíram. Pelo contrário, a sub-representação do negro em vários setores da vida nacional é ainda chocante”, destaca. Para Munanga, o racismo de hoje é muito mais sutil e, por vezes, mais perverso. Ele mesmo, ao chegar

ao Brasil da imagem do Carnaval e do futebol, pensava estar num lugar de comunhão racial. “Não demorei para perceber, através do cotidiano, que o Brasil era um país racista não assumido, como os Estados Unidos e a África do Sul durante o regime do apartheid. O fato de nós africanos sermos os únicos a fazer os cursos de pós-graduação na USP já era bastante revelador desse racismo”, analisa.

Kabengele Munanga nasceu na República Democrática do Congo, onde se graduou em Antropologia Cultural pela Universidade Oficial do Congo, na cidade de Lubumbashi, instituição em que trabalhou como professor e pesquisador. Naturalizado brasileiro desde 1985, é doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP. Atualmente é professor pesquisador sênior da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB e da USP. Atua na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras. Entre suas publicações, destacamos *Origens africanas do Brasil contemporâneo: Histórias, línguas, culturas e civilizações* (São Paulo: Global, 2009), *Negritude – Usos e sentidos* (Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009) e *Superando o racismo na escola* (Brasília: Ministério da Educação, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De onde vem a noção de que a história dos negros só existe a partir da escravidão? Que tipo de imaginário é construído a partir dessa perspectiva?

Kabengele Munanga – Quando a gente percorre a historiografia brasileira antes da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e das culturas africanas e do Negro brasileiro, percebe-se que

não se ensinava na escola brasileira a História da África antiga e ainda menos da África Pós-Independência. Na mesma historiografia a história do Negro no Brasil se limitava ao tráfico, à escravidão e à abolição. O que

“Da África se exibiam mais os animais do que os seres humanos e suas culturas”

vinha antes do tráfico era desconhecido e o que vinha depois da abolição também era desconhecido.

No imaginário coletivo de jovens brasileiros de qualquer escola, o continente africano era reduzido à imagem de um único país, à fauna e à flora. Da África se exibiam mais os animais do que os seres humanos e suas culturas. A civilização egípcia, uma das mais antigas, foi apresentada como pertencendo ao Oriente Médio e não ao continente africano justamente para não atribuir ao negro africano a paternidade dessa civilização. Apesar da paleontologia ter demonstrado que a África é o berço da humanidade por onde começou a própria história da humanidade, as especulações do filósofo Hegel¹, que rechaçou a África subsaariana da História da Humanidade, se mantêm ainda no imaginário coletivo de muitos cidadãos contemporâneos.

O que está por trás disso quando se fala da diáspora africana no Brasil, ou em todas as Américas beneficiadas pelo tráfico negreiro, é a ideia de que os negros da diáspora são oriundos de um continente sem história antes do tráfico e da Conferência de Berlim. Ou seja, sua história começa com o tráfico, a escravidão e a colo-

nização. No entanto, a história da África tem passado, presente e continuidade. No Brasil pós-abolição, ignorou-se totalmente o que estava se passando com a história do negro marcada, entre outros, pelo racismo sui generis brasileiro e pelas desigualdades raciais encobertas pelo mito de democracia racial.

IHU On-Line – Qual a importância de resgatar a memória dos negros como protagonistas da História do Brasil?

Kabengele Munanga – Um povo sem história, isto é, sem passado, presente e futuro, é como um errante. É um povo sem memória a partir da qual deve construir sua identidade, isto é, sua existência ontológica e suas contribuições ou aportes na própria história do Brasil, na construção de sua economia com a mão de obra escravizada e de sua cultura plural como resultante da diversidade com suas diferenças.

Em outros termos, o negro só pode ser protagonista da História do Brasil ao mostrar que ele faz parte dessa história não apenas como força muscular humana, mas como cérebro, resistente apesar do rolo compressor da escravidão, que deu sangue, deu cultura ao Brasil e, portanto, sem ele a história do Brasil não teria a configuração atual. Os negros são sujeitos dessa história, apesar de serem vítimas das práticas racistas que explicam sua situação de subalternidade no Brasil contemporâneo.

IHU On-Line – O senhor nasceu, cresceu e realizou parte de

sua formação no Congo. Qual foi sua impressão do Brasil ao desembarcar aqui em plena ditadura civil-militar, no meio da década de 1970?

Kabengele Munanga – Desembarquei no Brasil, justamente na cidade de São Paulo, em julho de 1975, para fazer meu doutorado na Universidade de São Paulo - USP, que concluí dois anos depois, em outubro de 1977. A imagem que tinha do Brasil era do Carnaval do Rio de Janeiro e de futebol simbolizado pelo Rei Pelé². As duas imagens, tanto do Carnaval como do futebol, mostravam povos misturados (negros, brancos e mestiços juntos). Os povos indígenas chamados índios não se viam nessas imagens. Essas imagens passavam a ideia de um país sem discriminação racial, onde brancos e negros brincavam juntos no Carnaval e jogavam juntos o futebol, sem segregação racial e, portanto, sem racismo.

Através do lúdico, o mito de democracia racial atravessou com facilidade as fronteiras nacionais brasileiras. As pessoas, mesmo estudantes da USP, tinham uma grande ignorância da África, que muitos consideravam como um país. Me perguntavam se já havia caçado ou matado um leão; se havia visto um carro antes de vir ao

¹ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da IHU On-Line, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. *Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; Hegel. *A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e Hegel. *Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/lldAkv>. (Nota da IHU On-Line)

² Edison Arantes do Nascimento, o Pelé (1940): ex-futebolista brasileiro que atuava como atacante. É considerado por muitos como o maior jogador da história do futebol. Recebeu o título de Atleta do Século de todos os esportes em 15 de maio de 1981, eleito pelo jornal francês *L'Équipe*. No fim de 1999, o Comitê Olímpico International, após uma votação internacional entre todos os Comitês Olímpicos Nacionais associados, também elegeu Pelé o “Atleta do Século”. A Fifa também o elegeu, em 2000, numa votação feita por renomados ex-atletas e ex-treinadores como o Jogador de Futebol do Século XX. (Nota da IHU On-Line)

Brasil; se tinha televisão na África. Me perguntavam que instrumento musical eu tocava e quando dizia que não tocava nenhum era um grande escândalo. Onde já se viu um negro que não toca nenhum instrumento musical, ele que tem musicalidade no sangue(!).

Sem negros na USP

Não demorei para perceber, através do cotidiano, que o Brasil era um país racista não assumido, como os Estados Unidos e como a África do Sul durante o regime do apartheid³. O fato de nós africanos sermos os únicos a fazer os cursos de pós-graduação na USP, e eu o primeiro negro a fazer Doutorado em Antropologia na USP daquela época, já era bastante revelador desse racismo. Por onde andavam os negros da terra? A culpa de sua ausência na USP era atribuída a eles mesmos, pois não se esforçavam para estar onde eu estava, diziam.

Entendi onde estava o problema: não no negro, mas na sociedade brasileira, que não assumia seu racismo. Aprendi mais tarde na leitura da obra do grande mestre e intelectual Florestan Fernandes⁴ que o “Brasil tem o preconceito de ter preconceito racial”. Cheguei durante o regime

militar, no governo de Ernesto Geisel⁵, e vi o fim do regime militar com o fim do governo do General Figueiredo⁶. Escutei quando ele declarou, depois de uma viagem à Bahia, que preferia o cheiro do seu cavalo do que o dos baianos.

Enfim, vi o Brasil se construir democraticamente e já naturalizado, em 1985, votei em várias eleições. De repente tudo que foi construído democraticamente durante meus 42 anos do Brasil me parece desmoronar da noite para o dia.

gráficas. Diria quase todos. Se perguntar para um jovem ou uma jovem brasileiro(a) se ele(a) conhece algum intelectual negro (p.ex. Milton Santos⁷, Clóvis Moura⁸, Lélia Gonzales⁹, Beatriz de Nascimento¹⁰), dificilmente encontrará um que os conheça. Mas se perguntar o nome de um negro jogador de futebol, terá uma resposta facilmente. Os habitantes de São Paulo sabem que André Rebouças¹¹ e Theodoro Sampaio¹² eram personagens negros? Duvido.

Os grandes poetas e escritores ne-

“Um povo sem
história, isto é,
sem passado,
presente e
futuro, é como
um errante”

IHU On-Line – Quais foram os principais personagens negros do Brasil marginalizados pelas narrativas historiográficas?

Kabengele Munanga – Acho que muitos personagens negros da história social do Brasil são marginalizados pelas narrativas historiográficas.

5 Ernesto Geisel (1908-1996): ditador militar e político brasileiro. Foi adido militar no Uruguai, comandante da XI Região Militar em Brasília, chefe do gabinete militar da presidência da República no governo Castelo Branco, ministro do Superior Tribunal Militar e presidente da Petrobras (1969-1973). Eleito presidente da República por um Colégio Eleitoral (1973), indicado pelos militares, tomou posse em 15 de março de 1974, como penúltimo ditador militar depois do golpe de 1964. (Nota da **IHU On-Line**)

6 João Baptista Figueiredo (1918-1999): político brasileiro que governou o país durante a Ditadura Militar, de 1979 a 1985. Foi o 30º presidente do Brasil. Ingressou na carreira política ao ser nomeado secretário geral do Conselho de Segurança Nacional do governo do presidente Jânio Quadros e, em 1964, foi integrante do movimento que culminou com o Golpe militar de 1964. Comandou e chefiou várias companhias militares durante os primórdios do Regime Militar. Apontado pelo presidente Ernesto Geisel, concorreu para presidente na eleição de 1978 pelo Aliança Renovadora Nacional (Arena), na chapa com Aureliano Chaves para vice-presidente. Em sua posse, pronunciou a famosa frase em que dizia que faria “este país uma democracia”. O mandato foi marcado pela continuação da abertura política iniciada no governo Geisel. Em 1983, iniciaram-se as campanhas das Diretas Já, que acabaram rejeitadas no Congresso Nacional. Entretanto, o governo Figueiredo promoveu a primeira eleição civil brasileira desde 1964, que decretava o fim do Regime Militar. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Milton Santos (1926-2001): geógrafo brasileiro, foi um dos pensadores de nosso país mais respeitados em sua área. Em 1994, ele recebeu o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, na França, uma espécie de Nobel da Geografia. Santos exerceu boa parte da carreira acadêmica no exterior (França, Canadá, EUA, Peru, Venezuela etc.). Foi professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tendo falecido em 2001. Santos publicou mais de 40 livros e 300 artigos em revistas especializadas. A Editora Unesp publicou o livro *Milton Santos: Testamento Intelectual* (São Paulo: Editora Unesp, 2004), resultado de entrevista concedida ao autor Jesus de Paula Assis, com a colaboração de Maria Encarnação Beltrão Sposito. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Clóvis Moura [Clóvis Steiger de Assis Moura] (1925-2003): sociólogo, jornalista e historiador brasileiro. Foi militante do Partido Comunista Brasileiro e um dos pioneiros na defesa do movimento negro brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Lélia Gonzales (1935-1994): foi uma intelectual, política, professora e antropóloga brasileira. Filha de um ferroviário negro e de uma empregada doméstica indígena, era a penúltima de 18 irmãos, entre eles o futebolista Jaime de Almeida. Graduou-se em História e Filosofia e trabalhou como professora da rede pública de ensino. Fez o mestrado em comunicação social e o doutorado em antropologia política. Ajudou a fundar instituições como o Movimento Negro Unificado - MNU, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras - IPCN, o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum. Sua militância em defesa da mulher negra levou-a ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), no qual atuou de 1985 a 1989. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Maria Beatriz Nascimento (1942-1995): foi uma historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres, nascida em Sergipe. Professora influente nos estudos raciais no Brasil, sua obra caiu em esquecimento após seu assassinato em 28 de janeiro de 1995. (Nota da **IHU On-Line**)

11 André Rebouças (1838-1898): foi um engenheiro, inventor e abolicionista brasileiro. Passou seus últimos seis anos trabalhando pelo desenvolvimento de alguns países africanos. Ao lado de Machado de Assis, Cruz e Sousa, José do Patrocínio, André Rebouças foi um dos representantes da pequena classe média negra em ascensão no Segundo Reinado e uma das vozes mais importantes em prol da abolição da escravatura. Ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ao lado de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e outros. Participou também da Confederação Abolicionista e redigiu os estatutos da Associação Central Emancipadora. (Nota da **IHU On-Line**)

12 Theodoro Fernandes Sampaio (1855-1937): foi um engenheiro, geógrafo, escritor e historiador brasileiro. Filho de uma escrava negra, foi um dos maiores pensadores brasileiros de seu tempo. Engenheiro por profissão, legou-nos uma bibliografia de vasta erudição geográfica e histórica sobre a contribuição das bandeiras paulistas na formação do território nacional, entre outros temas. É formidável sua sofisticação na percepção da importância dos saberes indígenas (caminhos, mas não só) na odisséia bandeirante. Igualmente digna de consideração foi sua contribuição ao estudo de vários rios brasileiros, de pinturas rupestres em sítios arqueológicos nacionais, do tupi na geografia brasileira e da geologia no País. Neste campo, a geologia brasileira, participou de momentos marcantes, como a expedição de Orville Derby ao vale do rio São Francisco e de comissões específicas. Além disso, foi grande amigo de Euclides da Cunha, e auxiliou o escritor com conhecimentos sobre o sertão baiano na elaboração do livro *Os Sertões*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Apartheid: (palavra em africâner que significa “separação”); foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca. A segregação racial na África do Sul teve início ainda no período colonial, mas o apartheid foi introduzido como política oficial após as eleições gerais de 1948. A nova legislação dividia os habitantes em grupos raciais (“negros”, “brancos”, “de cor”, e “índianos”), segregando as áreas residenciais, muitas vezes através de remoções forçadas. Também havia segregação na saúde, educação e outros serviços públicos, fornecendo aos negros serviços inferiores aos dos brancos. O apartheid trouxe violência e um significativo movimento de resistência interna, bem como um longo embargo comercial contra a África do Sul. Reformas no regime durante a década de 1980 não conseguiram conter a crescente oposição, e em 1990, o presidente Frederik Willem de Klerk iniciou negociações para acabar com o apartheid, o que culminou com a realização de eleições multiraciais e democráticas em 1994, que foram vencidas pelo Congresso Nacional Africano, sob a liderança de Nelson Mandela. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Florestan Fernandes (1920-1995): foi um sociólogo e político brasileiro. Foi deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores - PT, tendo participado da Assembleia Nacional Constituinte. Recebeu o Prêmio Jabuti em 1964, pelo livro *Corpo e alma do Brasil*, e foi agraciado postumamente em 1996 com o Prêmio Anísio Teixeira. O nome de Florestan Fernandes está obrigatoriamente associado à pesquisa sociológica no Brasil e na América Latina. Sociólogo e professor universitário, com mais de cinquenta obras publicadas, ele transformou o pensamento social no país e estabeleceu um novo estilo de investigação sociológica, marcado pelo rigor analítico e crítico, e um novo padrão de atuação intelectual. (Nota da **IHU On-Line**)

gros como Lima Barreto¹³, Cruz e Sousa¹⁴, entre outros mortos, ou Osvaldo Camargo¹⁵, entre outros vivos, são conhecidos como negros? Duvido. Machado de Assis¹⁶, idealizador e fundador da Academia Brasileira de Letras, é na cabeça de muitos um “heleno”, quando na realidade é um mestiço claro embranquecido, ou seja um afrodescendente.

Os personagens negros famosos são ora embranquecidos, ora silenciados ou ignorados. Faz parte da estratégia política para apagar as contribuições negras na sociedade brasileira. Zumbi dos Palmares¹⁷ tornou-se reconhecido como herói nacional pela gran-

¹³ **Afonso Henrique de Lima Barreto** (1881-1922): mais conhecido como Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro. Foi jornalista e escritor, publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século 20. A maior parte de sua obra foi redescoberta e publicada em livro após sua morte, por meio do esforço de Francisco de Assis Barbosa e outros pesquisadores, levando-o a ser considerado um dos mais importantes escritores brasileiros. Foi o crítico mais agudo da época da Primeira República no Brasil, rompendo com o nacionalismo ufanista e pondo a nu a roupação republicana que mantinha os privilégios de famílias aristocráticas e dos militares. Em sua obra, de temática social, privilegiou os pobres, os boêmios e os arruinados, assim como a sátira que criticava de maneira sagaz e bem-humorada os vícios e corrupções da sociedade e da política. Foi severamente criticado por alguns escritores de seu tempo por seu estilo despojado e coloquial. Seu projeto literário era escrever uma “literatura militante”, apropriando-se da expressão de Eça de Queirós. Para Lima Barreto, escrever tinha finalidade de criticar o mundo circundante para despertar alternativas renovadoras dos costumes e de práticas que, na sociedade, privilegiavam certas classes sociais, indivíduos e grupos. Entre suas principais obras, destacam-se *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim do Polícarpo Quaresma* (1911), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e, posteriormente, *Clara dos Anjos* (1948). (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ **João da Cruz e Sousa** (1861-1898): foi um poeta brasileiro, com a alcunha de Dante Negro ou Cisne Negro, foi um dos precursores do simbolismo no Brasil. Segundo Antônio Cândido, Cruz e Sousa foi o “único escritor eminentemente da pura raça negra na literatura brasileira, onde são numerosos os mestiços”. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ **Oswaldo de Camargo**: poeta e escritor brasileiro, estudou no Seminário Menor Nossa Senhora da Paz, em São José do Rio Preto. Ainda aprendeu a tocar piano e harmonia no Conservatório Santa Cecília, em São Paulo. Intitulou-se herdeiro de buscas culturais de negros do País que, no início do século XX, começaram a reavaliação da situação do elemento afro-brasileiro e partiram para uma tentativa de inseri-lo social e culturalmente, tendo como armas sobretudo agremiações de cultura, jornais alternativos para a coletividade, teatro negro, a literatura, sobre todo a escrita por poetas de temática afro-brasileira, como Lino Guedes e Solano Trindade. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos, como *O Alienista*, que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da IHU On-Line: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/ihuon275>. (Nota da IHU On-Line)

¹⁷ **Zumbi dos Palmares** (1655-1695): último líder do Quilombo dos Palmares. Foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente seis anos. Aos 15 anos de idade, fugiu e retornou a seu local de origem. (Nota da IHU On-Line)

de população, suponho eu, a partir das campanhas de conscientização intensivas promovidas em 20 de novembro, data oficial de sua morte. Cerca de 20 anos atrás, as pessoas comuns no Brasil não sabiam quem era Zumbi dos Palmares.

“Os personagens negros famosos são ora embranquecidos, ora silenciados ou ignorados”

IHU On-Line – Sua formação é prioritariamente na área de Antropologia. Como o senhor percebe as transformações no campo no que diz respeito a questões étnico-raciais ao longo das últimas décadas?

Kabengele Munanga – A Antropologia e as Ciências Sociais em Geral foram áreas do conhecimento que pesquisaram com certa persistência as questões da sociedade brasileira no que diz respeito à situação do negro no Brasil. Os estudos pioneiros de Nina Rodrigues¹⁸, médico psiquiatra da Faculdade de Medicina da Bahia, e seu discípulo Arthur Ramos¹⁹ foram os primeiros a tocar nas resistências culturais do negro na sociedade brasileira apesar do conteúdo racialista neles contido. A partir deles houve uma avalanche de estudos sobre as religiões de matriz africana, como Candomblé, lidera-

¹⁸ **Raimundo Nina Rodrigues** (1862-1906): médico ligeiro, psiquiatra, professor e antropólogo brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ **Arthur Ramos de Araújo Pereira** (1903-1949): foi um médico psiquiatra, psicólogo social, etnólogo, folclorista e antropólogo brasileiro. Um dos principais intelectuais de sua época, teve grande destaque nos estudos sobre o negro e sobre a identidade brasileira e foi também importante no processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Além disso, contribuiu com seus estudos sobre psicologia social e psicanálise para a área da educação ao ser convidado pelo educador Anísio Teixeira para chefiar o Serviço de Otorfrenia e Higiene Mental-SOHM (1934-1939). (Nota da IHU On-Line)

dos por Roger Bastide²⁰ e seus discípulos brasileiros.

Mas um salto positivo veio depois da segunda guerra mundial, nos anos 50/60, através de um projeto de pesquisa patrocinado pela Unesco para averiguar a veracidade da chamada democracia brasileira, que poderia servir de exemplo para uma humanidade abalada pelo holocausto depois da segunda guerra mundial. Foi a partir desse projeto que se criou na universidade brasileira uma área de pesquisa denominada “Relações Raciais e Interétnicas” que muito dinamizou o estudo do racismo à brasileira. Foi a partir dos trabalhos desenvolvidos nessa área pelos sociólogos e antropólogos que a academia brasileira chegou a desmitificar a ideia de democracia racial brasileira, embora essa desmitificação fosse feita bem antes pela Frente Negra Brasileira²¹, nos anos 1930.

Infelizmente, nos debates nacionais sobre políticas afirmativas ou cotas que se desencadearam no Brasil a partir de 2001, após a 3ª Conferência Mundial sobre o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata, organizada pela Organização das Nações Unidas - ONU em Durban, África do Sul, alguns nomes significativos dos intelectuais e pesquisadores da questão racial no Brasil que sempre denunciaram o mito de democracia racial e acusaram as desigualdades raciais no Brasil se posicionaram contra essas políticas que beneficiariam negros e indígenas para ter acesso à universidade pública

²⁰ **Roger Bastide** (1898-1974): foi um sociólogo francês. Em 1938 integrou a missão de professores europeus à recém-criada Universidade de São Paulo, para ocupar a cátedra de sociologia. No Brasil, estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Apesar de sua aproximação com as religiões afro-brasileiras, o sociólogo era protestante; Bastide era membro da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

²¹ **Frente Negra Brasileira – FNB**: foi um movimento negro, fundado em outubro de 1931, tendo sido reconhecido como partido político em 1936, vigendo até o golpe de 1937 que pretendia combater o racismo no Brasil e promover melhores condições de trabalho, saúde e educação para a população negra brasileira. Em Cássia, no Sul de Minas, onde a frente passou a se chamar Sociedade Negra Princesa Isabel, mesmo com a mudança do nome, foi fechada em março de 1938. O partido político, Frente Negra Brasileira, foi declarado ilegal, sobrevivendo sob o nome União Negra Brasileira até maio de 1938. (Nota da IHU On-Line)

através de reservas de vagas. Foram derrotados, mas, mesmo assim, prestaram um péssimo serviço para as populações que foram sujeitos de suas pesquisas durante dezenas de anos. Tratou-se de um debate de ideias num terreno democrático que até ajudou a quem de direito, isto é, os poderes Judiciário, Legislativo e Executivo a tomar decisão esclarecida.

“A sub-representação do negro em vários setores da vida nacional é ainda chocante”

30

IHU On-Line – Atualmente, como o senhor avalia o ativismo negro no Brasil?

Kabengele Munanga – O ativismo negro no Brasil fez avançar muito a luta contra o racismo e as desigualdades raciais no país. Avançar muito não quer dizer que acabou o racismo no país ou que as desigualdades raciais diminuíram. Pelo contrário, a sub-representação do negro em vários setores da vida nacional é ainda chocante.

No entanto, deu alguns resultados palpáveis, como as cotas nas universidades públicas federais e estaduais, a Lei 10.639/03, a criação da Fundação Cultural Palmares, a Secretaria de Promoção das Políticas de Igualdade Racial - Seppir, Estatuto da Igualdade Racial, entre outros. Nos últimos anos, no contexto político que o Brasil vive depois do “Golpe”, a sensação que tenho é a de uma certa apatia dos movimentos sociais, inclusive o Movimento Negro, que é dividido entre ideologias ou partidos políticos em ação.

IHU On-Line – De que forma a atual conjuntura, que cada dia mais flerta com posturas conservadoras, impõe novos desafios à comunidade negra no Brasil?

Kabengele Munanga – A atual conjuntura cria novos desafios não apenas para negros, mas para todos os brasileiros e todas as brasileiras independentemente da cor da pele. É claro que numa situação de retrocessos e das perdas das conquistas de anos de lutas sociais, os mais fragilizados são os que perdem muito. Os negros são os mais fragilizados porque não têm empresários corruptores, nem políticos que dirigem os grandes partidos envolvidos no esquema do Mensalão e da Lava Jato. Nem sequer têm acesso aos corredores políticos e empresariais onde acontecem essas sujeiras.

Não quero dizer que os negros devem roubar, corromper ou se deixar corromper, pois são cidadãos brasileiros como os brancos, com defeitos e qualidades como todos os seres humanos. Mas, francamente, não é por virtude que não estão na lama; simplesmente porque não têm acesso aos corredores da corrupção e do roubo. Quer dizer que ele é discriminado até para roubar. A ministra Matilde Ribeiro²², da Seppir, foi exonerada do cargo por ter utilizado o cartão de crédito corporativo para uma despesa de cerca de R\$ 400,00 no Free Shopp quando voltava de uma viagem do exterior. A ministra Benedita da Silva²³ foi exonerada do cargo por ter pago com o dinheiro público a viagem de sua secretaria que a acompanhou na Argentina. O ministro Orlando Silva²⁴ quase perdeu o posto por ter comprado uma tapioca de R\$ 12,00 com cartão corporativo. Erraram,

sim, mas os que roubaram milhões são soltos e nem perderam os cargos no governo atual.

IHU On-Line – Certos setores da sociedade brasileira consideram a luta pela igualdade étnica e racial como “vitimismo”. De que maneira os protagonistas negros da história do Brasil e suas produções nos ajudam a superar essa retórica reducionista e a construir caminhos mais progressistas?

Kabengele Munanga – Muitas vezes o discurso de autodefesa dos negros é chamado de discurso de vítima ou de vitimização. O que é uma desqualificação recheada de preconceito. Logicamente é um discurso de vítima e não de vitimador. A questão importante a ser feita é qual é o conteúdo desses discursos das vítimas? Só tem lágrimas, acusações e lamentações ou tem outras coisas, como a exigência da justiça, da igualdade de oportunidade e de tratamento, exigência das políticas públicas de inclusão, denúncia da violência policial contra a juventude negra, entre outros?

Qualificar esse discurso de “vitimismo”, como se os negros estivessem só chorando, não fazendo nada para mudar sua situação no Brasil, é simplesmente um cinismo. O movimento negro vem lutando desde a rebelião das senzalas até hoje contra um racismo muito sofisticado, sutil e difícil de derrotar.

IHU On-Line – O negro no Brasil continua sem passado, presente e futuro? Por quê?

Kabengele Munanga – O negro no Brasil tem passado que começa na África, de onde foi deportado e escravizado no Brasil. No Brasil, ele tem passado de luta para sua libertação, luta para resistência cultural, tem participado e contribuído na construção da economia colonial do país com suor e sangue, tem participado no povoamento demográfico do Brasil e deu culturas ao Brasil, inclusive as religiões. Tudo isso é o passado que lhe foi

²² Matilde Ribeiro (1960): é uma assistente social e ativista política brasileira. Foi ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Governo Lula. Atualmente, é professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no campus dos Malês em São Francisco do Conde, na Bahia. (Nota da IHU On-Line)

²³ Benedita Sôusa da Silva Sampaio (1942): é uma política brasileira. Foi a 59ª governadora do Rio de Janeiro e atualmente é deputada federal. (Nota da IHU On-Line)

²⁴ Orlando Silva de Jesus Júnior (1971): é um político brasileiro, ex-ministro do Esporte e eleito em 2014 deputado federal. Começou sua trajetória no movimento estudantil em Salvador e foi o único presidente negro da União Nacional dos Estudantes - UNE. É filiado ao PCdoB e casado com a atriz Ana Petta. (Nota da IHU On-Line)

negado e que ele tenta recuperar no processo de construção de sua identidade negada.

O negro no Brasil tem um presente marcado pelas desigualdades raciais contra as quais ele luta através do seu movimento social. O ser negro é homem e mulher ambos vítimas do racismo, sendo a mulher negra duplamente vítima do racismo e do machismo.

Ela/ele têm futuro que resultará

de suas lutas, contando com a solidariedade de todos os brasileiros e todas as brasileiras brancos(as) conscientes e pensantes. No entanto, não sou futurologista para dizer qual vai ser exatamente esse futuro que depende de sua luta e da solidariedade de todos(as) os(as) brasileiros(as).

IHU On-Line – Diante do atual cenário, como o senhor

vê o futuro do ativismo negro no Brasil?

Kabengele Munanga – Não faço futurologia e não sou mágico para prever o que vai ser o ativismo negro no Brasil diante do atual cenário. Mas creio que, em contexto de crise, a criatividade é às vezes mais forte e, sendo o negro um microcosmo da sociedade brasileira, ele vai certamente reagir como todas as vítimas deste contexto.■

Leia mais

- A preponderante geografia dos corpos. Entrevista com Kabengele Munanga, publicada na revista IHU On-Line número 477, de 16-11-2015, disponível em <http://bit.ly/2z8nZpu>.

medium.com/@_ihu

Giorgio Agamben

A força de um pensamento que percebeu o traço profano da racionalidade moderna

ihu.unisinos.br

Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto, ou simplesmente Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881. Foi jornalista e escritor, publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX. A maior parte de sua obra foi redescoberta e publicada em livro após sua morte, em 1-11-1922, por meio do esforço de Francisco de Assis Barbosa e outros pesquisadores, levando-o a ser considerado um dos mais importantes escritores brasileiros.

Foi o crítico mais agudo da época da Primeira República no Brasil, rompendo com o nacionalismo ufanista e pondo a nu a roupagem republicana que manteve os privilégios de famílias aristocráticas e dos militares. Em sua obra, de temática social,

privilegiou os pobres, os boêmios e os arruinados, assim como a sátira que criticava de maneira sagaz e bem-humorada os vícios e corrupções da sociedade e da política. Foi severamente criticado por alguns escritores de seu tempo por seu estilo despojado e coloquial. Seu projeto literário era escrever uma “literatura militante”, apropriando-se da expressão de Eça de Queirós. Para Lima Barreto, escrever tinha finalidade de criticar o mundo circundante para despertar alternativas renovadoras dos costumes e de práticas que, na sociedade, privilegiavam certas classes sociais, indivíduos e grupos.

Entre suas principais obras, destacamos: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e, postumamente, *Clara dos Anjos* (1948). ■

“A cor negra é a cor mais marcante. Aqui no hospício, todos são negros”



Mais do que uma biografia conturbada, o escritor da literatura de urgência

Lilia Schwarcz defende que Lima Barreto seja reconhecido também por sua obra, e não somente pela sua história de vida

João Vitor Santos

Quem foi Lima Barreto? Neste ano, o autor foi muito celebrado. Ainda assim, encontraremos respostas à pergunta reduzindo-o a “o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*”, ou, ainda pior, ancorando sua obra à trajetória marcada pelo alcoolismo e passagens pelo manicômio. Para a antropóloga Lilia Schwarcz, isso não ocorre apenas com Lima. É uma espécie de biografismo que acaba sufocando o que de fato importa: as produções do escritor. “Literatura não é reflexo do contexto, não é reflexo da biografia. Literatura faz muito mais, produz”, destaca. “Lima Barreto merece mais, merece os seus projetos, merece as suas próprias utopias, merece as suas próprias previsões”, completa. Nesse caso, comprehende de que o biografismo tem relação com o fato de ele ser negro. “As pessoas negras não podem ter um projeto literário, só têm um projeto de sobrevivência”, dispara, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**.

Esse é um dos fatores que fazem Lilia chamar atenção para a escrita de Lima Barreto. “É um autor que nos interpela como negro e com os projetos que ele trazia para que a população brasileira não esquecesse jamais o fato de que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão”, analisa. Mas também não é só isso. Para ela, a crítica social que o autor faz é atualíssima. Isso no aspecto político geral: “o Lima Barreto que en-

tendo e que ouço fala de um Brasil que vai devendo um projeto democrático, vai nos devendo um projeto cidadão, vai nos devendo uma verdadeira República”. E também está nas questões étnico-raciais: “as populações negras do Brasil sofrem da urgência, não sabem quando vão ser paradas numa blitz, quando vão ser paradas pela polícia, enfim, isso Lima Barreto tem. É uma literatura de urgência”, sintetiza.

Lilia Moritz Schwarcz possui graduação em História pela Universidade de São Paulo – USP, mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e doutorado em Antropologia Social pela USP. É professora titular no Departamento de Antropologia da USP e na Global Scholar na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Agora em 2017, lançou *Lima Barreto. Triste visionário* (São Paulo: Companhia das Letras, 2017), mesmo ano em que a obra do autor pautou as discussões da 15ª Festa Literária Internacional de Paraty – Flip. Entre as demais publicações de Lilia, ainda destacamos a edição comemorativa de *Raízes do Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2016), *Brasil: uma Biografia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015) e *Retrato em branco e negro* (São Paulo: Companhia das Letras: 2017).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual a importância de recuperar o pensamento de Lima Barreto?

Lilia Schwarcz – O Lima sempre foi uma pessoa, como ele se definia, que fazia uma literatura militante e

uma literatura de cunho realista. Esses eram os termos dele para definir a sua literatura. Foi um autor mui-

to crítico do seu período, a primeira República, e do pós-abolicionismo e até, por isso mesmo, acabou não tendo a entrada que imaginou que teria, ou o tipo de recepção que, me parece, bem merecia.

No Brasil, essa discussão dos direitos civis tardou um pouco a entrar. Sempre digo que não acho que há uma linha evolutiva dos direitos, ou seja, os direitos vão entrando de formas diferentes nos diferentes países, mas no Brasil a linguagem dos direitos civis tardou. Então, foi só no final dos anos 80 que essa discussão sobre o direito das minorias entrou de fato na nossa agenda. E Lima Barreto é um autor que fala o tempo todo dessa questão, inclusive não só dos negros, mas da questão das mulheres também, de uma forma complexa e que poderíamos discutir, pois ele era contra a violência e também contra os feminismos, que achava que eram manifestações das classes sociais mais altas e mais privilegiadas e que tinham esquecido as mulheres. Mas, mesmo assim, é um autor que trazia esse tipo de tema.

A crítica ao racismo, a crítica à discriminação, a crítica à corrupção da República, a crítica à violência contra as mulheres, enfim, Lima nunca foi tão atual. É um paradoxo, pois sempre foi atual e era atual no seu momento. Ele lia os russos, interpelava a República. Então ele era totalmente atual no seu tempo, mas, por linhas tortas, nunca esteve tão atual como agora.

IHU On-Line – Como você comprehende esse personagem? Por que o considera “um triste visionário”?

Lilia Schwarcz – Biografia não é projeto definitivo. É por isso que no livro, na capa, na introdução e na conclusão, eu faço uma homenagem a Francisco de Assis Barbosa¹, que foi

¹ **Francisco de Assis Barbosa** (1914-1991): foi um biógrafo, ensaísta, historiador e jornalista brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras. Autor de uma obra em que se evidencia o rigor da pesquisa e da interpretação, escreveu *A vida de Lima Barreto* (São Paulo: Autêntica, 2017 [11ª edição]), biografia completa do grande escritor urbano, além de ter compilado e anotado a edição das *Obras completas de Lima Barreto*, com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Entre os vários

o primeiro biógrafo de Lima Barreto. Ele fez uma biografia sensacional, numa época em que existem muitas biografias, nos anos 1950, e a biografia dele se destaca muito por conta não só da pesquisa, mas também da crítica e do papel que ele teve na vida de Lima Barreto. Digo isso tudo para falar que não acho que exista biografia definitiva, porque cada biógrafo se coloca em relação ao seu biografado. A primeira geração de biógrafos, Francisco de Assis Barbosa e seus discípulos, como Nicolau Sevcenko², Beatriz Resende³, Antonio Arnoni⁴, e depois tantos outros, se colocaram e colocaram para Lima as questões de seu tempo.

Eu fiz o mesmo, e perguntei a Lima, sobretudo, acerca da questão racial. Eu trabalho na USP num grupo chamado Núcleo de Estudos Sobre Marcadores Sociais da Diferença - Numas, então perguntei a Lima Barreto sobre questões que são interseccionadas. Por exemplo, raça. Acho que Lima Barreto tem uma questão formidável e importantíssima com a questão racial. Há um capítulo de meu livro que chamo *Clara dos Anjos ou as cores do Lima*, em que discuto só a palheta de cor que Lima Barreto usa para definir seus personagens. É uma palheta que vai de variações do preto ao marrom, de forma muito impressionante.

Discuti também região, o que significou para Lima Barreto se entender

livros desse escritor voltado aos assuntos e problemas brasileiros, destaca-se a biografia *Juscelino Kubitschek. Uma revisão na política brasileira e prefácios à obra de vários autores*, os quais constituem verdadeiros ensaios. (Nota da IHU On-Line)

² **Nicolau Sevcenko** (1952-2014): foi um historiador brasileiro, dedicou-se ao estudo da história, com ênfase na cultura brasileira e desenvolvimento social das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Formou-se na Universidade de São Paulo, onde manteve o cargo de professor de história da cultura, além de membro do Center for Latin American Cultural Studies da King's College da Universidade de Londres. Foi professor visitante também na Universidade de Georgetown (Washington DC), na Universidade de Illinois (Urbana-Champaign) e na Harvard University, nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

³ **Beatriz Vieira de Resende**: é crítica, pesquisadora, doutora em Literatura Comparada e Professora Titular de Poética do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. É coordenadora-adjunta do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC, na UFRJ. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Antonio Arnoni Prado**: graduado em Letras Vernáculas pela Universidade de São Paulo - USP, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre e doutor em Letras pela USP. Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Campinas. Atua principalmente nos seguintes temas: Pré-modernismo, Modernismo, Crítica literária, História Literária. (Nota da IHU On-Line)

e ser um autor dos subúrbios, em sendo um autor do centro também, o que significou esse trânsito de ideias. E perguntei a Lima Barreto ainda sobre geração, como manipulava a questão dos novos, como tentou criar uma academia dos novos, como ele teve uma relação ambivalente com a Academia [Brasileira de Letras]. Lima tentou entrar três vezes na Academia, não entrou e na última desistiu e cada vez falava mais mal da Academia.

E, ainda, o questionei sobre questões de classe e gênero. Lima Barreto nunca se casou, sempre teve uma relação complexa e complicada com as mulheres, e isso se vincula a uma questão de classe e de formação. Por todos esses elementos, eu o vi como uma pessoa humana muito deslocada, muito ambivalente nesse sentido. Ele estava e não estava nos lugares. Então, quando estava nos subúrbios, ele alegava ser do centro da capital. Quando estava no centro, era dos subúrbios. Quando estava no ambiente literário, ele queria fazer parte dessa república das letras. Quando estava lá, dizia que seria diferente, que seria um autor boêmio, relaxado, um autor engracado.

Um eterno desconforto

Sobre as mulheres, tem uma passagem que considero importante, na qual Lima está descrevendo que vai visitar um amigo e a mulher dele estava lá. No relato, a mulher passa de prostituta a princesa e depois a vadia de novo. Essa situação desconfortável em todo lugar é uma característica muito forte de Lima Barreto. Ele me emocionou muito ainda por conta dessa sua personalidade. Gostava de se definir como rebelde e era um tipo de rebelde mesmo. Ele desfez o tempo todo do jornalismo, dos políticos, dos militares – e ele trabalhava na Secretaria da Guerra –, dos literatos, enfim, era uma pessoa que estava sempre, vamos dizer, prontamente “reacionando” a tudo que fosse estabelecido.

Um bom exemplo dessa contradição é a questão feminista. Ele tem várias crônicas em que es-

creve “não as matem”. É assim que denuncia a prática, que vemos que é tão atual no Brasil, de abusar das mulheres. Impressionante que um autor do início do século XX esteja falando nisso. Mas ele é muito contra os feminismos, que diz ser brincadeira de mulheres de elite; isto é, ele não viu a potencialidade que teria esse movimento. Por outro lado, ele viu outras coisas que vemos hoje, ou seja, as divisões internas do feminismo. Veja como é um autor que fica no fio da navalha, e, como biógrafa, era muito difícil de aprisioná-lo. Se você tenta colocá-lo num canto, ele vai para outro.

“Um triste visionário”

Esse foi um título que pensei muito, porque queria trazer essa ambivalência de que estamos aqui tratando. Não queria nem trazer um título que mostrasse um autor caído, que ele era também – pois morreu aos 41 anos, foi internado duas vezes, ninguém pode esquecer esse lado; e loucura e discriminação são muito próximas, porque não sei se foi vítima de uma loucura pessoal ou uma loucura social motivada pela pressão social que ele recebeu –, mas também não podia dar somente aquela imagem alvissareira. Tinha que mostrar como ele era rebelde e uma pessoa avançada, porque sofreu com isso tudo.

Então, eu pensei muito nessas duas palavras e no jogo, sobretudo na relação que elas estabelecem. Acho que nenhum termo existe só, os termos são sempre relações. Não existe nenhum termo que podemos falar e possa ser compreendido fora de um contexto, por isso que as pessoas fazem tão mal nas redes sociais, porque tiram as palavras do contexto. E todo termo fora de sua relação é risível.

Triste

Quis mostrar que essas duas palavras têm muita relação. Ele é “triste” porque é um autor que sofreu com o contexto da pós-abolição, sofreu com o contexto da República, essa mesma República que prometeu tan-

ta inclusão social, que surgiu alardeando liberdade e igualdade, mas que não entregou nem liberdade. Havia um dito popular na época que dizia: “A liberdade pode ser negra, mas a igualdade é branca”. É esse contexto das teorias raciais com as quais Lima Barreto sofreu muito. Então, ele é triste porque viveu nesse momento.

Entretanto, ele é triste também porque essa é uma palavra que ele usa e tem sua própria ideia da tristeza. No seu romance mais conhecido, *Triste fim de Policarpo Quaresma*⁵, essa palavra tem todo o tipo de resonância.

Mas triste tem também outra acepção. Quando dizemos assim: “fulaninho é triste”. O que se está querendo dizer? Que o cara insiste, não desiste, é um sujeito tinhoso, ele não para. A palavra triste já tinha essas duas acepções na minha compreensão, que coloco na introdução do livro.

Visionário

E visionário também é um termo ambivalente, porque visionário pode ser uma pessoa de visão, que enxerga longe, que tem projetos. Mas visionário é a palavra que Floriano Peixoto diz para Policarpo Quaresma. Ele diz, em determinado momento, quando Policarpo quer instituir o tupi-guarani como língua nacional: “Policarpo, tu és um visionário”. É um momento muito forte da trama e quando fala isso não está fazendo um elogio. Pelo contrário, está dizendo que ele é um cara lunático, que não consegue ver o chão.

Veja como visionário também tem essa outra acepção. E colocados juntos, “triste e visionário”, o ruído é grande, tanto que todo mundo me pergunta sobre o título. São palavras

⁵ **Triste Fim de Policarpo Quaresma**: romance do pré-modernismo brasileiro e considerado por alguns o principal representante desse movimento. Escrito por Lima Barreto, foi levado a público pela primeira vez em folhetins, publicados, entre agosto e outubro de 1911, na edição da tarde do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Em 1915, também no Rio de Janeiro, a obra foi pela primeira vez impressa em livro, em edição do autor. O major Policarpo é um anti-herói quixotesco, imbuído de nobres ideais, alguns beirando o tresloucado (tanto é que passa uma temporada no hospício). Bom coração, idealista, patriota, por causa de suas qualidades acaba sendo castigado e sempre se dá mal. Uma obra clássica da literatura brasileira que ajuda a explicar por que somos como somos. (Nota da IHU On-Line)

que parecem contraditórias, mas não são.

IHU On-Line – Você diz que Lima foi visto durante muito tempo sob a perspectiva da victimização. Por quê?

Lilia Schwarcz – Cada época precisa criar para si as suas questões. Essa geração toda do Francisco de Assis Barbosa e seus seguidores tem uma importância fundamental, porque redescobriram Lima Barreto. Para se ter ideia, Francisco de Assis Barbosa não só publicou a biografia, como também republicou a obra toda de Lima. Nesse momento, era muito importante mostrar um Lima Barreto que tinha sido silenciado por conta da sua condição social, da sua bebedeira, da sua contestação e, sobretudo, da discriminação.

Lima Barreto foi, sim, uma vítima, não tenho nenhuma dúvida, mas também penso que Lima foi mais do que uma vítima, porque ele teve muitos projetos, muitos sonhos. Até o último dia, quando ele faleceu subitamente – tinha problemas cardíacos, o que também é relacionado à bebida, e morreu muito novo, vítima dessa sociedade que o constrangeu, que o pressionou –, tinha dois artigos com ele. Então no fim da vida dele, que não sabia que era o fim, ele foi muito produtivo. Lima se aposenta em 1921, e quando se aposenta ele escreve um documento muito engraçado, contando os dias, as horas e os minutos que ele perdeu na Secretaria da Guerra. Ele vira um grande jornalista.

Um fim ressignificado

Fui observando que as biografias fazem uma espécie de *continuum*, como se as duas internações dele significassem o seu fim. Eu penso sempre como o Conselheiro Aires, aquele personagem do Machado de Assis⁶ que dava sempre um conse-

⁶ **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos, como *O Alienista*, que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica

lho: “as coisas sempre são visíveis quando já aconteceram”. Não podemos juntar as duas internações e inferir que é daí que Lima Barreto foi decaindo, decaindo e morreu. Não dava para imaginar, porque ele continuava muito produtivo: datou seu último romance, *Clara dos Anjos*⁷, tinha uma relação com Monteiro Lobato⁸, que seria seu editor, estava escrevendo *Cemitério dos vivos*⁹, de que só temos dois capítulos, mas, ao que tudo indica, seria uma crítica feroz ao sistema manicomial brasileiro.

Só por esses exemplos que trago, não dá para fazer da vida um *continuum* previsível. Lima Barreto merece mais, merece os seus projetos, merece as suas próprias utopias, merece as suas próprias previsões. Foi isso que tentei fazer nesse livro. Não é me opor à bibliografia existente, porque me valho muito da bibliografia existente, mas eu dei um outro acento, que é o de tentar ler o Lima Barreto a partir dos projetos que carregava consigo, sem imaginar que sairia dessa vida tão novo.

IHU On-Line – Como o tema do racismo aparece na obra de Lima Barreto?

no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da **IHU On-Line**: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/ihuon275>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Clara dos Anjos**: é um livro póstumo do escritor brasileiro Lima Barreto, pertencente ao pré-modernismo brasileiro. Concluído em 1922, ano da morte do autor, foi publicado em 1948. A história é contada no subúrbio do Rio de Janeiro. Clara dos Anjos, filha do carteiro Joaquim dos Anjos, é uma mulata muito bem educada por bons valores ao lado de sua família, mas um dia se apaixona pelo malandro Cassi Jones, um jovem ignorante. Devido a suas várias aventuras, o pai de Cassi não fala mais com ele, por causa de seus abusos às várias donzelas e fins de vários casamentos. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Monteiro Lobato** [José Bento Monteiro Lobato] (1882-1948): escritor brasileiro popularmente conhecido pelo tom educativo, bem como divertido de sua obra de livros infantis, o que seria, aproximadamente, metade de sua produção literária. A outra metade, composta de romances e contos para adultos, foi menos popular, mas um divisor de águas na literatura brasileira. Confira a edição 284 da **IHU On-Line**, de 1-12-2008, intitulada *Monteiro Lobato: interlocutor do mundo*, disponível em <http://bit.ly/ihuon284>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Cemitério dos Vivos**: é um romance de Lima Barreto (1881-1923), escrito em um período de internação do escritor no Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, entre 1919 e 1920. De referência autobiográfica, o romance revela a personalidade do autor revoltado com as injustiças e os preconceitos que sofria através do narrador-protagonista, Vicente Mascarenhas, cuja vida, como a do autor, é marcada por tragédias pessoais. (Nota da **IHU On-Line**)

Lilia Schwarcz – O racismo está por toda parte na obra de Lima Barreto. Todo pesquisador tem suas surpresas, e isso era minha hipótese de trabalho, justamente porque Francisco de Assis Barbosa disse que não trabalharia com a questão racial. Eu trabalho com Lima Barreto há mais de 20 anos, porque sempre dei aula sobre Lima, mas quando, há dez anos, vi que era hora de escrever sobre ele e fiz meu projeto em torno dele era porque eu queria ver se tinha alguma coisa de novo. Então, comecei publicando artigos e meus primeiros textos foram sobre os manicomios – já havia uma pesquisa muito importante sobre os manicomios, que é da Luciana Hidalgo¹⁰.

Foi quando descobri algo curioso nas duas internações de Lima. Na primeira, em 1914, o oficial que anotou os seus dados disse que ele era branco, porque era funcionário público. Na segunda, em 1919, disse que ele era pardo. Esses elementos foram como faíscas para mim. E Lima Barreto, nos seus diários do hospício, reclama e escreve: “a cor negra é a cor mais marcante. Aqui no hospício, todos são negros”.

Essa não é uma questão incidental em Lima Barreto, é uma questão constitutiva de sua obra. É muito difícil uma outra geração perceber, porque estavam com outras questões em mente. Então eu trouxe essa questão para frente, e é impressionante. Por exemplo, se for ler uma crônica, ou o conto que se chama *O moleque*¹¹, verá que a questão está inteira lá. Se pegar os diários do Lima Barreto, quando ele diz que a inteligência dos negros é discutida *a priori* e a dos brancos, *a posteriori*, ou quando ele diz: “fui a uma recepção da embaixada do Chile e todos entraram, e a mim pediram documento. Me aborreci”. Ou quando diz: “tomo o trem de segunda classe. O trem é todo negro”. Ou quando ele faz todos os seus personagens

negros, não há personagens que não sejam negros, morenos; ele os tira do segundo plano e dá a eles um barulhento primeiro plano.

As cores

Esse tema surge também quando ele testa as cores e todos os personagens são cuidadosamente descritos. Por exemplo, a descrição mais linda é a da família da Clara dos Anjos, em que ele discute o tom de pele do pai, da mãe, de Clara, o cabelo do pai, o cabelo da mãe. Vemos que isso não é um acidente. Está nas novelas, nas colunas, nas crônicas, nas suas cartas.

Enfim, essa é uma questão que constitui Lima Barreto, o constitui e o desmonta também. Na sua biblioteca, por exemplo, havia todos os livros sobre questões raciais. Com certeza, ele estudava para combater. Eu não tinha noção dessa importância, tinha uma hipótese, e reler a obra toda foi uma experiência muito grande. De tal modo que, quando a Flip me chamou para abrir essa última feira, eu disse que precisava, que queria, que achava importante que nós tivéssemos um ator negro lendo Lima Barreto. Meu medo era de que as pessoas dissessem coisas como “você está inventando, exagerando, está colocando na boca dele o que ele não disse”.

Queria que as pessoas ouvissem a dicção do Lima Barreto. E narrado por um negro e atuante como é o Lázaro Ramos¹², achei que seria uma pólvora importante, para chacoalhar, para as pessoas verem como a questão do racismo é algo antigo entre nós, como é uma questão incontornável entre nós e uma questão de vida ou morte, como foi para Lima Barreto.

10 **Luciana Hidalgo** (1965): escritora brasileira, doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é pesquisadora-associada à Universidade Sorbonne Nouvelle Paris 3, na França, onde fez seu pós-doutorado. (Nota da **IHU On-Line**)

11 A íntegra do texto está disponível em <http://bit.ly/2iPu55b>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Lázaro Ramos** [Luís Lázaro Sacramento Ramos] (1978): ator, apresentador, cineasta e escritor brasileiro. O ator foi indicado ao Emmy (2007) de melhor ator por sua interpretação na telenovela da Rede Globo *Cobras & Lagartos*, como Foguinho. Em 2017, lançou o livro *Na minha pele* (São Paulo: Objetiva, 2017). No livro, Ramos apresenta reflexões sobre temas como ações afirmativas, gênero, família, empoderamento, afetividade e discriminação. Ainda que não seja uma biografia, compartilha episódios íntimos de sua vida e também suas dúvidas, descobertas e conquistas. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – O antropólogo Kabengele Munanga¹³ disse, recentemente, que no Brasil os negros ainda não têm passado, presente e futuro. Em que medida podemos associar essa afirmação à trajetória de Lima Barreto?

Lilia Schwarcz – É uma declaração muito inteligente do Kabe, e penso que em Lima Barreto se tem um exemplo muito claro disso. Não me parece uma coincidência que, até os anos 1950, portanto durante 30 anos, ele tenha sido tratado exclusivamente vinculado a sua biografia. É o que chamamos de biografismo, ou seja, você trata os demais autores, se eles são literatos, a partir da literatura. Como sou das Ciências Sociais e faço História do Pensamento, tento também achar questões comuns entre a biografia e a literatura. Não há como estudar um autor como Lima Barreto e não falar de sua literatura. Entretanto, Lima Barreto foi muito tratado, e destratado, maltratado, a partir de sua biografia. Se, numa palestra, perguntarmos quem conhece Lima Barreto, veremos que as pessoas em geral o conhecem. Mas quando você pergunta às pessoas quantos livros dele já leram, veremos que em geral leram um livro. Veja: leram um livro de um autor que tem uma obra imensa.

E se perguntar o que acham de Lima Barreto, veremos que, em geral, as pessoas contam da biografia dele. Isso é para mim muito revelador. As pessoas negras não podem ter um projeto literário, só têm um projeto de sobrevivência. E a questão da boemia, da conduta de Lima Barreto fica radical, porque é como se a questão da conduta, se soubesse como ele viveu, já fosse suficiente para saber o que foi a literatura. Mas só com isso não se conhece nada, porque literatura não é reflexo do contexto, não é reflexo da biografia. Literatura faz muito mais, produz.

¹³ **Kabengele Munanga** (1940): antropólogo e professor brasileiro-congolês. É especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira. Kabengele é graduado pela Université Officielle du Congo (1969) e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (1977). Kabe, como é conhecido, está entre os entrevistados dessa edição da **IHU On-Line**. (Nota da **IHU On-Line**)

E Lima Barreto era justamente um autor negro, que se dizia negro e que fazia uma literatura negra, por conta das situações que já chamei atenção, como os personagens, a questão das cores, os vilões, os heróis.

Sem passado, sem futuro

Lima Barreto foi um autor que durante muito tempo foi deixado sem passado e simplesmente sem futuro. Era um autor que advogava para si e para os negros um projeto de presente, passado e futuro. Ele se colocava como uma testemunha, um artífice da Primeira República, falava muito de seu passado, dizia nos seus diários que ia escrever a história da escravidão no Brasil e que essa história se chamaria *Germinal Negro*¹⁴. Também indagava muito sobre questões de futuro, como seria possível incluir essa população, quais seriam os projetos de educação, porque justamente vinha de uma família que acreditou que a verdadeira emancipação se faria pela educação, e não pela letra morta da lei, da Lei Áurea, que foi tão curta e tão conservadora.

É um autor que nos interpela como negro e com os projetos que ele trazia para que a população brasileira não esquecesse jamais o fato de que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão e recebeu mais de 50% dos africanos que saíram compulsoriamente de seu continente.

IHU On-Line – Lima Barreto, assim como outros negros que se tornaram personagens da História do Brasil, foi embranquecido nas suas representações. Como compreender esse processo na recomposição de personagens negros e em que medida superamos essa “histriografia do embranquecimento”?

Lilia Schwarcz – Não superamos, e acho que vai ser muito difícil de su-

perar, porque cultura é como uma segunda pele. Ela gruda na gente e naturaliza uma série de elementos que sabemos muito bem que não são naturais, mas que são transformados em “naturais” – e naturais com todas as aspas. A gente naturaliza a diferença, a violência, as relações de poder. O branqueamento sempre foi uma violência, uma violência social, que foi um projeto de Estado.

Basta ver que, no Congresso Universal das Raças, que aconteceu no começo do século XX em Londres, o adido oficial do Brasil, diretor do Museu Nacional, João Batista de Lacerda¹⁵, escreveu um texto chamado *Sur les métis au Brésil* (Sobre os mestiços no Brasil, em português), em que propõe que o Brasil, em três gerações, seria branco. Isso é um projeto oficial, é um projeto de Estado, porque *Sur les métis* foi levado oficialmente como uma posição do Brasil. Você não supera esse tipo de posição tão rapidamente, e estamos falando de algo que foi agora, vai fazer um século que o Brasil levou a Londres essa posição oficial. Pode-se, ainda, falar de Pelé¹⁶, que branqueou, mas se pode falar também de Neymar¹⁷, que acaba de falar disso.

37

¹⁵ **João Batista de Lacerda** (1846-1915): foi um médico e cientista brasileiro. Realizou estudos pioneiros com o curare e os venenos de ofídios e anfíbios. Descobriu a ação neutralizadora do permanganato de potássio sobre a peçonha da cobra. Dedicou-se também à microbiologia e a estudos sobre febre amarela. Foi diretor do Museu Nacional e presidente da Academia Nacional de Medicina. Foi autor de estudos sobre o homem fóssil do Brasil e em 1878 foi premiado com a medalha de bronze na exposição antropológica de Paris. Foi um dos principais expoentes da “tese do embranquecimento” entre os brasileiros, tendo participado, em 1911, do Congresso Universal das Raças, em Paris. Esse congresso reuniu intelectuais do mundo todo para debater o tema do racialismo e da relação das raças com o progresso das civilizações (temas de interesse corrente à época). Batista levou ao evento o artigo *Sur les métis au Brésil* (Sobre os mestiços no Brasil, em português), em que defendia o fator da miscigenação como algo positivo, no caso brasileiro, por conta da sobreposição dos traços da raça branca sobre as outras, a negra e a indígena. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Edison Arantes do Nascimento**, o Pelé (1940): ex-futebolista brasileiro que atuava como atacante. É considerado por muitos o maior jogador da história do futebol. Recebeu o título de Atleta do Século de todos os esportes em 15 de maio de 1981, eleito pelo jornal francês *L'Equipe*. No fim de 1999, o Comitê Olímpico Internacional, após uma votação internacional entre todos os Comitês Olímpicos Nacionais associados, também elegeu Pelé o “Atleta do Século”. A Fifa também o elegeu, em 2000, numa votação feita por renomados ex-atletas e ex-treinadores como o Jogador de Futebol do Século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ **Neymar da Silva Santos Júnior** (1992): futebolista brasileiro que atua como ponta-esquerda. Atualmente defende o Paris Saint-Germain e a Seleção Brasileira. Revelado pelo Santos, em 2009, Neymar se tornou o principal futebolista em ativa no país. Em 2013, foi vendido ao Barcelona, em alta, após ser protagonista da conquista da Copa das Confederações Fifa 2013 pela Seleção Brasileira. Ao lado de Messi, Iniesta, Xavi, Daniel Alves e Luis Suárez,

¹⁴ A entrevistada faz alusão à obra *Germinal* (São Paulo: Estação da Liberdade, 2012). De Emile Zola, o livro retrata os primórdios do que viria a ser a Internacional Socialista, constituindo simultaneamente um painel revelador da lógica patronal no início do capitalismo industrial. (Nota da **IHU On-Line**)

São questões que vão ressoando.

Também tenho discutido muito a questão das imagens. Houve um tempo em que se dizia que era impossível fazer uma foto de negros, porque não havia condições técnicas para captar a cor negra. Essas eram as explicações da Kodak. Também se dizia, na academia, que era impossível desenhar o marrom, porque não havia condições técnicas para fazer tinta marrom. E a minha pergunta é sempre a mesma: é uma questão técnica ou essa é uma questão moral? Na minha opinião, é moral. Não havia interesse, propriamente dito, em fotografar, em retratar essas populações, que foram pegas, no caso da fotografia, em geral sem querer, porque fotografavam, por exemplo, ambientes urbanos e os negros apareciam por toda a parte. Ou quando se faziam as fotografias no campo e os negros apareciam.

Visualidade de populações negras

Esse tipo de ideologia — porque esse tipo de representação visual trata-se de uma ideologia e é uma representação muito violenta — continua atuante. Nós estamos vivendo um momento muito importante de avaliar. É muito difícil falar do presente, mas, na minha compreensão, essas questões estão ficando diferentes. Estou aqui nos Estados Unidos, onde essa questão é muito mais antiga. A visualidade das populações negras, com todas as subjetividades negras e que são nossas também, são muito mais vivíveis.

E eu quero crer que o Brasil também está passando por um momento diferente. Me valho de um exemplo do ator negro que estava sendo perseguido no metrô e que imediatamente foi tomado como ladrão. Qual é a diferença nessa história? É que agora você pode ir para as redes sociais e reclamar dessa situação. Antes era impossível, por-

que a pressão era tão imensa que, de certa forma, podemos dizer que foram questões como essas que, a sua maneira, mataram Lima Barreto também.

escravidão. Era como os russos de que gostava tanto, como [Gustave] Flaubert¹⁹, que faziam da literatura uma forma de interpelação da realidade, do seu momento.

O sem imaginação, o desacreditado

Na época, ele foi considerado um autor sem imaginação. O próprio Sérgio Buarque de Holanda²⁰ fez uma resenha muito equivocada, no meu entender, para *Clara dos Anjos*, em que ele acusa Lima Barreto de não escapar dos seus problemas. E fala da questão racial, da questão da cor, da questão da pobreza, e acusa Lima de não resolver problemas que outros teriam resolvido. Tem sempre essa desculpa com relação às pessoas que levam essas questões para frente, porque é uma forma de atacar aquele que sofre o racismo dizendo que o problema é dele, não é do outro.

Essa categoria de não ter imaginação, veja como foi modificada. Se pensarmos agora numa literatura mais contemporânea, o Milton Hatoum²¹, por exemplo, acaba de publicar o primeiro volume do que será uma espécie de saga que é um pouco um relato que tem muito dele, que é a coisa de Brasília na época da Ditadura Militar. Ainda há Paulo Lins²²,

IHU On-Line – Lima Barreto fazia a chamada “literatura militante”. No que consiste esse estilo literário? Podemos identificar algo similar na literatura brasileira hoje?

Lilia Schwarcz – O próprio Lima Barreto que se definia assim. Ele tem uma crônica que se chama *Sobre o feio*, uma crônica incompleta, mas muito interessante, que encontrei na Biblioteca Nacional, em que ele brinca com feiura e compreensão social. Isso, veja que impressionante, no começo do século XX. Ele fala como é feio porque é negro, no limite. Tem outra crônica que se chama *Essa minha letra* — ele era uma espécie de copista, mas tinha uma letra péssima — em que usa a letra como metáfora de má inserção social. Veja como ele tem essa compreensão muito aguçada. Mas a literatura militante dele é mais clara no texto que se chama *O destino da literatura*. Nesse texto Lima diz que a literatura que ele faz é vinculada ao seu momento. Ele era uma anarquista também e chama suas produções de literatura solidária.

É uma literatura que, como ele dizia, tem que falar do rico, tem que falar do pobre, de nossas mazelas. É muito bonito como ele vai delimitando essa ideia de Brasil. Fala que Eça de Queirós¹⁸ é muito bom, mas que o Brasil é um país mais complexo. Está falando, é claro, da

¹⁹ Gustave Flaubert (1821-1880): foi um escritor francês. Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, seu senso de realidade, sua lucidez sobre o comportamento social, e pela força de seu estilo em grandes romances, tais como *Madame Bovary* (1857), *A Educação Sentimental* (1869), *Salambô* (1862) e contos, tal como *Trois contes* (1877). (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil* (1936). Obteve notoriedade por meio do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Ideias, de 22-8-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e no dia 8-5-2003, a professora apresentou essa mesma obra no *Círculo de Estudos sobre o Brasil*, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5-5-2003, disponível em <http://bit.ly/152MP1v>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível em <https://goo.gl/RN3W57>, e a edição 498, de 28-11-2016, *Raízes do Brasil – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas*, disponível em <http://bit.ly/2nDmDFE>. (Nota da IHU On-Line)

²¹ Milton Hatoum (1952): escritor, tradutor e professor brasileiro, considerado um dos grandes escritores vivos do Brasil. Hatoum costuma, em suas obras, falar de lares desestruturados com uma leve tendência política. Em suas duas últimas obras, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*, Milton Hatoum faz uma sutil crítica ao regime militar brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

²² Paulo Lins (1958): escritor brasileiro que ganhou fama com a publicação, em 1997, do livro *Cidade de Deus*, sobre

conquistou a Liga dos Campeões da Uefa 2014/15 e se transformou no principal futebolista brasileiro e um dos principais futebolistas do mundo. (Nota da IHU On-Line)

que fez muito sucesso com *Cidade de Deus*, para ficar só com os exemplos nacionais. Se pensarmos nos estrangeiros, veja o [Karl Ove] Knausgård²³, que é um longo relato do dia a dia dele. Foi uma tacanhez imaginar que fazer literatura realista era por falta de opção ou, ainda mais, falta de imaginação.

Todo escritor está o tempo todo ficcionalizando a realidade e a sua própria realidade. Deixo isso muito claro no livro, porque o Lima também é um autor difícil de seguir, pois não se sabe se ele está ficcionalizando ou se está falando dele. Na verdade, essa fronteira é muito tênue. O exemplo que mais uso é o de ter lido os originais do *Diário do hospício* e do *Cemitério dos vivos*, documentos que ele escrevia juntos nessa época. Por vezes, em *Diário do hospício*, o Lima, ao invés de escrever o seu nome, escreve o nome de um personagem. E, por vezes na sua novela, no *Cemitério dos vivos*, ao invés de escrever o nome do personagem, escreve Lima Barreto. Acho isso num documento em que é possível ver como ele risca Lima Barreto.

Houve pessoas que falaram: "veja como ele estava louco mesmo". Mas essa é uma perspectiva. A outra é pensar no conjunto da obra do Lima e como ele vivia ficcionalizando a si mesmo. Ele não só escreveu *Isaías Caminha*²⁴, ele era Isaías Caminha, ele assumia essa personalidade, ele era Gonzaga de Sá²⁵, ele era Clara dos Anjos. Essa potencialidade do escritor e da literatura que é a transformação, a imaginação. Ou seja,

a vida nas favelas do Rio de Janeiro. Morador da favela carioca Cidade de Deus, começou como poeta nos anos 1980 como integrante do grupo Cooperativa de Poetas, por onde publicou seu primeiro livro de poesia: *Sobre o sol* (UFRJ, 1986). É graduado no curso de Letras. (Nota da IHU On-Line)

23 Karl Ove Knausgård (1968): escritor norueguês, estudou História da Arte e Literatura na Universidade de Bergen (Noruega). Iniciou a sua carreira literária em 1998 com o romance romanen *Ute av verden* (Fora do mundo), pelo qual foi galardoado com o Prêmio Crítica (Noruega). Em 2005, Karl Ove Knausgård foi nomeado para o Prêmio de Literatura do Conselho Nôrdico, pelo seu segundo romance - *En tid for alt* (Um tempo para tudo). (Nota da IHU On-Line)

24 **Recordações do Escrivão Isaías Caminha:** primeiro romance do escritor brasileiro Lima Barreto. Com referência autobiográfica, tem como tema o racismo e a subordinação. (Nota da IHU On-Line)

25 **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá:** livro do escritor brasileiro Lima Barreto. Foi publicado em 1919, sucedendo a obra do autor *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. (Nota da IHU On-Line)

mesmo que o escritor se defina como escritor de ficção realista, todos sabemos e ele sabe que não faz só isso, que está sempre ficcionalizando, porque esse é o espaço da literatura.

“Literatura não é reflexo do contexto, não é reflexo da biografia. Literatura faz muito mais, produz”

IHU On-Line – Apesar do deslocamento histórico, que elementos utilizados por Lima para criticar a República de seu tempo podem ser aplicados atualizados na República de hoje?

Lilia Schwarcz – Eu começo o livro com um exemplo que tenho usado muito, em que Lima Barreto fala muito da corrupção. Ele fala que o Brasil é uma grande comilança, comem os políticos, comem os literatos, comem os juristas... Enfim, diz que o Brasil é uma comilança geral. Esse é muito o Lima Barreto que entendo e que ouço, que fala de um Brasil que vai devendo um projeto democrático, vai nos devendo um projeto cidadão, vai nos devendo uma verdadeira República. E isso ele não fala uma vez, tem um momento lindo em que ele fala “o Brasil não tem povo, só tem público”. Isso é muito importante, e eu vivi isso na pele, fazendo *Histórias da Sexualidade*²⁶, em que as pessoas queriam

26 Lilia foi, em 2016, curadora da exposição *História da Sexualidade*. Aberta no Museu de Arte de São Paulo - Masp, a mostra reuniu mais de 300 obras em nove núcleos temáticos: Corpos Nus, Totemismos, Religiões, Performatividades de Gênero, Jogos Sexuais, Mercados Sexuais, Linguagens e Voyeurismos, Políticas do Corpo e Ativismos. A exposição era composta por desenhos, pinturas, esculturas, vídeos e fotografias de 150 nomes que vão de Picas-

fazer uma crítica fundamental à exposição antes que ela estivesse aberta. Eu fui às redes, embora não seja muito de redes [sociais], para dizer que todo mundo pode gostar ou não gostar, mas é preciso ir à exposição para poder falar.

Há uma coisa muito fundamental que ele cobra, destacando que a culpa não é só do Estado, é também de cada um de nós, ou seja, cidadania se faz em casa. Quais são as atitudes que nós podemos tomar no dia a dia, no sentido de não nos conformarmos com as injustiças, não nos conformarmos com este país tão desigual e tão racista. Basta ver as reportagens publicadas nesta semana [semana próxima a 20 de novembro, em que são publicadas matérias alusivas ao Dia da Consciência Negra], comprovando como o racismo é estrutural no Brasil. Nós vivemos um racismo endêmico, em que não podemos apenas culpar o passado, não podemos culpar a História. Estamos falando aqui de 130 anos da abolição formal da escravidão, e os índices de discriminação seguem na educação, no acesso aos transportes, no acesso aos bens públicos de uma forma geral. O racismo, que também se inscreve nos índices de saúde, nos índices de natalidade, nos índices de mortalidade, mostram que não podemos só culpar o passado, que estamos reconstruindo esse racismo todo dia, e os resultados estão evidentes por aí. Lima nunca foi tão atual.

IHU On-Line – Podemos afirmar que Lima Barreto é o avesso de Machado de Assis? Por quê?

Lilia Schwarcz – Ninguém é avesso de ninguém. Se a gente fizer esse tipo de palheta, tipo de régua e compasso comparativos, estaremos fazendo menos a um e a outro, porque é fato que Lima Barreto tentou se construir assim, é um dos outros projetos dele. Tentou se construir

so a Manet, passando por Renoir, Adriana Varejão, Francis Bacon e Suzanne Valadon. A exposição fez parte de um projeto mais amplo desenvolvido pelo Masp, que retomou as várias noções de histórias. (Nota da IHU On-Line)

como um anti-Machado, não tanto na perspectiva literária, mas mais no projeto de vida, de institucionalização. E já falei também como essa é uma questão frágil no Lima, porque ele também tentou entrar na Academia, mas frequentava outros bares, outras rodas literárias...

E a gente esquece, também, que Lima Barreto é de outra geração. Na época em que Lima começa a aparecer, Machado vai morrer. Então, não chegaram a conviver e sequer disputar os espaços numa mesma época. Uma coisa é a contrariedade de Lima a um projeto mais estabelecido, que ele chamava de acomodado, do Machado de Assis, que frequentava as livrarias mais burguesas, os bares mais elegantes, isso é um pouco um Lima Barreto.

Agora, depois acabou se criando uma espécie de animosidade que foi dada pela crítica. É uma espécie de “fla-flu” que não ajuda nenhum dos dois autores. São, na verdade, projetos literários muito distintos. Machado não tinha esse projeto realista e não devemos cobrar que ele tenha. Agora, eu concordo com Sidney Chalhoub²⁷ e com outros críticos que mostram que Machado de Assis teve uma educação formal mais desestruturada do que a de Lima Barreto. Lima veio de uma família de profissionais liberais, o pai era tipógrafo reconhecido, a mãe uma professora,

ra, diretora de escola; Machado não teve nada disso.

Por outro lado, Machado vai fazer esse tipo de literatura com um outro diálogo, a sua perspectiva não é o local brasileiro, mas mesmo assim ele, como funcionário público, sempre deu pareceres contra os proprietários de escravos e, também, como contista, mesmo que os personagens não estejam no primeiro plano, é impressionante a frequência de personagens escravos. Então uma pessoa que escreveu um conto como *Pai contra a mãe*²⁸ – que narra a história de um homem que vai ser pai, que está desempregado e não sabe o que fazer, não tem emprego formal e vai ter de atuar como perseguidor de escravos fugidos, e vai justamente atrás de uma escrava grávida, assim como a mulher dele; ou seja, é o conto mais angustiante, mais triste, mais crítico à escravidão, porque mexe com o nascimento – não é um escravocrata como dizem, nada disso.

Assim como Lima Barreto também não é um autor que escapou de sua biografia; são projetos diferentes. O Brasil anda muito com essa mania de bipolaridade, ou somos isso ou aquilo, mas acho que não vale a pena, não compensa, não estimula intelectualmente construirmos outras dicotomias agora no cânone literário.

²⁷ Sidney Chalhoub (1957): historiador e professor universitário brasileiro. Foi Diretor Associado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e do Arquivo Edgard Leuenroth. Foi premiado em 1997 com um Jabuti, um dos principais do gênero no Brasil, na categoria Ensaio pelo livro *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. Seus estudos sobre escravidão, cotidiano e trabalho têm importância reconhecida, motivos pelos quais é um dos principais historiadores brasileiros. (Nota da IHU On-Line)

²⁸ **Pai Contra Mãe:** conto escrito por Machado de Assis e publicado no livro *Relíquias da Casa Velha* (1906). Escrito cerca de dezoito anos após o fim da escravidão no Brasil, é classificado por críticos como na segunda fase (ou fase madura) do autor, em que há tendências realistas. Após *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, suas próximas obras e contos, notavelmente *A Causa Secreta*, *Capítulos dos Chápeus*, *A Igreja do Diabo* e outros, possuem uma temática inovadora e ousada. (Nota da IHU On-Line)

Uma leitura pela literatura

O que gostaria era que Lima Barreto entrasse nas escolas, no nosso cânone, pela sua literatura e não exclusivamente pela sua biografia, que é inacreditável – eu, fazendo a pesquisa, ficava impressionada. O pai de Lima é um dos primeiros desempregados da República, vai trabalhar numa colônia de alienados na Ilha do Governador, que era cheia de malária, e leva junto a família. O pai fica louco em 1902, o Lima mesmo é internado duas vezes, morre jovem, então se tem todos os elementos para uma novela. Mas se tem mais do que uma novela aí. Você vê um escritor, ali pulsa a alma de um escritor, um escritor do Brasil.

Torço muito para que este ano não fique só na névoa e que se faça fogo mesmo, que o Lima entre para valer nas escolas e no nosso cânone literário. Se for ver minha bibliografia, perceberá que Lima Barreto é um autor muito estudado e, paradoxalmente, pouco lido, e eu gostaria muito que ele fosse lido. É muito isto: a gente estuda os autores negros, mas a gente não lê esses autores. E o que gosto do Lima Barreto sobremaneira não é a biografia que fiz dele, é aquele escritor que é a todo tempo um projeto imaginativo, é uma subjetividade negra, uma literatura da urgência, que até hoje nós vemos. As populações negras do Brasil sofrem da urgência, não sabem quando vão ser paradas numa blitz, quando vão ser paradas pela polícia, enfim, isso Lima Barreto tem. É uma literatura de urgência. ■

Leia mais

- Antonio Candido e sua lufada de ar na forma de ver o Brasil. Entrevista especial com Lilia Moritz Schwarcz, publicada nas Notícias do Dia de 15-6-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2BTEKmR>.
- A atualidade da obra e a necessidade de ser lida no seu tempo. Entrevista com Lilia Moritz Schwarcz, publicada na revista IHU On-Line, número 498, de 28-11-2016, disponível em <http://bit.ly/2qxPNO7>.

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus, filha de pais negros e analfabetos, nasceu em Minas Gerais, em 1914, tendo se mudado para São Paulo na segunda metade dos anos 1940. Estabeleceu-se na Favela do Canindé, em 1947, quando surgiam os primeiros conglomerados marginalizados na ainda tímida metrópole. Ainda no interior mineiro, entre os sete e oito anos frequentou a escola, onde aprendeu a ler e escrever e onde desenvolveu o gosto pela literatura. Durante o período em que trabalhou como empregada doméstica na casa de um médico paulista, utilizava as horas de folga para ler obras da biblioteca de seu patrão.

O gosto pelas letras rendeu a escritura de seus diários em mais de 20 cadernos encontrados nos lixos em que recolhia material reciclado para vender e ter uma renda. Essa foi a atividade principal de

Carolina Maria de Jesus a partir de 1948, quando, grávida de seu primeiro filho, passou a trabalhar como catadora. Sua obra mais conhecida, *Quarto de Despejo* (São Paulo: Editora Veneta, 2016), foi publicada em 1960, dois anos depois de Carolina ser descoberta pelo jornalista Audálio Dantas. O livro, que retoma os manuscritos de uma das maiores escritoras negras do Brasil, atingiu a cifra de 100 mil exemplares e foi traduzido para 13 idiomas, sendo vendido em mais de 40 países. A escritora ainda publicou outras três obras em vida: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963) e *Provérbios* (1963). Os livros *Diário de Bitita* (1982), *Meu Estranho Diário* (1996), *Antologia Pessoal* (1996) e *Onde Estaes Felicidade* (2014) foram publicados após sua morte. ■



“Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos”

A fome de literatura de Carolina Maria de Jesus

Jeferson Tenório analisa a trajetória da escritora e intelectual negra que ultrapassou os limites da literatura

Ricardo Machado

Mais do que uma escritora, Carolina Maria de Jesus foi uma das mais importantes intelectuais negras da história recente do Brasil. Seu livro *Quarto de despejo* (São Paulo: Editora Veneta, 2016) vendeu mais de 100 mil cópias ainda na década de 1960, ultrapassando escritores mais conhecidos midiaticamente, como Clarice Lispector e Jorge Amado. Foi o jornalista Audálio Dantas que “descobriu” Carolina de Jesus e foi o responsável pela publicação de seu célebre livro, mas nem por isso está imune a contradições. “O marketing utilizado pelo jornalista pode ter ajudado Carolina a ser celebrada do modo como foi. Por outro lado, a imagem da intelectual negra foi solapada. As interferências, os cortes e a seleção de trechos feitos em *Quarto de despejo* contribuíram fortemente para que Carolina fosse tratada como um ser exótico”, pondera Jeferson Tenório em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

“A fome é certamente uma personagem na obra de Carolina, uma fome amarela, como ela mesma definiu. Mas é uma leitura superficial acharmos que Carolina tinha fome apenas de comida.

Carolina tinha uma fome existencial, refletia sobre a vida, sobre o suicídio, sobre comportamentos mediados por uma linguagem lírica e seca”, destaca Jeferson. “Não se sai impune da obra de Carolina. Somos sempre afetados pela crueza e lirismo de suas palavras. As mazelas de Carolina passam a nos habitar. *Quarto de despejo* somos nós quando a lemos”, complementa.

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre, é mestre em literaturas luso-africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Lecciona em escolas de Porto Alegre. Premiado no concurso Paulo Leminski em 2009, com o conto *Cavalos não choram* e no concurso Palco Habitasul, com o conto *A beleza e a tristeza*, adaptado para o teatro em 2007 e 2008. É autor do romance *O beijo na parede* (Porto Alegre: Sulina, 2013). Vencedor do Prêmio AGES (Associação Gaúcha de Escritores), eleito o livro do ano de 2014. Tem textos traduzidos para o inglês e o espanhol. Atualmente trabalha na finalização do romance “Estela sem Deus”.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi Carolina Maria de Jesus?

Jeferson Tenório – Difícil responder essa pergunta. Carolina é inclassificável. Quanto mais leio a seu respeito, menos certezas tenho de sua personalidade. É o que consigo dizer sobre quem foi ela. Carolina carregou um universo dentro

si, portanto é difícil resumir-a numa catadora de papel que decidiu gastar a vida escrevendo. Ela não é só uma semianalfabeto esfomeada. Carolina tinha fome de literatura.

IHU On-Line – Como o texto de uma mulher, negra e pobre conseguiu ter o alcance que

teve e ser traduzido para tantos idiomas? Como isso se tornou possível em um país com tantas marcas escravocratas?

Jeferson Tenório – Carolina Maria de Jesus é sem dúvida um marco na história da literatura contemporânea brasileira. Para tanto, não se pode desvincular o contexto social,

“Carolina tinha uma fome existencial, refletia sobre a vida, sobre o suicídio, sobre comportamentos mediados por uma linguagem lírica e seca”

econômico e político da época de sua produção. Estamos no período de JK¹, o presidente “Bossa nova” e desenvolvimentista. São Paulo inicia seu processo de “higienização” em busca do progresso, ou seja, começa a remoção dos pobres das áreas centrais. Um desses espaços foi o que é hoje o parque do Ibirapuera. Para ter uma ideia, foram desalojadas cerca de 200 famílias em questão de meses. Muitas dessas pessoas foram “despejadas” na recém-formada favela do Canindé, local onde Carolina Maria de Jesus já residia com seus filhos. O livro mais conhecido dela, *Quarto de despejo*, foi tido, na época, como um retrato fiel da favela, isto é, não foi considerado literatura propriamente dita.

O jornalista Audálio Dantas foi crucial para que Carolina fosse vista não como uma escritora literária, mas como uma escritora que denunciou a miséria da favela. O marketing utilizado pelo Jornalista pode ter ajudado Carolina a ser celebrada do modo como foi. Por outro lado, a imagem da intelectual negra foi solapada. As interferências, os cortes e a seleção de trechos feitos em *Quarto de despejo* contribuíram fortemente para que Carolina fosse tratada como um ser exótico. Todo o material que Carolina produziu em seus cadernos

está dividido entre o Museu Afro Brasil – MAB, em São Paulo, a Biblioteca Nacional – FBN e o Instituto Moreira Salles – IMS, no Rio de Janeiro; o Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick – APMS, em Sacramento; e o Acervo de Escritores Mineiros – AEM, em Belo Horizonte, em Minas Gerais. Nesses materiais que não estão em *Quarto de despejo* é possível notar uma outra Carolina: leitora de Sócrates, leitora de poetas do modernismo, irônica, sarcástica, lírica e mais filosófica, além de preciosismos quanto ao uso sofisticado do vocabulário.

Agora, é curioso como as pessoas aqui no Brasil se surpreendem com o fato de uma escritora como Carolina ter surgido. Ora, num país em que mais da metade da população é composta por negros, é de se esperar que em algum momento surjam literaturas como a de Carolina, pelo menos essa é a lógica de quem olha de fora e talvez por isso a obra de Carolina seja tão estudada no exterior. No entanto, o Brasil sempre foi um país racista e que procurou de todas as formas embranquecer-se, e isso, de certo modo, produz esse espanto todo diante de uma figura como Carolina.

IHU On-Line – Como ela foi capaz de traduzir a própria vida em literatura?

Jeferson Tenório – Carolina tem uma veia machadiana no sentido de ser uma grande observadora da sociedade. A perspicácia dela se traduz numa narrativa atípica dentro

da nossa literatura. Pois veja bem, não é fácil lidar como uma obra em que a autora é também a narradora e a personagem. Carolina é uma pedra no meio do caminho da crítica, ela está dentro da tradição literária porque foi leitora dessa mesma tradição (Castro Alves², Casimiro de Abreu³, Olavo Bilac⁴), mas parece estar fora do cânone quando pensamos em reconhecimento estético. Além disso, às vezes, a academia não sabe lidar muito bem com uma escritora que se utiliza de material histórico, autobiográfico e ficcional ao mesmo tempo.

IHU On-Line – Que Brasil é revelado e construído pelo olhar de Carolina de Jesus?

Jeferson Tenório – Olha, eu acho que não há uma revelação da realidade na obra de Carolina, porque seu livro não é um relato etno-

² **Antônio Frederico de Castro Alves** - Castro Alves (1847-1871): poeta brasileiro, nascido na fazenda Cabearas, distante cerca de 42 quilômetros da vila de Nossa Senhora da Conceição de “Curralinho”, hoje chamada de Castro Alves, no estado da Bahia. Suas poesias mais conhecidas são marcadas pelo combate à escravidão, motivo pelo qual é conhecido como “Poeta dos Escravos”. (Nota da IHU On-Line)

³ **Casimiro José Marques de Abreu** (1839—1860): foi um poeta brasileiro da segunda geração do romantismo. Filho do fazendeiro português José Joaquim Marques de Abreu^[1] e de Luísa Joaquina das Neves, uma fazendeira de Barra de São João, viúva do primeiro casamento. Aos treze anos transferiu-se para o Rio de Janeiro para trabalhar com o pai no comércio. Com ele, embarcou para Portugal em 1853, onde entrou em contato com o meio intelectual e escreveu a maior parte de sua obra. A despeito da popularidade alcançada pelos livros do poeta, sua mãe, e herdeira necessária, morreu em 1859 na mais absoluta pobreza, não tendo recebido nada em termos de direitos autorais, fossem do Brasil, fossem de Portugal. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Olavo Bilac** (1865-1918): Olavo Brás Martins dos Guimaraes Bilac é jornalista, poeta brasileiro e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Criou a Cadeira nº. 15. Imortalizou-se como poeta, considerado o Príncipe dos Poetas Brasileiros, e junto de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia foi a maior liderança e expressão do parnasianismo no Brasil. De seus escritos, destacam-se Crônicas e novelas e Através do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

¹ **Juscelino Kubitschek de Oliveira** (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Juscelino instituiu o plano de governo baseado no slogan “Cinquenta anos em cinco”, direcionado para a rápida industrialização do País (especialmente via indústria automobilística). Além do progresso econômico, no entanto, houve também um grande aumento da dívida pública. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder*. JK, 50 anos depois, disponível em <http://bit.ly/ihuon166>. (Nota da IHU On-Line)

gráfico. Não é um relato fiel da favela. Carolina inventa um lugar porque a realidade é dura demais, entende? O que Carolina faz é literatura e a literatura não tem compromisso com a realidade em si. Agora, é óbvio que a perspectiva de uma mulher negra e pobre recriando um espaço como o da favela é muito mais poderoso. A ótica de Carolina é peculiar e isso a torna uma narrativa singular. Não estou dizendo com isso que as coisas que estão no diário de Carolina são mera invenção, é claro que ela passava fome, é claro que passava dificuldades, mas não foi relato meramente realístico que torna seu texto consistente e belo, mas a sua elaboração estética e ficcional da realidade.

IHU On-Line – Como a fome urbana e negra está manifesta nos escritos de Carolina de Jesus?

Jeferson Tenório – Essa é uma questão que sempre aparece quando lemos *Quarto de despejo*. Volto a lembrar que a seleção do texto foi organizada pelo jornalista Audálio, e como se pode perceber, houve uma intencionalidade em selecionar muitos trechos em que Carolina falava da fome. A fome é certamente uma personagem na obra de Carolina, uma fome amarela, como ela mesma definiu. Mas é uma leitura superficial acharmos que Carolina tinha fome apenas de comida. Carolina tinha uma fome existencial, refletia sobre a vida, sobre o suicídio, sobre comportamentos mediados por uma linguagem lírica e seca.

IHU On-Line – O que caracteriza a indisciplina de Carolina de Jesus? Como essa indisciplina permitiu que ela se libertasse dos grilhões de seu próprio tempo?

Jeferson Tenório – Eu acho que foi justamente esse ímpeto de Carolina em acreditar que a escrita iria salvá-la da miséria, o que de fato aconteceu, pois em questão de meses Carolina vendeu mais livros que

Clarice Lispector⁵ e Jorge Amado⁶. Carolina não se sentia intimidada com o sucesso, nem em frequentar as altas rodas da sociedade. Não era uma negra acanhada e deslocada como sugeriu o escritor Benjamin Moser⁷ recentemente ao se referir a uma foto de Carolina com a Clarice Lispector. Por outro lado, Carolina era indisciplinada porque se recusava a fazer parte de um quarto de despejo. Ela queria construir um lugar ficcional para suportar a vida. E construiu.

IHU On-Line – Qual a qualidade literária do texto de Carolina de Jesus? O que a tornou uma das protagonistas da literatura nacional?

Jeferson Tenório – Olha, esse critério de qualidade é o que tem causado mais discussão em torno do livro de Carolina. Muitos não reconhecem valor estético em sua obra. Essa postura me parece um misto de preconceito e preguiça intelectual. Veja bem, acho muito complicado você utilizar as mesmas teorias eurocêntricas para avaliar o texto de Carolina. Um exemplo: acho improutivo avaliarmos

⁵ Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Começou a escrever logo que aprendeu a ler, na cidade de Recife. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, remanescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho, disponível para download em <http://migre.me/qQHT>. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Jorge Amado (1912-2001): escritor baiano, nascido em Itabuna. Escreveu dezenas de livros, entre romances, novelas, literatura infanto-juvenil, poesia, contos, relatos autobiográficos, peças de teatro, guias de viagem e documentos políticos e de oratória. De suas obras, destacamos Capitães da Areia (1936), Gabriela Cravo e Canela (1958), Tenda dos Milagres (1969) e Tieta do Agreste (1977), todas estas adaptadas para a televisão. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Benjamin Moser (1976): Nascido em Houston, em 1976, Moser cursou o ensino médio no Texas e na França, antes de se formar em licenciatura em História pela Universidade Brown. Obteve seu doutoramento (título de PhD) e mestrado pela Universidade de Utrecht. Fluente em seis idiomas, o autor já publicou traduções do neerlandês, francês, espanhol e português, língua a qual decidiu aprender após um breve contato com o chinês. (Nota da IHU On-Line)

o narrador de *Quarto de Despejo* na perspectiva de teóricos como Walter Benjamin⁸, pois a ideia de experiência e pobreza dos soldados da Primeira Guerra, em Benjamim, é diferente em *Quarto de despejo*. As coisas não fecham, entende?

Poderia apontar inúmeros aspectos para comprovar sua qualidade, mas o que me parece mais evidente é a sua capacidade de transfigurar a realidade em lirismo, de transformar a fome física em fome metafísica. Além é claro, de toda a preocupação com a construção frasal e com o preciosismo vocabular.

IHU On-Line – Apesar da pouca instrução formal de Carolina de Jesus, ela demonstrava uma boa perspicácia ao perceber os mecanismos do preconceito. Como ela construiu sua própria noção de negritude e como era o seu entendimento sobre o racismo no Brasil?

Jeferson Tenório – Quando Carolina começou a escrever na década de 1950 sabia-se pouco do movimento da negritude, iniciado em 1935 pelo poeta martiniano Aimé Césaire⁹. Essa falta de organização política em torno da consciência de raça não impediu que Carolina conseguisse perceber o racismo a sua volta. Talvez porque na condição de mulher negra, o racismo se mostras-

⁸ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A obra de arte na era da sua reproduzibilidade técnica* (1936), *Teses sobre o conceito de história* (1940) e a monumental e inacabada *París, capital do século XIX*, enquanto *A tarefa do tradutor* constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Aimé Fernand David Césaire (1913-2008): foi um poeta, dramaturgo, ensaísta e político da negritude. Além de ser um dos mais importantes poetas surrealistas do mundo, inclusive no dizer do líder deste movimento, Breton. Aimé Césaire foi, juntamente ao Presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor, o ideólogo do conceito de negritude, sendo a sua obra marcada pela defesa de suas raízes africanas. (Nota da IHU On-Line)

se mais evidente e violento. E o fato de ela ser sensível à subjetividade fez com que ela ganhasse essa noção com mais rapidez. Em pouco tempo, Carolina compreendeu que a sua cor e o seu gênero chegavam primeiro nas pessoas que a sua imaginação literária. Foi uma consciência permanentemente acossada pela fome e pela violência cotidiana.

IHU On-Line – Qual o significado de obras de Carolina de Jesus tornarem-se leitura obrigatória de vestibulares de universidades federais?

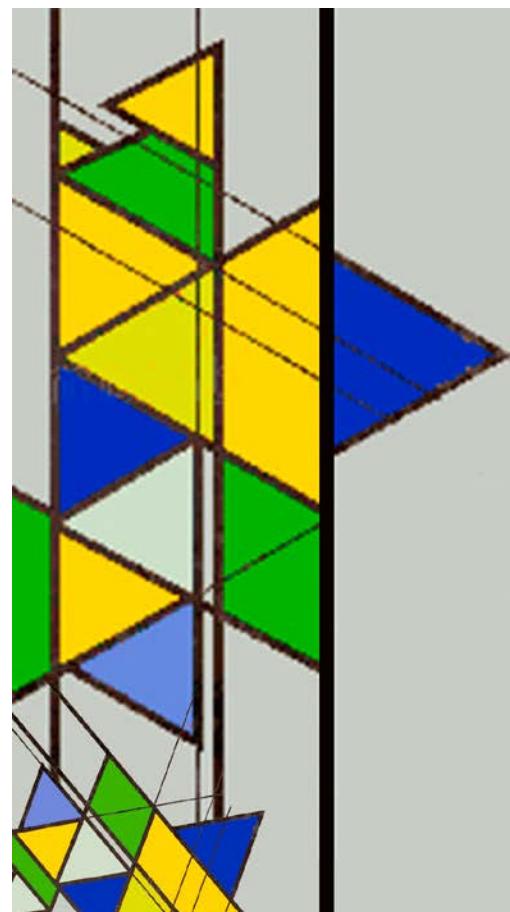
Jeferson Tenório – Em primeiro lugar creio que a escolha de Carolina para fazer parte da lista de leituras obrigatórias de universidades federais não tenha sido fácil. O jogo de poder nas academias dificulta a entrada de obras como as de Carolina, justamente porque as

universidades ainda possuem uma visão conservadora e elitista da literatura. No entanto, creio que as universidades, o contexto e todas as instâncias que movem os vestibulares saem ganhando com isso. *Quarto de despejo* não é só uma leitura obrigatória, é uma experiência estética, filosófica e social. Não se sai impune da obra de Carolina. Somos sempre afetados pela crueza e lirismo de suas palavras. As mazelas de Carolina passam a nos habitar. *Quarto de despejo* somos nós quando a lemos.

IHU On-Line – Como o protagonismo de Carolina de Jesus e sua produção contribuem para entendermos as contradições do Brasil atual?

Jeferson Tenório – Num primeiro momento, Carolina foi vista como uma autora que representava

uma coletividade, uma espécie de porta-voz dos pobres e excluídos da favela do Canindé, mas quando nos aprofundamos na leitura, nos damos conta de que Carolina não produziu uma obra para revelar as contradições sociais. No fundo, Carolina não escreve para denunciar a miséria e a fome. Carolina escreve um livro para se salvar. Se há alguma intenção em representar algo, me parece que é a representação de si mesma. Agora, podemos, a partir desse ponto de vista muito particular, vislumbrar alguns aspectos sociais engendrados aí. É possível compreender melhor os caminhos do preconceito e da desigualdade no Brasil, pois a visão mediada pela literatura produz pontos de vista que não poderiam ser alcançados por outra área do conhecimento humano. E essa me parece ser a grande contribuição de Carolina para entender o Brasil e suas contradições. ■



3º Ciclo de Estudos

A esquerda e a reinvenção da política no Brasil contemporâneo.

Limites e perspectivas

De 22/03 a 30/05 de 2018

ihu.unisinos.br

Theodoro Sampaio

Theodoro Fernandes Sampaio nasceu no recôncavo baiano, em Santo Amaro da Purificação, no ano de 1855. Filho de uma escrava, Theodoro Sampaio leva o sobrenome do padre Manuel Fernandes Sampaio, que teria comprado sua alforria. Foi esse mesmo sacerdote que permitiu a Theodoro Sampaio estudar em bons colégios no Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1877, Theodoro formou-se engenheiro civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Os relatos biográficos sobre Theodoro Sampaio são discretos em relação à sua família, mas o que as circunstâncias levam a crer é que foi ele quem, em 1877, ao se formar engenheiro, foi à Bahia comprar a alforria de seus irmãos. Theodoro foi um dos maiores nomes da engenharia no Brasil e fez parte, inclusive, de uma comissão cria-

da por dom Pedro II para propor melhorias no Porto de Santos, em São Paulo.

Theodoro Sampaio foi responsável pela criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1894, foi membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que presidiu em 1922, e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. No seu currículo ainda consta a participação como um dos fundadores da Escola Politécnica, que hoje integra o corpo da Universidade de São Paulo - USP.

Principais livros de Theodoro Sampaio editados mais recentemente: *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), *São Paulo no Século XIX e outros ciclos históricos* (Petrópolis: Vozes, 1978) e *O Tupi na Geografia Nacional* (São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987).■



“Dominem em nós as ideias que Euclides agitou e com elas façamos desta Pátria o teatro de uma esplêndida realidade, fecundando-se num largo espírito de solidariedade humana”

O anti-herói que pensou um Brasil moderno e inclusivo

Ademir dos Santos destaca as contribuições de Theodoro Sampaio, que olha para o interior do país e projeta uma nação do ambiente rural ao urbano

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos

Negro, culto e inteligente. Tais características certamente incomodavam a sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX. Mas, o engenheiro Theodoro Sampaio não estava muito preocupado com isso, porque, afinal, como define o professor e arquiteto Ademir Pereira dos Santos, ele, “como bom anti-herói, desagradava a todos”. “Pensava no Brasil e no potencial do seu rico interior, suas riquezas e potenciais, e não em Paris ou Nova Iorque”, completa. Para Santos, o reconhecimento ao legado de Sampaio tem conexão com o fato de ser um negro que subverte o estigma da raça. “Talvez não tenha sofrido como os negros pobres e incultos sofrem. Mas com certeza fez da sua trajetória profissional uma prova cabal da capacidade e do lugar que os negros podem e devem ocupar num país de mestiços como o nosso. Este aparente esquecimento não é por acaso”, analisa.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Santos ainda destaca que “o grande valor da contribuição de Theodoro Sampaio foi ter empreendido uma obra plural, com contribuições importantes para vários campos conexos das geociências e humanidades”. Ou seja, ele não pensava somente na perspectiva técnica, mas

também levando em conta a realidade do lugar e as necessidades de quem vive ali. “As condições sub-humanas dos brasileiros sempre estiveram presentes nos relatórios e propostas que elaborou”, pontua ao lembrar das obras de saneamento. “Via na água a condição básica da igualdade social e da cidadania. E talvez aí esteja sua grande contribuição étnica aos negros. Afinal, quem até hoje padece sem esgotos e água tratada nas periferias das grandes, médias e pequenas cidades brasileiras e ainda luta contra o mesmo *Aedes Aegypti*, da febre amarela e atual dengue e chikungunya?”, questiona o professor.

Ademir Pereira dos Santos é arquiteto formado pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, mestre em História pela Universidade Estadual Paulista – Unesp e doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – USP. É professor na Universidade de Taubaté e leciona no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Entre suas publicações, destacamos *Arquitetura Industrial* (São Paulo: Takano, 2006) e *Theodoro Sampaio nos Sertões e nas Cidades* (Rio de Janeiro: Versal Editores, 2010).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como define a figura de Theodoro Sampaio? Por que ele pode ser considerado herói dos sertões e das cidades?

Ademir Pereira dos Santos – Nunca usei nem usaria a palavra “herói”. Foi um “construtor” dos e nos Sertões e das e nas Cidades brasileiras, no sentido literal, como ur-

banista e engenheiro, e, do seu imaginário, como historiador e geógrafo. Colocou aí seu modesto tijolinho. Mas se o quisermos ver como herói, ele o foi sim, mas andou sempre na

contramão, como brasileiro anônimo, portanto, um anti-herói. Para começar, era negro e nordestino. E, mais do que isto, era “baiano”, talvez o mais estigmatizado dos nordestinos em São Paulo.

Sampaio viveu numa pauliceia em ebullição, na virada do século XIX. São Paulo naquele momento suplantaria a capital, o Rio de Janeiro, e os republicanos assumiram o poder econômico e consequentemente o poder político e chegaram ao poder com o regime iniciado em 1889, a famosa Primeira República. Como bom anti-herói, desagradava a todos. Era negro, culto e elegante. Três anos depois que chegou em São Paulo é que foi abolida a escravidão. Era monarquista, mas ao mesmo tempo frequentava as altas rodas da sociedade republicana paulista. Era calmo e introvertido apesar de orador eloquente.

Pensava no Brasil e no potencial do seu rico interior, suas riquezas e potenciais e não em Paris ou Nova Iorque. Ou seja, andava na contramão de tudo que podia ser característico naquele momento lembrado como a *Belle Époque*¹. Como anti-herói, cometeu um erro básico em São Paulo: denunciou e recusou-se a participar das propinas que sempre rolaram nos serviços públicos.

IHU On-Line – Que Brasil é revelado a partir do trabalho de Theodoro Sampaio?

Ademir Pereira dos Santos – O Brasil de Sampaio tinha como marca a busca da independência econômica e da atualização técnica do país no plano internacional. Suas primeiras obras são de dimensões continentais. Concebeu e realizou parte das obras que viabilizou a navegação pelo rio São Francisco. Cruzou em lombo de montaria a Bahia de oeste a leste, passando pela Chapada Dia-

¹ **Belle Époque:** expressão francesa que significa bela época. Foi um período de cultura cosmopolita na história da Europa que começou no fim do século XIX, com o final da Guerra franco-prussiana, em 1871, e durou até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. A expressão também designa o clima intelectual e artístico do período em questão. Foi uma época marcada por profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano. (Nota da IHU On-Line)

mantina para cartografá-la. Depois trabalhou na ferrovia que liga Salvador a Juazeiro, passando pelo sertão baiano, quando cartografou Canudos, planta cedida depois a Euclides da Cunha², que nada sabia daquele lugar. Por sinal foi um dos primeiros a publicar artigo sobre a geologia e a geografia do lugar.

No seu primeiro trabalho em São Paulo, percorreu cerca da 600 km dos rios Itapetininga e Paranapanema para averiguar a possibilidade de uma hidrovia que ligaria o Pacífico ao Atlântico. Concebeu o plano cartográfico que botou o estado de São Paulo na vanguarda dos trabalhos de Geografia, sendo o primeiro estado a ostentar uma planta topográfica na escala 1:100.000, feita por Geodesia³.

E, depois, simplesmente integrou um corpo de médicos e engenheiros que, apesar dos políticos e da burocracia administrativa, debelou tecnicamente a febre amarela, equacionou o problema do abastecimento de água, do saneamento básico, da habitação popular e dos transportes em São Paulo e em Salvador, ou seja, nas maiores cidades do Sul e do Norte do país. E talvez seu mais belo plano: concebeu Brasília situada na Serra da Mantiqueira, na região de Campos de Jordão, investindo-se contra o plano de construir a capital num desértico e monótono quadrilátero no longínquo estado de Goiás, tal como constava na primeira constituição republicana de 1891. Um visionário, disse que uma capital ali se tornaria um “presídio” pelo seu isolamento. Que ironia do destino, acertou na mosca.

² **Euclides da Cunha** (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destaca-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Confira a edição 317 da IHU On-Line, de 30-11-2009, intitulada *Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demírgos do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon317>. (Nota da IHU On-Line)

³ **Geodesia:** o termo foi usado pela primeira vez por Aristóteles (384-322 a.C.), e pode significar tanto ‘divisões (geográficas) da terra’ como também o ato de ‘dividir a terra’ (por exemplo entre proprietários). A geodesia é, ao mesmo tempo, um ramo das Geociências e uma Engenharia, que trata do levantamento e da representação da forma e da superfície da terra, global e parcial, com as suas feições naturais e artificiais e o campo gravitacional da Terra. (Nota da IHU On-Line)

“Como bom anti-herói, desagradava a todos. Era negro, culto e elegante”

IHU On-Line – Quais suas principais obras nos campos da engenharia e da geografia?

Ademir Pereira dos Santos – Na sua trajetória profissional, distinguem-se duas fases iniciais, no vale do rio São Francisco, de 1879-1886, e no Rio Paranapanema em São Paulo pela Comissão Geográfica e Geológica, 1886-1890. Além dos mapas e plantas, produziu desenhos, diários e relatórios técnicos sobre aspectos diversos tais como as condições econômicas, sociais, a vegetação e os solos. No caso do Rio Paranapanema, tomou gosto pelos estudos indígenas e chegou a produzir um vocabulário da língua dos nativos que viviam nas últimas florestas do sul do Estado de São Paulo.

Apesar de serem trabalhos marcados pelo pragmatismo científico, seu trabalho como cartógrafo trouxe à luz partes imensas do território brasileiro. E os livros e textos que produziu com suas anotações e desenhos revela-nos um Brasil que ainda relutamos em assumir. O Estado e os políticos se preocupavam com o imediatismo das vias de comunicação (ferrovias e hidrovias), dos mapas e dos levantamentos topográficos fundamentais para se comercializar as terras e projetar os tais “melhoramentos”. Nos seus relatórios e mapas, Theodoro Sampaio vai muito além da mera descrição técnica e instrumental. Consegue interpretar a particularidade de cada paisagem e expressar poeticamente sem pedantismo os potenciais e as angústias dos habitantes de cada lugar.

Foi um momento importante para sua formação e afirmação como en-

genheiro e cientista. Além da contribuição à cartografia nacional mapeando regiões “obscuras” e sem informações seguras em termos técnicos, o grande valor da contribuição de Theodoro Sampaio foi ter empreendido uma obra plural, com contribuições importantes para vários campos conexos das geociências e humanidades.

Fundou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - IHGSP, e depois presidiu por muitos anos o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que atuavam como polos irradiadores e catalisadores do conhecimento técnico antes das universidades públicas estaduais ramificarem-se pelo país. Como engenheiro tornou-se também um testemunho da dedicação ao serviço público e do avanço no saneamento, especialmente no abastecimento de água potável. Via na água a condição básica da igualdade social e da cidadania. E talvez aí esteja sua grande contribuição étnica aos negros. Afinal, quem até hoje padece sem esgotos e água tratada nas periferias das grandes, médias e pequenas cidades brasileiras e ainda luta contra o mesmo *Aedes Aegypti*, da febre amarela e atual dengue e chikungunya?

“O Brasil de Sampaio tinha como marca a busca da independência econômica e da atualização técnica do país”

IHU On-Line – De que forma Theodoro Sampaio apreende os saberes indígenas e como influenciam sua obra?

Ademir Pereira dos Santos – Foi no Museu Nacional, por volta de 1878, como assistente de Orville Der-

by⁴ que Sampaio teve contato com a Arqueologia e a Etnologia, quando desenhava as peças coletadas pela Comissão Geológica do Império. Mas quando chegou a São Paulo, mais precisamente na expedição que fez pelo Vale do Paranapanema, entrou em contato direto com os indígenas e os dilemas que os envolviam. Sampaio propôs para o Vale do Paranapanema o que Rondon⁵ e depois os irmãos Villas Boas⁶ conseguiram para os povos do norte do país: as reservas e os parques nacionais, como é o caso do Xingu, entre outras, nas quais índios poderiam manter a cultura e se perpetuarem como povos livres, apesar do nefasto contato com os “civilizados”.

Seu interesse pela língua nativa começou durante a viagem que durou quase seis meses, e com um simples vocabulário, uma lista extensa de frases e palavras utilizadas pelos “índios mansos” que integraram a sua equipe. E assim se fez o *Tupi na Geografia nacional*, livro lançado em 1901, e talvez a sua obra mais conhecida ao lado de *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina* (1905). O livro *O Tupi na Geografia nacional* tornou-se um clássico, pois ali Sampaio elaborou um verdadeiro tratado sobre o papel da língua como um documento da forma de pensar dos nativos (como os portugueses souberam utilizá-la a favor do projeto de dominação) e de como havia uma complexa relação entre as denominações e as feições determinantes dos lugares.

⁴ **Orville Adalbert Derby** (1851-1915): geólogo e geógrafo estadunidense naturalizado brasileiro. Veio ao Brasil pela primeira vez em 1869. À época era estudante da Universidade de Cornell, e integrou sua expedição geológica (Expedição Morgan) à Amazônia entre 1870 a 1871. Ao ser convidado à incipiente Comissão Geológica do Império (1875), transferiu acervo especializado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Organizou as coleções de mineralogia e paleontologia da instituição e dedicou-se a conclusões daquela expedição. Derby fez importantes trabalhos básicos de geologia na Bacia do Paraná, nos anos de 1879 e 1883. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Cândido Rondon** (1865-1958): Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como Marechal Cândido Rondon, foi um militar brasileiro. Desbravador do interior do país, criou em 1910 o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Teve seu primeiro encontro com os indios (alguns hostis, outros escravos de fazendeiros) quando construía as linhas telegráficas que ligaram Goiás a Mato Grosso. Obteve a demarcação de terras de vários povos, entre eles os Bororo, Terena e Ofayé. Em 1939 foi nomeado presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Recebeu do Congresso Nacional, em 1955, através de lei especial, o posto de marechal do Exército. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Irmãos Villas-Boas**: Orlando (1914-2002), Cláudio (1916-1998) e Leonardo Villas-Boas (1918-1961), foram importantes sertanistas brasileiros. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Analistas de conjuntura indicam que um dos problemas do Brasil de hoje é não ter um projeto de nação. Que projeto de país teve Theodoro Sampaio e como pode inspirar a pensar numa ideia de nação hoje?

Ademir Pereira dos Santos

– O projeto de nação entrevistado na obra e delineado pela trajetória de Sampaio só encontra paralelo e correspondência, guardando as devidas distinções, na obra e ideias de um Rui Barbosa⁷, de um Monteiro Lobato⁸, de um Euclides da Cunha ou um Joaquim Nabuco⁹, seus contemporâneos e, posteriormente, realizadores como Darcy Ribeiro¹⁰.

De fato, perdeu-se em algum lugar o fio da meada de um projeto de nação. Parece que a burguesia abriu mão do papel histórico que

⁷ **Rui Barbosa** [Ruy Caetano Barbosa de Oliveira] (1849-1923): foi um polímata brasileiro, tendo se destacado principalmente como jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador. Um dos intelectuais mais brilhantes do seu tempo, foi um dos organizadores da República e coautor da constituição da Primeira República juntamente com Prudente de Moraes. Ruy Barbosa atuou na defesa do federalismo, do abolicionismo e na promoção dos direitos e garantias individuais. Primeiro ministro da Fazenda do regime instaurado em novembro de 1889, sua breve e discutida gestão foi marcada pela crise do encilhamento sob a proposição de reformas modernizadoras da economia. Destacou-se, também, como jornalista e advogado. Foi deputado, senador e ministro. Notável orador e estudioso da língua portuguesa, foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras, e seu presidente entre 1908 e 1919. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Monteiro Lobato** [José Bento Monteiro Lobato] (1882-1948): escritor brasileiro popularmente conhecido pelo tom educativo, bem como divertido de sua obra de livros infantis, o que seria, aproximadamente, metade de sua produção literária. A outra metade, composta de romances e contos para adultos, foi menos popular, mas um divisor de águas na literatura brasileira. Confira a edição 284 da IHU On-Line, de 1-12-2008, intitulada *Monteiro Lobato: interlocutor do mundo*, disponível em <http://bit.ly/ihuon284>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Joaquim Nabuco** [Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo] (1849-1910): político, diplomata, historiador, jurista, orador e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Na data de seu nascimento, 19 de agosto, comemora-se o Dia Nacional do Historiador. Foi um dos grandes diplomatas do Império do Brasil (1822-1889), além de orador, poeta e memorialista. Opôs-se de maneira veemente à escravidão, contra a qual lutou tanto por meio de suas atividades políticas quanto de seus escritos. Fez campanha contra a escravidão na Câmara dos Deputados em 1878 e fundou a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Darcy Ribeiro** (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, no ano de 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio, e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e linguística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959/1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 8 de outubro de 1992 para a cadeira n. 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line)

desempenhou a classe dominante em outros lugares. Os intelectuais e técnicos até que desempenharam o papel a eles reservado, no entanto, é visível hoje que não há uma aderência real e de fato a um projeto nacional. O entreguismo que tem caracterizado a prática da elite política brasileira e mesmo dos militares é, talvez, um traço da dependência estrutural da latino-americana, mas no Brasil, ela ganhou contornos imagináveis depois da geração de Theodoro Sampaio. E em função do atual estágio de deterioração do aparato jurídico, administrativo e político frente à tal globalização, é muito difícil vislumbrar uma saída coerente com o momento histórico e as ideias elaboradas pela geração de Theodoro Sampaio.

IHU On-Line – Theodoro Sampaio também é reconhecido por pensar a cidade na Modernidade, especialmente São Paulo. No que consiste esse urbanismo moderno?

Ademir Pereira dos Santos – Urbanismo praticado por Theodoro Sampaio estava diretamente vinculado às descobertas da microbiologia e à incorporação dos novos materiais e técnicas industriais. Tratava-se, antes de tudo, de adaptar o espaço urbano (medieval na Europa) colonial ao novo momento de expansão dos novos meios de comunicação, transporte e combate às doenças epidêmicas.

Em 1919, elaborou o plano para a Cidade da Luz, a Cidade Nova, atualmente conhecida como o bairro da Pituba, em Salvador. Trata-se de um projeto urbanístico de grande porte, ruas avenidas largas, traçado ortogonal entre outras características. Pituba merece destaque na sua carreira de urbanista, pois antecipou-se com este projeto ao próprio Le Corbusier¹¹, que elege-

ria mais tarde o Sol como símbolo do urbanismo moderno. Quem conhece o bairro atualmente nem consegue imaginar que aquele espaço tem praticamente 100 anos. No entanto, sua grande experiência como engenheiro adveio da modernização dos portos, de Santos e Salvador, assim como da renovação e expansão do sistema de abastecimento de água e tratamento dos esgotos, aspectos da infraestrutura urbana tão importante para a saúde pública, e tão relegado por nossos administradores.

“As questões sociais sempre estiveram presentes na obra de Sampaio”

IHU On-Line – Como questões sociais importantes aparecem nos traçados de seus projetos?

Ademir Pereira dos Santos – As questões sociais sempre estiveram presentes na obra de Sampaio, de modo diferenciado e de forma muito peculiar. Além dos mapas e plantas, Sampaio produziu desenhos e diários nos quais retratou as duras condições vividas pelos ribeirinhos

do Rio São Francisco (1879) e depois nos cortiços de São Paulo. As condições sub-humanas dos brasileiros sempre estiveram presentes nos relatórios e propostas que elaborou para as cidades nas quais atuou.

Apesar de serem trabalhos marcados pelo pragmatismo técnico e científico, seu trabalho como cartógrafo trouxe à luz partes imensas do território brasileiro. Os livros e textos que produziu com suas anotações e desenhos revelam um Brasil que ainda relutamos em assumir. O Estado e os políticos se preocupavam com o imediatismo das vias de comunicação (ferrovias e hidrovias), dos mapas e dos levantamentos topográficos fundamentais para comercializar as terras e projetar os tais “melhoramentos”. No entanto, percebemos nas entrelinhas dos seus relatórios e mapas que Theodoro Sampaio vai muito além da mera descrição técnica e instrumental. Conseguiu como poucos interpretar a particularidade de cada paisagem e expressar poeticamente sem pedantismo os potenciais e as angústias dos habitantes de cada lugar.

IHU On-Line – Filho de escrava, como Theodoro Sampaio encarava a situação do negro no país?

Ademir Pereira dos Santos – Nunca conseguiremos, como brancos, imaginar o que significava ser negro e conseguir ascender à condição de intelectual em plena vigência do escravismo. Viver entre iguais é uma coisa. Viver entre os brancos e ser negro é algo bem diferente. Sampaio devia ser olhado com eterna resignação e desconfiança. E o pior, ser tratado por ambos os lados, por negros escravizados e por brancos escravagistas como alguém “em quem jamais se pode confiar”.

Mas, apesar da origem humilde, Sampaio teve na figura do pai (um padre) o seu protetor que o encaminhou às letras, um privilégio

¹¹ Le Corbusier (1887-1965): pseudônimo de Charles-Edouard Jeanneret-Gris, foi um arquiteto, urbanista, escultor e pintor de origem suíça e naturalizado francês em 1930. É considerado um dos mais importantes arquitetos do século 20, ao lado de Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Mies van der Rohe e Oscar Niemeyer. Parte de sua notoriedade decorre do fato de ter criado o conceito da Unité d'Habitation, sobre o qual começou a trabalhar na

na época. Pertenceu à elite dos primeiros profissionais formados pela Politécnica do Rio de Janeiro, num cenário marcado pela integração do país ao capitalismo industrial, necessitando, portanto, de uma modernização estrutural, em termos técnicos e conceituais. Com a instituição do Estado republicano, a absorção de profissionais com ensino superior foi ainda mais incrementada. Esses profissionais contribuíram para a institucionalização da ciência, ou seja, para a aplicação do conhecimento científico à estruturação do aparato do Estado para que este viesse a garantir e oferecer serviços públicos com qualidade técnica e equidade. Desse tipo de trabalho, muito específico e pouco valorizado é que vem a capacitação jurídica e administrativa do poder público para assegurar o usufruto dos direitos dos cidadãos.

IHU On-Line – Em que medida a trajetória de Theodoro Sampaio pode inspirar lutas contra desigualdades étnico-raciais do Brasil de nosso tempo?

Ademir Pereira dos Santos
– Theodoro Sampaio deixou um legado aos brasileiros, independente das condições étnico-ra-

cias. Tocou pouquíssimas vezes na questão do preconceito de que muitas vezes foi alvo, por certo. Superou todas as dificuldades: de filho bastardo que conseguiu comprar a alforria da mãe e de dois irmãos com o que pôde acumular no primeiro emprego à solidão e separação da família por décadas. Theodoro Sampaio construiu-se quase que sozinho. Tornou-se um profissional refinado e muito requisitado. Atuou praticamente toda a sua vida em instituições públicas. Foi um cientista e um técnico que tinha a capacidade de desempenhar funções variadas e complementares.

Talvez não tenha sofrido como os negros pobres e incultos sofrem. Mas com certeza fez da sua trajetória profissional uma prova cabal da capacidade e do lugar que os negros podem e devem ocupar num país de mestiços como o nosso. Como Sampaio poderíamos citar outros negros que tiveram importância similar à sua na construção do Brasil moderno, mas estão no limbo do esquecimento ainda, como os irmãos (Antônio¹²,

André¹³ e José¹⁴) Rebouças, também baianos, e Lima Barreto¹⁵, entre tantos outros.

Este aparente esquecimento não é por acaso. É uma construção social que passa pela negação da água potável, pela inexistência do tratamento dos esgotos, do transporte e da educação básica universal como um direito inalienável do cidadão. ■

¹³ **André Rebouças** (1838-1898): engenheiro, inventor e abolicionista brasileiro. Ele passou seus últimos seis anos trabalhando pelo desenvolvimento de alguns países africanos. Ao lado de Machado de Assis, Cruz e Souza, José do Patrocínio, André Rebouças foi um dos representantes da pequena classe média negra em ascensão no Segundo Reinado e uma das vozes mais importantes em prol da abolição da escravidão. Ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ao lado de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e outros. Participou também da Confederação Abolicionista e redigiu os estatutos da Associação Central Emancipadora. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ **José Rebouças**: irmão de Antônio e José, também engenheiro. (Nota da IHU On-Line)

¹⁵ **Afonso Henrique de Lima Barreto** (1881-1922): mais conhecido como Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro. Foi jornalista e escritor, publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século 20. A maior parte de sua obra foi redescoberta e publicada em livro após sua morte, por meio do esforço de Francisco de Assis Barbosa e outros pesquisadores, levando-o a ser considerado um dos mais importantes escritores brasileiros. Foi o crítico mais agudo da época da Primeira República no Brasil, rompendo com o nacionalismo unifista e pondo nu a roupação republicana que mantinha os privilégios de famílias aristocráticas e dos militares. Em sua obra, de temática social, privilegiou os pobres, os boêmios e os arruinhados, assim como a sátira que criticava de maneira sagaz e bem-humorada os vícios e corrupções da sociedade e da política. Foi severamente criticado por alguns escritores de seu tempo por seu estilo despojado e coloquial. Seu projeto literário era escrever uma "literatura militante", apropriando-se da expressão de Eça de Queirós. Para Lima Barreto, escrever tinha finalidade de criticar o mundo circundante para despertar alternativas renovadoras dos costumes e de práticas que, na sociedade, privilegiavam certas classes sociais, indivíduos e grupos. Entre suas principais obras, destacam-se *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e, postumamente, *Clara dos Anjos* (1948). (Nota da IHU On-Line)

Ouse pensar
o que ninguém pensou.
ihu.unisinos.br

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e morreu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Apontado por críticos e pesquisadores como o maior escritor brasileiro. Sua obra compreende diversos gêneros literários, incluindo romance, conto, poesia, crônica, dramaturgia, folhetim e crítica literária.

A escravatura no Brasil foi abolida formalmente em 1888, quando Machado já tinha quase 50 anos. Filho de mãe branca e pai negro, seus avós paternos eram alforriados. Também testemunhou a substituição do Império pela República. Foi grande comentador dos eventos político-sociais de sua época.

De família pobre, teve uma precária educação formal. Sua ascensão social resultou de seu intelecto superior, de sua intensa capa-

cidade produtiva e dos laços fraternos, sendo protegido inclusive do imperador dom Pedro II. Assumiu diversos cargos públicos e conquistou notoriedade nos jornais onde publicava poesias e crônicas. Em 1897, foi um dos fundadores e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

Machado de Assis é considerado o introdutor do Realismo no Brasil, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881. Seus outros romances são *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Casa velha* (1885), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908). Alcançou prestígio e notoriedade em vida, e sua importância e reconhecimento não pararam de crescer depois da sua morte, sendo tema de muitas pesquisas.



“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.”

A polêmica tentativa de embranquecer Machado de Assis

Luís Augusto Fischer aponta o processo de secundarização ou de escondimento da afrodescendência do escritor, que considera uma figura a ser resgatada pelo movimento negro

Vitor Necchi

Ao caracterizar o escritor Machado de Assis, o professor Luís Augusto Fischer é nada parcimonioso e afirma que se trata de “um caso realmente raro de um sujeito especialmente inteligente e ao mesmo tempo operoso, em cuja obra podemos encontrar um tanto da alma do país em sua época”, e que para o Brasil tem “o valor de um Shakespeare, de um Balzac, de um Cervantes, de um Camões, um Dante”.

Destacar este brilhantismo é oportuno quando, ao longo do tempo, são percebidas tentativas polêmicas de atenuar a inegável afrodescendência do escritor. Machado viveu quase meio século até a escravatura ser abolida no país. Filho de mãe branca e pai negro, seus avós paternos eram alforriados. “Etnicamente, pelos critérios de hoje, ele é evidentemente afrodescendente. Em vida, ele nunca se reivindicou assim, mas hoje é bem possível, estimo eu, que ele se pensasse assim”, afirma Fischer em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

O professor concorda que houve “um processo de secundarização ou de escondimento” da origem afrodescendente de Machado. Não lembra “de isso ser enfatizado na escola ou em leituras dele antes dos anos 1980 finais, quando o tema da negritude começou, timidamente, a requerer espaço no debate crítico”. Depois disso, não saiu mais do horizonte. Fischer aponta uma questão interessante: “Machado é um escritor de tal porte e vigor segundo as melhores réguas da tradição literária ocidental, que sua trajetória de crescente consagração de fato

prescinde desse aporte, por um lado, e por outro se fortalece quando esse aporte é considerado”.

A sutileza do tratamento de Machado para com a questão das pessoas escravizadas pode ter contribuído para que a militância negra não dirigisse a ele tributos similares aos rendidos a outras personalidades brasileiras afrodescendentes. Fischer lembra que isso, em parte, nasce já em Lima Barreto, “que considerava Machado um ausente, quase um convite com a exploração”. O resultado é que não apenas o movimento negro mais recente, mas também a esquerda, por muito tempo tratou o escritor como um colaboracionista. “Parece-me que agora o debate está mais maduro, e figuras do campo crítico do movimento negro [...] se empenham em mostrar que Machado era negro, discutir temas relativos a isso, enfim é uma figura a resgatar”, considera.

Luís Augusto Fischer é doutor, mestre e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, onde leciona. É autor de vários livros, entre eles *Inteligência com dor – Nelson Rodrigues ensaísta* (Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009), *Machado e Borges – e outros ensaios sobre Machado de Assis* (Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008) e *Dicionário de porto-alegrês* (Porto Alegre: L&PM Editores, 2000). Fez a edição anotada de *Contos gauchescos e Lendas do Sul* (Porto Alegre: L&PM Editores, 2012), de Simões Lopes Neto, e de *Antônio Chimango* (Caxias do Sul: Editora Belas Letras, 2016), de Amaro Juvenal.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual o espaço e a importância de Machado de Assis na cultura brasileira?

Luís Augusto Fischer – É um dos raros gênios brasileiros, com o acréscimo de que foi um impressio-

nante trabalhador braçal. Sua obra completa mais recente tem quatro volumes, cada qual com umas 1.500

páginas. São dez romances, mais de 200 contos, sei lá quantas crônicas, mais poesia, teatro, tradução, crítica, correspondência... Isso tudo na vida de um funcionário público exemplar, que trabalhou até pouco antes de sua morte. Isso tudo na vida de um cara que veio bem de baixo e encontrou caminho para ascender, em condições bem complicadas. Enfim, um caso realmente raro de um sujeito especialmente inteligente e ao mesmo tempo operoso, em cuja obra podemos encontrar um tanto da alma do país em sua época. Por essa conta, ele tem para o Brasil o valor de um Shakespeare, de um Balzac, de um Cervantes, de um Camões, um Dante. Uma sorte nossa ele ter existido!

IHU On-Line – Machado viveu de 1839 a 1908, e a escravatura no Brasil foi abolida formalmente em 1888. Filho de mãe branca e pai negro, seus avós paternos eram alforriados, em um país profundamente marcado pelo racismo. Há quem diga que ele era negro, há quem discorde. Ele era negro?

Luís Augusto Fischer – A pergunta atinge o coração da contingência, se eu puder usar essa velha palavra acadêmica. Um de seus amigos da maturidade, Joaquim Nabuco¹ – um abolicionista de convicções conservadoras em política –, declarou que considerava Machado branco. Etnicamente, pelos critérios de hoje, ele é evidentemente afrodescendente. Em vida, ele nunca se reivindicou assim, mas hoje é bem possível, estimo eu, que ele se pensasse assim. O problema é menos dele do que da complexidade dos problemas sociais, culturais e mesmo filosóficos envolvidos, dada a história da escra-

vidão, do tráfico negreiro e da vida dos afrodescendentes nesta parte do mundo chamada Brasil. E aqui temos um claro exemplo da importância de evitar anacronismos na hora de pensar e de julgar, quer dizer, de evitar ou ao menos manter sob controle essa tendência, compreensível, mas nefasta, de julgar tudo pela régua do presente, ainda mais, acrescento, num presente tão dilacerado como o nosso.

IHU On-Line – Que impacto a condição de negro teve em sua vida? Como ele se relacionava com a negritude?

Luís Augusto Fischer – Subjetivamente, imagino que teve grande peso. Mas de fato acho que, a partir da juventude, Machado encontrou um caminho social, feito de seu trabalho pessoal tanto em sua condição de funcionário quanto em sua prática literária, tal que sua negritude não atrapalhou. Ao menos é o que se pode deduzir de sua obra ficcional e de sua atividade intelectual. Machado de Assis faz parte de um grupo restrito, mas existente, de afrodescendentes que tiveram ascensão social nítida, combinada com um relativo apagamento ou alívio dos ônus sociais que a condição negra impunha e impõe. Pelo lado físico, as várias fotografias em que aparece mostram uma imagem bastante encontrável no mundo português e luso-brasileiro: pele trigueira, cabelos ondulados. Não sou especialista no tema, mas ele não ostentava, nessas fotos, nenhum dos estigmas associados ao negro, como a pele escura ou o cabelo carapinha. Mas seus contemporâneos e alguns dos críticos de sua longa trajetória póstuma o diziam explicitamente mestiço, mulato. Assim se pronunciaram figuras como Sílvio Romero² e Lúcia Miguel

Pereira³, críticos importantes entre os machadianos.

IHU On-Line – Ao longo do tempo, houve uma tentativa de embranquecimento de Machado de Assis. De que maneira e por quê?

Luís Augusto Fischer – Seria necessário definir esse embranquecimento. Se com o termo quisermos designar um processo de secundarização ou de escondimento de sua origem afrodescendente, concordo que houve algo. Não lembro de isso ser enfatizado na escola ou em leituras dele antes dos anos 1980 finais, quando o tema da negritude começou, timidamente, a requerer espaço no debate crítico. De então em diante, isso não saiu mais do horizonte. Mas não devemos esquecer que esse mesmo processo tem seu lado muito interessante: Machado é um escritor de tal porte e vigor segundo as melhores réguas da tradição literária ocidental, que sua trajetória de crescente consagração de fato prescinde desse aporte, por um lado, e por outro se fortalece quando esse aporte é considerado, a meu juízo.

IHU On-Line – Até hoje, negros padecem com os efeitos do racismo estrutural que vige no país. A situação era mais grave ao tempo de Machado. Naquela situação adversa, como ele conseguiu ascender social e culturalmente?

tura do Brasil e Cantos populares do Brasil, tendo realizado para este, em 1883, uma viagem a Lisboa a fim de publicá-lo. Em 1888, foi publicada *História da Literatura Brasileira* em dois volumes. (Nota da IHU On-Line)

³ Lúcia Miguel Pereira (1901-1959): foi uma influente crítica literária, biógrafa, ensaísta e tradutora brasileira da primeira metade do século 20, nascida em Barbacena - MG. Foi casada com o advogado e escritor Otávio Tarquínio de Sousa. Biógrafa de Machado de Assis e referência do ensaísmo feminino nas décadas de 1920 e 1930, ela recomendou à família que, em caso de sua morte, todos os seus escritos inéditos poderiam ser publicados somente com autorização do marido e, na falta deste, teriam de ser incinerados. Como ambos morreram juntos, no desastre aéreo de Ramos, ocorrido em 22 de dezembro de 1959, a família seguiu à risca as instruções e queimou todos os textos inéditos e cartas pessoais encontradas. Seus textos de crítica literária – reveladores de sua erudição e da aguda capacidade de percepção da arte e da vida – que circularam em jornais e publicações avulsas, foram reunidos na década de 1990 em dois volumes: *A leitora e seus personagens* e *Escritos da maturidade*, que resgatam suas colaborações, entre 1931 e 1959, para Boletim de Ariel, Revista do Brasil, Gazeta de Notícias, Correio da Manhã e O Estado de S. Paulo, entre outros periódicos. (Nota da IHU On-Line)

¹ Joaquim Nabuco [Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo] (1849-1910): político, diplomata, historiador, jurista, orador e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Na data de seu nascimento, 19 de agosto, comemora-se o Dia Nacional do Historiador. Foi um dos grandes diplomatas do Império do Brasil (1822-1889), além de orador, poeta e memorialista. Opôs-se de maneira veemente à escravidão, contra a qual lutou tanto por meio de suas atividades políticas quanto de seus escritos. Fez campanha contra a escravidão na Câmara dos Deputados em 1878 e fundou a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. (Nota da IHU On-Line)

² Sílvio Romero (1851-1914): advogado, jornalista, crítico literário, ensaísta, poeta, historiador, filósofo, cientista político, sociólogo, escritor, professor e político nascido em Sergipe. Foi um dos intelectuais que fundaram a Academia Brasileira de Letras – ABL, em 1897. Polemista, contribuiu de modo significativo para que a Escola do Recife – denominação que lhe deve ser atribuída – viesse a ser conhecida em todo o País. Autor de *Introdução à história da literatura brasileira* (1882), atualmente em edição de cinco volumes. Com o livro *Últimos harpejos* (1883), sua carreira de poeta se encerra. Como resultado de pesquisas sobre o folclore brasileiro, escreveu *O elemento popular na litera-*

Luís Augusto Fischer – Ele foi uma das exceções bem-sucedidas, que confirmam o clichê. Posso estimar a coisa, pelo que conheço do caso (sua biografia e sua obra), em alguns itens, que menciono sem ordem de importância: ele não carregava os estigmas físicos negativos associados à condição negra; ele era muito talentoso; ele era muito, mas muito trabalhador; ele validou sua obra (e, com isso, sua trajetória social) de modo muito paulatino, pondo o pé firme em cada degrau, em cada momento – por exemplo, na juventude tinha convicções democráticas iluministas, mas ao mesmo tempo bajulou dom Pedro II em poemas publicados; ele teve um casamento muito bem-sucedido e muito favorável para sua ascensão social – Carolina era portuguesa, branca, letrada (consta que foi com ela que ele aprendeu inglês e ganhou mais intimidade com a literatura inglesa, essencial para seu amadurecimento e seu desembarço formal), de família bemposta socialmente, com largo contato com gente letrada lá em Portugal; ele parece não ter mantido relações com seus parentes negros, ao longo da vida, ou, se manteve algum laço, ele não foi registrado, nem causou qualquer constrangimento social. São alguns dos elementos que se pode observar.

IHU On-Line – Há negros e negras cujas trajetória ou produção não receberam o tributo merecido ou foram reconhecidas tardiamente. Machado é uma exceção, já que deve ser o escritor brasileiro mais pesquisado?

Luís Augusto Fischer – É preciso considerar que, respondendo esta pergunta e a anterior ainda, ele foi um sujeito gregário, um homem de letras também no sentido de frequentar, promover, incentivar, inventar grupos, associações, reuniões de letRADOS, não apenas naquela bem-sucedida invenção da Academia Brasileira de Letras – de que ele foi fundador e declarado presidente perpétuo! –, mas

antes, desde sua juventude. Isso revela grande trato social, ligado diretamente à sua carreira literária. Antes de fazer 40 anos, antes de publicar sua obra mais madura (a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas e Papéis avulsos*), ele já era reconhecido como um dos grandes, ao lado do Alencar⁴, que é um sujeito que veio da elite letrada e política e tinha obra evidentemente consagrada antes de morrer (em 1877). Se compararmos esses aspectos com o que ocorreu com outros negros – pensemos em Lima Barreto⁵, um sujeito com condições sociais iniciais muito melhores do que as do Machado (o pai do Lima era letrado, por exemplo), mas com trajetória complicada, doente (pelo jeito era adicto da bebida) e com temperamento polêmico e confrontativo –, o caso de Machado de Assis é ainda mais nítido em sua excepcionalidade. Tudo isso considerado num cara cuja obra é evidentemente superior, não esquecer.

IHU On-Line – Que tratamento autor e obra receberam durante a vida e depois da morte dele?

⁴ **José de Alencar** (1829-1877): jornalista, político, advogado, orador, crítico, cronista, polemista, romancista e dramaturgo nascido no Ceará. Formou-se em Direito, iniciando-se na atividade literária no Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro. Foi o fundador do romance de temática nacional. Escreveu diversas obras, entre elas *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Senhora* (1875). Na carreira política, defendeu tenazmente a escravidão no Brasil, quando ministro da Justiça do segundo reinado. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Afonso Henrques de Lima Barreto** (1881-1922): mais conhecido como Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro. Foi jornalista e escritor, publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século 20. A maior parte de sua obra foi redescoberta e publicada em livro após sua morte, por meio do esforço de Francisco de Assis Barrosa e outros pesquisadores, levando-o a ser considerado um dos mais importantes escritores brasileiros. Foi o crítico mais agudo da época da Primeira República no Brasil, rompendo com o nacionalismo ufanista e pondo a nu a roupagem republicana que manteve os privilégios de famílias aristocráticas e dos militares. Em sua obra, de temática social, privilegiou os pobres, os boêmios e os arruinados, assim como a sátira que criticava de maneira sagaz e bem-humorada os vícios e corrupções da sociedade e da política. Foi severamente criticado por alguns escritores de seu tempo por seu estilo despojado e coloquial. Seu projeto literário era escrever uma "literatura militante", apropriando-se da expressão de Eça de Queirós. Para Lima Barreto, escrever tinha finalidade de criticar o mundo circundante para despertar alternativas renovadoras dos costumes e de práticas que, na sociedade, privilegiavam certas classes sociais, indivíduos e grupos. Entre suas principais obras, destacam-se *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e, postumamente, *Clara dos Anjos* (1948). (Nota da IHU On-Line)

Luís Augusto Fischer – Em vida foi reconhecido e consagrado, com apenas uma exceção relevante, Sílvio Romero, um crítico que xingou Machado em vida, mas foi por este acolhido na Academia de Letras (mais uma prova da urbanidade de seu temperamento, eis que Machado teria, imagino eu, poder de vetar nomes na formação do grupo dos 40 imortais). E os ataques de Romero eram vistos como exagerados e mesmo como ridículos pelos melhores. Depois de sua morte, não houve período em que ele não tenha sido elogiado, com variações apenas de ênfase. Nos anos 1910 e 20, logo após sua morte, em 1908, havia uma certa perplexidade por não ser fácil dizer por que ele era mesmo excelente. O que se dizia então, e mesmo na geração seguinte, se voltava mais para seu humor, sua fineza de trato literário, sua erudição, sua visão nihilista, seu europeísmo etc. Quer dizer, ele era elogiado – digo eu aqui de longe – por não ter escrito sobre o Brasil real e cru, da pobreza, da escravidão etc. Quer dizer: Machado era bom, na visão da maioria dos letRADOS brasileiros, porque dava para mostrar para as visitas, para ostentar como um cosmopolita nascido aqui.

Na altura do centenário de seu nascimento, em 1939, houve uma grande mobilização: a Academia cresceu muito como instituição, com apoio de Getúlio, e promoveu uma grande exposição sobre sua vida e obra, e houve uma enxurrada de publicações, de estudos, uma coisa realmente impressionante, se levarmos em conta que ainda não havia estudos superiores de literatura (mal começava a existir curso de Letras, mas apenas para formar professores de escola, não para pesquisa). Neste momento a obra e a vida de Machado ganharam um destaque novo. Um exemplo bom é sua primeira biografia, por Lúcia Miguel Pereira, uma prestigiada crítica literária brasileira do momento.

Aqui no estado, jovens intelectuais de grande futuro, como Augusto

Meyer⁶ e Moysés Vellinho⁷, publicaram estudos sobre ele. Apareceram as primeiras análises mais focadas nos méritos literários específicos, as primeiras comparações de sua obra com grandes europeus (Dostoiévski⁸ e Proust⁹). Mas seguia a ideia de que ele era um ausente dos temas brasileiros, como diz Sérgio Buarque de Holanda¹⁰ em passagem agora ridí-

6 Augusto Meyer (1902-1970): jornalista, ensaísta, poeta, memorialista e folclorista. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia. Colaborou com vários jornais do Rio Grande do Sul, entre eles Diário de Notícias e Correio do Povo. Seu primeiro livro publicado foi *A ilusão querida*, de poemas, em 1920. Outras obras que escreveu: *Coração verde, Girafas e Poemas de Búf*. Dirigiu a Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1937 para, a convite de Getúlio Vargas, organizar o Instituto Nacional do Livro. Esteve à frente da instituição durante cerca de 30 anos. Meyer integrou o modernismo gaúcho, introduzindo uma feição regionalista à poesia. Estudou a literatura e o folclore do Rio Grande do Sul nos livros *Guia do folclore gaúcho, Cancioneiro gaúcho e Seleta em prosa e verso*. Recebeu o Prêmio Filipe de Oliveira na categoria Memórias e o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra literária. (Nota da IHU On-Line)

7 Moysés Vellinho (1902-1980): poeta, historiador, ensaísta e crítico literário nascido em Santa Maria - RS. Na mocidade, assinava sempre sob o pseudônimo de Paulo Arinos. Um dos criadores da Fundação Eduardo Guimaraens, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Integrou o Conselho Federal de Cultura, no Rio de Janeiro, de 1967 a 1970. Membro da Academia Portuguesa de Cultura Internacional. Foi redator de *A Federação* e escreveu para o jornal *Correio do Povo*, ambos de Porto Alegre. Foi oficial de Gabinete do Ministério da Justiça, no Rio de Janeiro, em 1931, e do Ministério do Trabalho, depois deputado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, de 1935 a 1937. Dirigiu a revista *Província de São Pedro*, de Porto Alegre, de 1945 a 1957. Foi ministro do Tribunal de Contas do Estado. Vinculado à vertente lusitana da historiografia rio-grandense (junto com Aurélio Porto, Souza Docca e Othelo Rosa), dedicou-se a defender a origem e a evolução cultural luso-brasileira do Rio Grande do Sul. Estudou o gaúcho brasileiro e sua importância no estabelecimento das fronteiras nacionais. Distinguiu o gaúcho brasileiro do *gaúcho* platinense, atribuindo menor influência indígena e africana ao primeiro (distinção polêmica que gera a acusação de fazer apologia de supremacia étnica). Em seu ano de falecimento, 1980, foi homenageado como patrono da Feira do Livro de Porto Alegre. O Arquivo Histórico de Porto Alegre foi batizado Moysés Vellinho em sua homenagem. (Nota da IHU On-Line)

8 Fiódor Mikhaílovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destaca-se *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. Ao autor, a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <https://goo.gl/xzfwFD>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, na edição 288, de 6-4-2009, disponível em <https://goo.gl/VvqQSt>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 2-7-2007, disponível em <https://goo.gl/Uap1Sb>. (Nota da IHU On-Line)

9 Marcel Proust [Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust] (1871-1922): escritor francês célebre por sua obra *À la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido), publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. (Nota da IHU On-Line)

10 Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador, crítico literário e jornalista nascido em São Paulo - SP. Entre outros livros, escreveu *Raízes do Brasil* (1936). Obteve notoriedade por meio do conceito de "homem cordial", examinado nessa obra. A professora Eliane Fleck apresentou, no evento IHU Ideias, de 22-8-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e no dia 8-5-2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista à IHU On-Line, publicada

cula de *Raízes do Brasil*.

Na virada dos anos 1950 para os 60, há uma grande revolução, com leituras renovadoras pra valer, com a norte-americana Helen Caldwell¹¹ à frente: foi ela a primeira pessoa a evidenciar aquilo que até então era tomado como trivial ou nem era percebido, a saber, a parcialidade (intencional e de grande efeito crítico) dos narradores de sua obra madura. Foi ela que chamou a atenção para o fato de que não dava para acreditar total e francamente na visão de Bento Santiago, o narrador (e suposta vítima de traição) de *Dom Casmurro*.

Em seguida apareceu a obra de Roberto Schwarz¹², que promoveu

na edição nº 58, de 5-5-2003, disponível em <http://bit.ly/152MP1v>. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível em <https://goo.gl/RN3W57>, e a edição 498, de 28-11-2016, *Raízes do Brasil – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas*, disponível em <http://bit.ly/2nDmfdE>. (Nota da IHU On-Line)

11 Helen Caldwell (1904-1987): crítica, escritora e professora estadunidense com tendência brasiliiana, vinculada à Universidade da Califórnia. Foi precursora do movimento feminista nos Estados Unidos. Specializou-se na obra do brasileiro Machado de Assis, traduzindo para o inglês alguns de seus livros como *Helena*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó*, *Memorial de Aires*, além de um volume de contos machadianos. É profundamente reverenciada e lembrada por diversos tratados e escritores brasileiros, que enaltecem o seu trabalho. Otto Lara Resende afirmou: "A professora americana Helen Caldwell, que fez um trabalho muito interessante e importante sobre Machado de Assis nos anos 50. Ela não somente traduziu *Dom Casmurro*, mas também escreveu um livro com o título, apresentando uma explicação, uma análise do livro, que hoje, acho, é muito bem-aceito pelos críticos, mas naquela época era bastante inusitado". O grande mérito de Caldwell foi invertar a leitura que se costumava fazer da obra de Machado. Até a sua intervenção, imputava-se a culpa a Capitu; Caldwell, entretanto, pôs Bentinho no banco dos réus. Autora de *Machado de Assis: The Brazilian Master and His Novels* e *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, publicado no Brasil pela Edusp, com o título *O Otelô Brasileiro de Machado de Assis*. (Nota da IHU On-Line)

12 Roberto Schwarz (1938): nascido em Viena, na Áustria. Crítico de literatura e cultura, poeta e dramaturgo. Mudou-se para o Brasil com a família, de origem judaica, no inicio de 1939, quando a Áustria foi anexada pela Alemanha. Nos anos 1950, conviveu com o também emigrado Anatol Rosenfeld (1912-1973), que foi seu mentor literário e filosófico. Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP em 1960. Em 1958-1959, participou do Seminário Marx, que se organizou para estudar *O Capital*; o grupo era formado por José Arthur Giannotti, Fernando Novais, Paul Singer, Octavio Ianni, Ruth Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, Bento Prado Jr., Francisco Weffort, Michael Löwy e Gabriel Bolaffi. Nos Estados Unidos, pós-graduou-se na Universidade de Yale sob a orientação de René Wellek, concluindo o mestrado em 1963, ano em que retornou ao Brasil, tornando-se assistente de Antônio Cândido no Departamento de Teoria Literária da USP. Exiliando-se em Paris em 1969, quando a repressão política aumentou após o golpe de 1964, doutorou-se em Estudos Latino-Americanos pela Universidade de Paris III (Université Sorbonne Nouvelle III) sob orientação de Raymond Canevet em 1976. Sua tese, intitulada *Ao vencedor as batatas*, trata da obra de Machado de Assis. Quando retornou ao Brasil, em 1978, começou a lecionar literatura e teoria literária na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde se aposentou em 1992. Nesse período, sua atuação intelectual foi marcada por algumas polêmicas importantes, como a que travou com Augusto de Campos sobre o legado da poesia concreta. Alguns de seus mais significativos ensaios são publicados em língua inglesa em forma de livro e em importantes periódicos, como a New Left

outra revolução ao demonstrar a forma venenosa do ângulo de classe que Machado tinha dado a esses mesmos narradores, em particular Brás Cubas e o mesmo Bento Santiago. Com Schwarz, Machado passou a ser visto como o grande crítico da estrutura social brasileira, da escravidão e do favor. Mais recentemente, numa quarta geração de críticos, podemos encontrar uma enorme diversidade de enfoques nos estudos acadêmicos de sua obra, da psicanálise à sociologia, mas com uma forte presença de comparações com escritores de outras paragens – e Machado sempre sai muito bem dos confrontos.

IHU On-Line – Machado, reconhecido no Brasil como brilhante, não teve muita projeção no Exterior. Isso se deve ao fato de ele escrever em português, ser brasileiro ou ser negro?

Luís Augusto Fischer – Isso de ele não ter tido muita projeção precisa ser circunstanciado. Ele foi traduzido ainda em vida, mas sua dicção narrativa era realmente muito inovadora, de tal modo que suas melhores virtudes não apareceram imediatamente – ao contrário de nossos dias, quando ele está sendo traduzido e retraduzido, com grande impacto de leitura acadêmica e algum impacto de leitura geral. (Tenho uma tese sobre os motivos dessa trajetória torta, que expus em meu livro *Machado e Borges*¹³. Em suma, o que dele se traduziu em sua vida foi basicamente romance, gênero que estava em seu auge europeu, com os russos, os ingleses, os franceses do século 19; o romance machadiano era muito esquisito para aquele leitor da virada do século 19 e só teria parentes em

Review. Um dos últimos ensaios do crítico se ocupa, aliás, da repercussão internacional mais recente de Machado de Assis. Schwarz é uma das vozes mais incisivas do ensaísmo brasileiro. É autor de dois livros clássicos sobre Machado de Assis: *Ao vencedor as batatas* (São Paulo: Duas Cidades, 1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (São Paulo: Duas Cidades, 1990). Publicou também *Pássaro na gaveta* (São Paulo: Massaço Ohno, 1959), *A lata de lixo da história* (São Paulo: Paz e Terra, 1977; São Paulo: Companhia das Letras, 2014), *Os pobres na literatura brasileira* (São Paulo: Brasiliense, 1983), *A seriedade e o desconforto* (São Paulo: Paz e Terra, 1965), *Sequências brasileiras* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) e *Dois meninos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997). (Nota da IHU On-Line)

13 Machado e Borges – e outros ensaios sobre Machado de Assis (Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008). (Nota da IHU On-Line)

gente rara, como Henry James¹⁴, seu contemporâneo, e em gente posterior, como Proust, Virginia Woolf¹⁵, Conrad¹⁶ talvez. Por que não traduziram então seus contos? Esta é uma boa pergunta sobre o tema.) O fato de ter escrito em português é decisivo: nós somos nativos de uma língua que simplesmente não é lida fora do Brasil e de Portugal (e das ex-colônias portuguesas, relevantes é claro, mas de escassos leitores). Isso se agrava por ele ser brasileiro? Pode ser. Mas nada tem a ver com ele ser negro, creio, simplesmente porque esse tema não aparece nos primeiros planos de sua obra.

14 **Henry James** (1843-1916): escritor e crítico literário nascido em Nova York e naturalizado britânico em 1915, com a Primeira Guerra Mundial. Uma das principais figuras do realismo na literatura do século 19. Autor de alguns dos romances, contos e críticas literárias mais importantes da literatura de língua inglesa. Algumas de suas obras: *Roderick Hudson* (1876), *Os europeus* (1878, no original *The Europeans*), *Retrato de uma Senhora* (1881, no original *Portrait of a Lady*), *Os bostonianos* (1886, no original *The Bostonians*), *The Princess Casamassima* (1886), *Pelos olhos de Maisie* (1897, no original *What Maisie Knew*), *A outra volta do parafuso* (1898, no original *The Turn of the Screw*), *As asas da pomba* (1902, no original *The Wings of the Dove*), *Os Embaixadores* (1903). Além dos romances, relatos curtos e obras de teatro, deixou inúmeros ensaios sobre viagens, críticas literárias, cartas, e três obras autobiográficas. Os últimos anos da sua vida transcorreram em absoluto isolamento na sua casa, que só deixou em 1904 para regressar brevemente aos Estados Unidos depois de 20 anos de ausência. Morreu aos 72 anos, pouco depois de receber a Ordem do Mérito britânica. (Nota da IHU On-Line)

15 **Virginia Woolf** (1882-1941): escritora, ensaísta e editora inglesa nascida em Kensington. Conhecida como uma das maiores figuras do modernismo. Era integrante do Grupo de Bloomsbury, círculo de intelectuais que, após a Primeira Guerra Mundial, se posicionaram contra as tradições literárias, políticas e sociais da Era Vitoriana. Estreou na literatura em 1915 com o romance *A viagem*, que abriu o caminho para a sua carreira como escritora e uma série de obras notáveis. Seus trabalhos mais famosos incluem os romances *Mrs. Dalloway* (1925), *As Farol* (1927) e *Orlando* (1928), assim como o ensaio *Um teto todo seu* (1929), onde encontra-se a famosa citação "Uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo seu se ela quiser escrever ficção". Woolf apresentava crises de depressão. Em 1941, deixou um bilhete para seu marido, Leonard Woolf, e para a irmã, Vanessa Bell, despedindo-se das pessoas que mais amava na vida, e cometeu suicídio. (Nota da IHU On-Line)

16 **Joseph Conrad** (1857-1924): escritor britânico de origem polaca. Muitas das obras de Conrad centraram-se em marinheiros e no mar. Conrad foi educado na Polônia ocupada pela Rússia. O seu pai, um aristocrata empobrecido de Nałęcz, foi escritor e militante armado, sendo preso pelas suas atividades contra os ocupantes russos e condenado a trabalhos forçados na Sibéria. Pouco depois, a sua mãe morreu de tuberculose no exílio e, quatro anos depois, também o seu pai, apesar de ter sido autorizado a voltar a Cracóvia. Destas traumáticas experiências de infância durante a ocupação russa, é possível que Conrad derivasse temas contra o colonialismo como no romance *Heart of Darkness* (Coração das trevas). A sua última obra publicada em vida foi *The Rover* (1923), onde conta a história de Peryol, um pirata que decide reformar-se. Em 1878, depois de uma tentativa falhada de suicídio, passou a servir num barco britânico para evitar o serviço militar russo. Aos 21 anos tinha aprendido inglês, língua que mais tarde dominaria com excelência. Conseguiu, depois de várias tentativas, passar no exame de Capitão de barco e finalmente conseguiu a nacionalidade britânica em 1884. Pôs pela primeira vez o pé em Inglaterra no porto de Lowestoft, Suffolk, e viveu em Londres e posteriormente perto de Cantuária, Kent. O filósofo Bertrand Russell, que veio a conhecê-lo depois da sua chegada à Inglaterra, tinha verdadeiro fascínio pela sua obra, em especial por *Coração das trevas*. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Em sua obra, questões étnico-raciais são tratadas de que maneira?

Luís Augusto Fischer – São escassas as passagens relativas ao mundo afro-americano, assim como ao mundo dos ameríndios, que é mais presente. Estes são discutidos de modo inteligente em sua crítica, porque a voga da literatura indianista foi forte no Brasil, desde o século 18, e Machado mesmo, como poeta, frequentou o tema. Sua visão acerca dos indígenas brasileiros reais, quer dizer, as populações indígenas, era acanhada; em 1873, ele fala na "raça extinta", sugerindo que índios eram tema possível para a literatura, mas não faziam mais parte do mundo. Uma visão claramente distorcida pelo fato de Machado viver no Rio e nunca ter saído de sua cidade para além de uma centena de quilômetros (viajou a Barbacena e a Petrópolis, nada mais!). Já os afrodescendentes aparecem de modo esparsos em sua obra – algumas crônicas em que expressa um grande ceticismo não em relação à Abolição em si, mas em relação à fantasia de que ela representaria uma libertação social adequada, passagens breves nos romances e um pequeno conjunto de contos.

Ele conviveu com a escravidão até quase seus 50 anos, mas é preciso precisar isso: ele conviveu com escravizados urbanos, não aqueles do mundo rural, e conviveu com a peculiar estrutura social brasileira, que previa uma boa quantidade de modalidades de alforria, que relativizavam a contundência direta da escravidão pura e simples, assim como conviveu com a mestiçagem muito generalizada, e essas características são cada vez mais reconhecidas como peculiaridades brasileiras, mais ainda cariocas. Quero dizer com isso que Machado não pode ser pensado como um insensível que não teria se compadecido com escravos do eito, com escravizados apanhando etc., coisas ambas que ele raramente deve ter visto ao vivo. Ele precisou, penso eu, afinar muito sua percepção e sua linguagem para poder dar conta dessas teias invisíveis

da escravidão brasileira, que faz conviverem a brutalidade com a sujeira, a porrada com o favor. Então é preciso, enfim, ler em sua obra não apenas a presença direta de escravos submetidos a trabalhos físicos forçados, coisa que quase não há, mas sim o escravo doméstico, muitas vezes já mestiço, como aquele personagem paternal de *Iaiá Garcia*, Raimundo, escravo velho herdado por Luís Garcia, ou uma personagem como a Dona Plácida, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, não uma escrava, mas claramente uma mulher das classes subalternas, que se matava trabalhando para criar a filha e sustentar a mãe, até que ganha um emprego como gerente da casa em que Brás vai se encontrar com Virgílio, sua amante. Nesses personagens se pode ver claramente quão profundo e útil foi Machado na leitura da sociedade brasileira.

"[Machado] é um dos raros gênios brasileiros, com o acréscimo de que foi um impressionante trabalhador braçal"

IHU On-Line – O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* pode ser considerado a obra mais delicada no que se refere à temática da escravatura, por apresentar Prudêncio, um negro que, ao ser libertado, compra um escravo para si?

Luís Augusto Fischer – Este Prudêncio é um caso especial, como disse acima, porque ele, na infância do Brás, é escravo doméstico que

se submete aos caprichos de seu pequeno dono, e na maturidade, é visto na rua surrando um escravo que ele, Prudêncio, conseguira comprar. Ao colocar em cena essa figura, Machado olhava para um caso incômodo, em todos os níveis: um escravizado que conseguira não apenas se alforriar, não se sabe como (se por gentileza do dono, se por compra feita com dinheiro poupado por ele mesmo etc.), como ainda teve dinheiro para comprar para si um escravo. É uma cena perfeitamente dispensável para o enredo, mas acaba tendo destaque pela peculiaridade do caso. Outros romances aparecem também escravizados, mas sempre como personagens secundários, quase como mera paisagem social.

IHU On-Line – Machado era um intelectual crítico e consciente dos abismos sociais da sociedade brasileira e da situação precária do negro? Como isso se traduzia?

Luís Augusto Fischer – Parte da resposta está acima. Mas há uma outra: foi justamente Roberto Schwarz, seguindo os passos de Helen Caldwell, quem nos ensinou a prestar atenção, em Machado, não apenas aos enunciados, mas aos enunciadores, aos que têm a palavra, e assim observar com clareza os que observavam o Brasil pela maestria de Machado. Um canalha como Brás Cubas, por exemplo, no capítulo final de “seu” livro, diz que graças a Deus nunca precisou comprar o pão com o suor de seu rosto – e isso é toda uma interpretação do Brasil: é o trabalhador Machado, que nunca teve moleza na vida, botando na boca de um filho da elite rentista uma frase como essa, que está no texto desde que ele existe, é claro, mas que nunca antes tinha sido destacada, porque no mesmo capítulo final o que se salientava era o nihilismo machadiano, que pela voz de Brás dizia que nunca tinha tido filhos, logo nunca tinha transmitido a ninguém o legado

de nossa miséria. Aí está um bom exemplo da leitura da sociedade brasileira feita por Machado.

IHU On-Line – O fato de ser um burocrata do Estado, apadrinhado por personalidades influentes, entre eles o imperador dom Pedro II, poderia comprometer a expressão de críticas ao racismo e ao estado de coisas vigente. Isso explica o fato de ele assinar com pseudônimo as crônicas que criticavam a escravatura?

Luís Augusto Fischer – Os pseudônimos não existiam por motivos como este, de não querer assumir uma frase. Eles eram uma prática mais antiga, um drible elegante que a maioria dos cronistas usava, para despistar, para criar uma persona irônica longe do indivíduo etc. Mas sim, é possível concordar com a hipótese da pergunta, de que Machado não teria sido um crítico mais evidente, mais direto, mais claro, por conta de sua relativa proximidade do poder e, acrescentemos, por seu temperamento avesso a polêmicas, discreto, “low profile”. Machado era, me parece, um tipo inglês de temperamento e talvez mesmo de convicções ideológicas. Não foi um entusiasta da república porque, acho, não via com maus olhos a monarquia em si, desde que fosse constitucional e vivesse em paz com a liberdade de opinião e com um grau de relativa distribuição de renda. Em compensação, ele armou bombas literárias de efeito retardado que ainda hoje explodem!

IHU On-Line – Seria correto dizer que a militância negra não faz a Machado de Assis tributos similares aos dirigidos a outras personalidades brasileiras afrodescendentes? Por quê?

Luís Augusto Fischer – É isso mesmo. Em parte, essa ausência nasce já em Lima Barreto, que considerava Machado um ausente, qua-

se um conivente com a exploração. Tanto bastou para muita gente, não apenas do movimento negro mais recente, mas também da esquerda em geral, por muito tempo, tratar Machado como um colaboracionista. Parece-me que agora o debate está mais maduro, e figuras do campo crítico do movimento negro, como Eduardo de Assis Duarte¹⁷, se empenham em mostrar que Machado era negro, discutir temas relativos a isso, enfim é uma figura a resgatar.

IHU On-Line – Em 2011, em alusão aos seus 150 anos, a Caixa Econômica Federal veiculou na televisão uma propaganda em que Machado de Assis – que teria sido correntista do banco – era interpretado por um ator branco. O que esta caracterização indevida sugere?

Luís Augusto Fischer – Machado tinha caderneta de poupança na Caixa, e chega a mencionar a existência desse mecanismo financeiro em um conto seu. Essa história de terem escalado um autor digamos inequivocamente branco para representá-lo não é absurda, uma vez que Machado mesmo, como lembrei acima, se tinha na conta de branco, a ser verdadeiro o testemunho de Nabuco. Mas foi uma imprudência não ter pensando que nessa caracterização se perdia uma excelente chance de trazer essa ambiguidade, essa ambivalência à tona. De todo modo, o equívoco da escalação do ator revela muito de nossa relação ruim com o passado e o presente étnico brasileiro. ■

¹⁷ **Eduardo de Assis Duarte**: graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo - USP. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e na Universidade Federal Fluminense - UFF. Aposentado em 2005, mantém vínculo voluntário com a UFMG, atuando como professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Trabalha em especial com os seguintes temas: literatura e alteridade; literatura afro-brasileira; romance, história, sociedade; Machado de Assis; Jorge Amado. Coordena o grupo de pesquisa Afrodescendências na Literatura Brasileira (CNPq) e o Literato Portal da Literatura Afro-brasileira. Autor de *Machado de Assis afrodescendente – escritos de caramujo* (Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crísâlida, 2007) e de *Jorge Amado: Romance em tempo de utopia* (Rio de Janeiro: Record, 1996). (Nota da IHU On-Line)

Abdias Nascimento

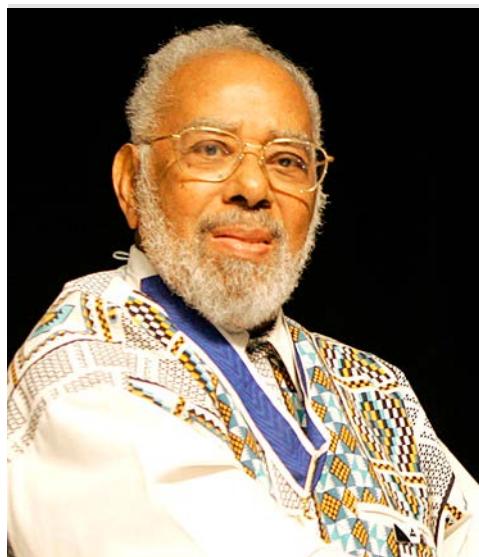
Em março de 1914 nasceu Abdias, filho de uma família de sete irmãos. aos 9 anos de idade começou a trabalhar para ajudar economicamente a família. Apesar de conciliar os trabalhos com os estudos e aprender contabilidade, Abdias foi vítima de racismo e demitiu-se. aos 16 anos adulterou a certidão de nascimento para alistar-se no Exército, em 1930.

Em 1936 deixou o Exército e São Paulo, mudando-se para o Morro da Mangueira no Rio de Janeiro e passando a integrar a Ação Integralista Brasileira – AIB, onde, segundo o próprio Abdias, passou a ter conhecimento sobre a cultura brasileira, arte, literatura e economia. Sua filiação ao grupo se encerrou no ano seguinte, 1937, justamente pelas correntes racistas que integravam o movimento. Com o convívio com importantes

protagonistas negros que viviam a cena carioca, Abdias passou a se confrontar ainda mais nos temas relacionados à negritude. Essa vivência, somada à formação acadêmica de Abdias na antiga Universidade do Brasil, foram sua base.

Fundou o Teatro Experimental Negro – TEN, e, nos anos 1960, perseguido devido à sua militância negra, foi morar no exterior, onde permaneceu durante 13 anos. Foi professor emérito na Universidade do Estado de Nova York, atuou como conferencista visitante na Escola de Artes Dramáticas da Universidade Yale e foi professor convidado da Universidade de Ife, em Ile Ife, Nigéria. Além disso, fundou o Museu da Arte Negra – MAN e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – Ipeafro.

59



“Nossa luta deve ser solidária, tolerante e aberta a todos os que combatem a discriminação e o racismo. Invariavelmente, encontramos companheiros brancos e negros nessa mesma batalha”

O incessante bom combate de Abdias Nascimento

Sandra Almada retoma a trajetória de um dos principais ativistas negros do Brasil no século XX que teve papel importante em diferentes frentes, das culturais às políticas formais

Ricardo Machado

Abdias Nascimento transformou a pobreza da infância em luta e a luta em forma de vida. “O professor Abdias, o senador Abdias, o dramaturgo Abdias, o poeta Abdias, o ator Abdias, o artista plástico Abdias insubordinava-se, insurgia-se, sempre combatendo o ‘bom combate’”, ressalta a jornalista Sandra Almada, biógrafa de Abdias, em entrevista por e-mail. O ímpeto do multifacetado ativista negro é estimulado desde a infância pela família de Abdias. “A mãe de Abdias ensinou a ele e aos seis irmãos a lutar contra as injustiças, dando a si mesma como exemplo. Lutava e resistia. Foi com estas armas que ela sobreviveria e deixaria para o filho Abdias a herança que o moveria durante toda a sua vida”, destaca.

Ao destacar a importância da obra de Abdias, Sandra chama atenção para aspectos estruturais de nossa cultura que perpetuam regimes de exclusão. “O racismo tem como uma de suas carac-

terísticas o desejo e a luta pela manutenção dos privilégios de um segmento da sociedade em relação a outros”, pondera Almada. “É um pessoal que advoga em favor de si mesmo, hasteando a bandeira da ‘meritocracia’ como caminho possível para ‘todos’ chegarem ao ‘topo’, omitindo, em seu discurso propositalmente ‘reducionista’, em que condições se dão as disputas por oportunidades no mercado de trabalho, de acesso à educação de qualidade, aos cuidados relacionados à saúde, o direito à segurança”, complementa.

Sandra Almada é jornalista, escritora, mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Realizou especialização em Jornalismo de Revista pela ECO/CNPq. Trabalha com produção de conteúdo para mídias impressas e digitais. É pesquisadora e assistente de roteirista para séries audiovisuais.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que maneira fazer memória a Abdias Nascimento é resgatar, de certa maneira, a memória dos negros do Brasil?

Sandra Almada – Abdias Nascimento nasceu numa família muito pobre, em 1914, no município de Franca, interior de São Paulo. Andava descalço, por aquelas regiões nas quais eram muitos os sinais, os “resquícios da escravidão”, como ele

dizia, extinta, legalmente, em 1888. Era filho de seu José e dona Georgina. A mãe percorria as fazendas locais, oferecendo seus serviços como doceira, ama de leite, cozinheira. Entre os homens e mulheres negros que ela via nessas fazendas, havia vários ex-escravos que, sem conseguirem se reinserir no sistema produtivo, em outras bases, continuavam por ali, estagnados, prisioneiros da falta de condições de se “reinventarem” como pessoas livres.

Hoje, muitos de nós, brasileiros, sabemos que a Abolição da Escravatura não veio seguida de políticas públicas que garantissem a reinserção econômico-social a esses homens e mulheres legalmente recém-libertos. A própria avó de Abdias havia sido escrava. Abdias viu, portanto, bem de perto o drama desta gente, a “escravaria” (e seus descendentes), como ele costumava se referir aos ex-cativos. E isso o marcou profundamente. Marcas compreensíveis

“Lutava e resistia. Foi com estas armas que ela sobreviveria e deixaria para o filho Abdias a herança que o moveria durante toda a sua vida”

para alguém que conviveu, desde muito cedo, com as vítimas de uma sociedade que se construía tendo o racismo como elemento “estruturante”. E nessa forma social assim estruturada, aqueles seus “irmãos” de raça ocupavam os lugares mais desvalorizados, amargavam imensa pobreza e sofriam das consequências psíquicas e emocionais ligadas à desvalorização social e aquela que nutriam em relação a si mesmos. Àquela época, muitos negros não suportavam esta cruel realidade. Abdias, por exemplo, perdeu uma irmã, que se suicidou. Acreditava ele que sua morte teve como motivo não aceitar o racismo, as discriminações. Ou seja, não aceitar viver submetida a todo aquele drama existencial, mesmo vivendo em liberdade.

A mãe de Abdias, por outro lado, ensinou a ele e aos seis irmãos a lutar contra as injustiças, dando a si mesma como exemplo. Lutava e resistia. Foi com estas armas que ela sobreviveria e deixaria para o filho Abdias a herança que o moveria durante toda a sua vida.

Biografia

Era o ano de 2009, quando fui convidada pelo professor Abdias Nascimento (e sua esposa Elisa Larkin), a escrever sua biografia e conhecer parte desta emocionante, rica e inspiradora história. Foi uma experiência muito marcante, uma honra imensa. O livro integraria a Coleção Retratos do Brasil Negro e chegaria ao mercado editorial, naquele mesmo ano, pelo Selo Negro (braço da Summus Editorial, voltado para um

mercado racialmente segmentado). E tenho certeza que muito da luta, da força, da aposta na superação de imensas dificuldades contidas naquelas páginas são comuns a muitos afro-brasileiros.

Quando dona Georgina ia de fazenda em fazenda, levava com ela os filhos, Abdias entre eles. Com isso, o menino aprendeu cedo a trabalhar e a combater a discriminação e as injustiças decorrentes do racismo. Como vários de nossos antepassados e muitos de nossos adultos e jovens contemporâneos, Abdias e suas memórias representam o esforço de uma parcela do povo brasileiro para superar uma série de dificuldades. Uma parte da sociedade do país que tem o combate contra as amarras impostas pelo racismo, como um dolorido e cotidiano “dado” adicional na luta de todos nós, pela sobrevivência. Pessoas que, como eu, se identificaram, se emocionaram, se fortaleceram e muito aprenderam no contato pessoal ou através da literatura produzida por este ou sobre este “gigante” e aguerrido irmão de “raça”.

Hoje, aumenta o número de negros, com a mesma origem social, que vêm protagonizando histórias de superação semelhantes. São responsáveis, como Abdias, por um fenômeno que alguns chamam de “protagonismo negro”, em várias áreas. Com as cotas raciais está sendo possível, para vários desses negros, conquistar um novo nível de escolarização e melhores possibilidades de qualificação profissional, o que permite com que partam para o mercado de trabalho

mais instrumentalizados. E acreditando naquilo que Abdias achava que um dia iria acontecer: que o negro brasileiro iria conseguir virar o jogo definitivamente.

IHU On-Line – Como, ao analisar a trajetória de Abdias, podemos perceber uma vida dedicada à militância política em favor das questões étnico-raciais no Brasil?

Sandra Almada – O professor Abdias, o senador Abdias, o dramaturgo Abdias, o poeta Abdias, o ator Abdias, o artista plástico Abdias insubordinava-se, insurgia-se, sempre combatendo o “bom combate”. Apostou na escolarização, na expressão de seus talentos artísticos e no ativismo político para construir um destino diferente daquele que via entre os seus, nas fazendas de Franca, quando menino. Era, entretanto, essencialmente um “homem político”, que lutava pela sua coletividade. Isto, de modo incansável. “Enquanto houver um descendente africano nessa situação de pobreza, miséria e opressão, eu me sinto atingido. Pois o racismo não é uma coisa pessoal, e sim coletiva. Essa situação, nos Estados Unidos, na África ou em qualquer parte do mundo, me preocupa e angustia como se fosse no Brasil”, me disse, certa vez, quando o entrevistava para sua biografia.

IHU On-Line – Certos setores da sociedade brasileira consideram a luta pela igualdade ét-

nica e racial como “vitimismo”. De que maneira a produção intelectual de Abdias nos ajuda a superar essa retórica reducionista e construir caminhos mais progressistas?

Sandra Almada – O racismo tem como uma de suas características o desejo e a luta pela manutenção dos privilégios de um segmento da sociedade em relação a outros. É este mesmo segmento que lança mão destes argumentos. É um pessoal que advoga em favor de si mesmo, hasteando a bandeira da “meritocracia” como caminho possível para “todos” chegarem ao “topo”, omitindo, em seu discurso propositalmente “reducionista”, em que condições se dão as disputas por oportunidades no mercado de trabalho, de acesso à educação de qualidade, aos cuidados relacionados à saúde, o direito à segurança etc. Ou seja, omitem o verdadeiro contexto social onde são díspares, ainda, as oportunidades e condições de mobilidade social oferecidas a negros e não-negros em nosso país.

É este mesmo segmento que se coloca contra medidas reparatórias, como as cotas raciais. No Brasil, assim como em várias outras nações, o olhar social para o ser humano negro (para o “Outro” fenotípicamente “diferente”) vem atrelado a juízo de valor. E este julgamento em relação à população negra a inferioriza, a estigmatiza, portanto, a discrimina. Frente a este quadro, podemos considerar intencionalmente “alienada” esta visão que caracteriza como “vitimismo” as demandas por igualdade de direitos dos afro-brasileiros. Acho repulsiva esta “leitura” do social.

O genocídio dos jovens negros foi amplamente denunciado por Abdias, já nos anos 1970/1980. E toda a sua obra – acadêmica, como dramaturgo, artista plástico – assim como sua prática política foram voltadas para se entender esta subcidadania, esta repulsa ao negro, por uma parcela, ainda bastante expressiva, da sociedade.

Em pleno século XXI, a Anistia Internacional informa que, dos 30 mil jovens vítimas de homicídio no Brasil, por ano, 77% são negros.

Toda a vida de Abdias foi dedicada à luta para reverter um quadro onde existem dados como estes, assustadoramente dramáticos. E só explicados como consequência das diferentes formas como se expressa o racismo, entre os quais o “racismo institucional” de nossas forças policiais. Abdias lutou para fazer ver e respeitar a contribuição e a riqueza civilizatória das sociedades, reinos, estados nacionais africanos de onde descendem estes jovens e tantos outros afro-brasileiros. Morreu, vendo mudanças em curso, para as quais lutou intensamente. Mas deixou um país onde ainda se matam jovens por causa de sua “raça”.

**“Abdias
insubordinava-
se, insurgia-
se, sempre
combatendo o
‘bom combate’”**

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Sandra Almada – Sim. Certa vez, a apresentadora de TV Hebe Camargo, entrevistando uma “convivida” negra, disse o seguinte, interrompendo abruptamente a fala da moça: “Vamos acabar com esse chororô”. Fiquei atônita com aquela frase!, com o tom em que foi dita. Um abuso inconcebível. A moça, chamada ao programa para opinar sobre o lugar do negro na nossa sociedade – assim como nós, os demais negros que sofrem na pele o racismo cotidiano e o combatem e o denunciam –, não abriu a boca para se “vitimizar”. Do palanque, dos púlpitos, dos palcos de teatro, com as letras de seus raps, com as imagens e diálogos de seus filmes, com as imagens de suas fotografias, entre outros canais e vias contra-hegemônicas, os negros vêm enunciando discursos semelhantes. E voltando ao personagem da biografia aqui comentada: defendendo,

por exemplo, como fez Abdias Nascimento, já nos anos 1950, medidas reparatórias para os negros na área educacional. Entre estas medidas conquistadas, as que ganharam mais repercussão (e muito protesto) na sociedade brasileira foram as cotas raciais na universidade.

Em 2012, os juízes do Supremo Tribunal Federal endossaram este grande esforço da militância negra, respondendo a uma ação do DEM contra as cotas na Universidade de Brasília - UnB. Aquele tribunal, na ocasião, considerou, por unanimidade, a política de reserva de vagas na universidade como “constitucional e necessária” para corrigir o histórico de discriminação racial no Brasil (vivido por negros e indígenas). O ato vem reverberando, apesar da resistência – fruto do racismo institucional de parcela das nossas elites acadêmicas.

Em 2017, a prova para o acesso ao Mestrado e ao Doutorado da Escola de Comunicação da UFRJ, onde eu me pós-graduei, inaugurou o sistema de cotas em seu processo seletivo. Reitero: não abrimos a boca para nos vitimarmos, somos vítimas de fato e a luta contra o racismo e as injustiças sociais vem avançando por conta dessas denúncias. Outra novidade, a meu ver, é que nosso “lugar de fala” vem sendo cada vez melhor ocupado. Os negros já não precisam de intermediários para fazer chegar ao espaço público suas demandas. Promovem seus próprios espetáculos, lançam livros, produzem filmes, ou seja, são autores de suas próprias “narrativas”, de novas “narrativas”. Seria bom que esse pessoal, adepto do velho e desgastado conceito de vitimismo, se atualize.

No mais, quero expressar meu mais sincero respeito e minha enorme satisfação ao ser convidada a participar desta edição da revista IHU On-Line e poder compartilhar com a comunidade acadêmica desta respeitada instituição um pouco do que penso sobre o Brasil da contemporaneidade pelo viés da luta negra. ■

André Rebouças

André Rebouças foi um homem à frente do seu tempo. Nascido em Cachoeira, no recôncavo baiano, em 1838, cresceu franzino tendo muitos problemas de saúde na infância. André é filho de Antônio Pereira Rebouças, eleito deputado pela Bahia, ao Parlamento Imperial e, também, conselheiro de Dom Pedro II. Franzino e raquítico passou os primeiros anos de vida quase sempre doente.

Na fase adulta, André Rebouças foi engenheiro e militar brasileiro, sendo responsável pelo planejamento da construção das docas da alfândega e da Gamboa no Rio de Janeiro. Serviu na Guerra do Paraguai, no acampamento do General Osório, em São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul. Além disso, projetou as docas do Mara-

nhão, de Cabedelo na Paraíba, do Recife e da Bahia. Construiu uma rede de abastecimento de água para o Rio de Janeiro.

Entre 1866 e 1871 trabalhou como engenheiro da alfândega. Em 1873, passa a trabalhar para empresa privadas e vai para Londres e Nova York. Tem dificuldade de conseguir hotel e conclui que é por causa da cor de sua pele. De volta ao Brasil, assume o cargo de professor na Escola Central. Com a Proclamação da República, Rebouças que sentia admiração e respeito por D. Pedro II, embarca para Europa junto com a família real. Em 1891, com a morte do Imperador, vai para a África. Muda-se para Funchal, na Ilha da Madeira, no ano seguinte, onde começa a dar aulas. Em 1898, morre ao se atirar de um penhasco na Ilha da Madeira. ■



“O que falta a este Império, como a todos países do mundo, é capital, é indústria, é trabalho, é instrução, é moralidade. Esse não-estar, que obriga a dizer – há falta de braços – significa realmente que o país está tão mal governado que não pode garantir trabalho e pão para os seus habitantes”

A busca por uma civilização mais igualitária e livre

Maria Alice de Carvalho mergulha na produção e na vida de André Rebouças, cujo pensamento progressista estava assentado na noção de “bem comum”

Ricardo Machado

André Rebouças é reconhecido, principalmente, pelo planejamento e execução de obras de infraestrutura, como, por exemplo, as relacionadas ao Plano de Abastecimento de Água na cidade do Rio de Janeiro, durante a seca de 1870, e a construção das Docas da Alfândega, onde permaneceu de 1866 a 1871. Apesar de seu protagonismo na segunda metade do século XIX, “André Rebouças ainda não é suficientemente conhecido pelo conjunto da sociedade brasileira, ainda não integra o nosso panteão de heróis nacionais. Mas o conhecimento da sua obra como engenheiro tem crescido e é provável que, nesse caminho, sua atividade como intelectual reformador seja recuperada”, pondera a professora e pesquisadora Maria Alice Rezende de Carvalho, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“André Rebouças e sua obra servem – e sempre servirão – aos propósitos de uma sociedade que tem a liberdade como principal anseio”, frisa Maria Alice, ao explicar que Rebouças defendia não somente o fim da escravidão, mas a garantia aos negros de acesso à terra, o que permitiria, finalmente, livrar

os escravos do senhorio. “A ideia do pequeno produtor organizado em cooperativas não visava solucionar questões econômicas, e sim deslocar a centralidade material e moral das grandes fazendas, em prol da organização de comunidades livres, assentadas sobre a noção de ‘bem comum’”, complementa.

Maria Alice Rezende de Carvalho é graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, mestra em História Social pela Universidade Estadual de Campinas e doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - Iuperj, onde trabalhou entre os anos de 1987 e 2007. Atualmente é professora do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A professora é autora e organizadora de diversas obras, das quais destacamos *O quinto século. André Rebouças e a construção do Brasil* (Rio de Janeiro: Revan, 1998), *República no Catete* (Rio de Janeiro: Museu da República/ Faperj, 2001) e *Imprensa e Cidade* (São Paulo: Editora Globo, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi André Rebouças e como ele se tornou um dos personagens centrais na construção do Brasil? Qual foi sua formação e profissão, além de intelectual importante?

Maria Alice Rezende de Carvalho – Os ancestrais de André

Rebouças foram muito pobres. Seus avós paternos foram Gaspar Pereira Rebouças, um português que veio ao Brasil para “tentar a vida” e se estabeleceu em Maragogipe, no Recôncavo Baiano, casado com Rita Brasília dos Santos, negra liberta, nascida em Salvador. O avô materno de André Rebouças era um modesto

comerciante pobre, com uma única filha: Carolina.

André Rebouças nasceu na cidade de Cachoeira, no dia 13 de janeiro de 1838, filho de Antônio Pereira Rebouças e de Carolina Pinto Rebouças. Em 1846, sua família migrou para o Rio de Janeiro e, em 1857, André se matriculou na Escola Mi-

“Rebouças foi dos mais ativos abolicionistas, engajado e disciplinado, pronto para qualquer tarefa que lhe coubesse”

litar, depois chamada Central e por fim Politécnica, situada no Largo de São Francisco, onde concluiu as disciplinas preparatórias e foi promovido a Segundo Tenente do Corpo de Engenheiros. Para a obtenção do título de Engenheiro Militar, complementou sua formação na Escola de Aplicação da Praia Vermelha, tendo obtido o grau almejado em dezembro de 1860.

André Rebouças e seu irmão Antônio, também engenheiro militar, se empenharam na estruturação de companhias privadas que pudessem captar recursos junto a particulares e a bancos nacionais e estrangeiros para a consecução de obras de modernização do país. As obras mais importantes de André Rebouças foram as ligadas ao Plano de Abastecimento de Água na Cidade do Rio de Janeiro durante a seca de 1870 e a construção das Docas da Alfândega, onde permaneceu de 1866 a 1871.

Foram muitos os projetos idealizados por André Rebouças na década de 1870, esbarrando em empecilhos de variada natureza. Convencido de que o desenvolvimento do país era estorvado por uma sociedade apática, composta por senhores de escravos corrompidos pela instituição da escravidão, se entregou com todas as suas forças à campanha abolicionista. Porém, a abolição da escravidão, em 1888, acirrou os ânimos dos grandes proprietários de terras, cuja indignação se associou ao temor de que o Imperador viesse a alterar a situação agrária do país, mediante uma política de taxação de propriedades improdutivas. O movimento

militar de 15 de novembro de 1889 proclamou a República e baniu a família imperial do território brasileiro. André Rebouças embarcou no mesmo navio, acreditando ser possível a articulação, na Europa, de uma reação monárquica.

Em suma, André Rebouças foi um engenheiro e um agente modernizador do Brasil no século 19; um dos mais ativos abolicionistas e formulador de propostas para a reorganização agrária do país, livre do monopólio da terra.

IHU On-Line – Como a proximidade de seu pai com dom Pedro II, de quem era conselheiro, ajudou-o a ter um certo protagonismo social em um Brasil escravocrata?

Maria Alice Rezende de Carvalho – Antônio Rebouças, o pai, era um autodidata, que obteve permissão para advogar na Bahia, e posteriormente em todo o Império. Ainda muito jovem foi secretário do Presidente da Província de Sergipe, membro do Conselho Provincial da Bahia, várias vezes Deputado na Assembleia Geral e participante de comissões de reforma judiciária. Portanto, era mesmo um homem de grande prestígio na Corte, por seus conhecimentos jurídicos e por sua defesa da “Causa da Justiça”. Como advogado do Conselho de Estado, esteve, ademais, muito próximo do Imperador, apoiando a monarquia e auxiliando a ação governamental do monarca. Por isso é possível que sua posição tenha aberto portas para o filho instruído e cheio de planos para

mudar o Brasil.

Mas André Rebouças tinha voo próprio. Tanto é assim que, embora seu pai fosse um liberal histórico, o “padrinho” político de André Rebouças foi o Visconde de Itaboraí, Joaquim José Rodrigues Torres¹, membro, à época, do Partido Conservador. O Visconde de Itaboraí foi presidente do Banco do Brasil em dois períodos, ministro da Fazenda, conselheiro de Estado e senador do Império do Brasil de 1844 a 1872. Tinha especial admiração pelo ímpeto e obstinação de André Rebouças quando se tratava de construir equipamentos necessários à modernização brasileira, como portos, túneis e estradas, chamando-o carinhosamente de “meu inglês”. Nesse sentido, pode-se dizer que a firmeza, o caráter e a obra de Rebouças deviam falar mais alto ou tão alto quanto o fato de ser filho de Antônio Rebouças.

IHU On-Line – De que maneira podemos entender a perspectiva política de André Rebouças, ao lado de Visconde de Taunay² (conservador) e Joa-

¹ Joaquim José Rodrigues Torres ou Visconde de Itaboraí (1802-1872): foi um jornalista e político brasileiro. Filiado ao Partido Liberal, fundou o jornal *Independente*, que teve curta duração. Iniciou na vida pública como ministro da Marinha, em 16 de julho de 1831. Foi também presidente do Banco do Brasil em dois períodos, ministro da Fazenda, conselheiro de Estado e senador do Império do Brasil de 1844 a 1872. Em 11 de dezembro de 1854 foi agraciado visconde, oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi contrário a lei do ventre livre antes de sua promulgação. (Nota da IHU On-Line)

² Alfredo Maria Adriano d'Escagnolle Taunay ou Visconde de Taunay (1843 -1899): foi um escritor, músico, professor, engenheiro militar, político, historiador e sociólogo brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira n.º 13. Também é o patrono da Cadeira n.º 17 da Academia Brasileira de Música. Alfredo Taunay nasceu no Rio de Janeiro, em uma família aristocrática de origem francesa. Inconformado

quim Nabuco³ (liberal), na luta abolicionista no final do século XIX?

Maria Alice Rezende de Carvalho – O movimento abolicionista foi um movimento irresistível para as populações urbanas brasileiras. Em todas as capitais de Províncias e nas maiores cidades do país foi crescente o sentimento de que era preciso abolir o trabalho compulsório, de que era preciso mudar. O movimento foi abraçado por intelectuais e políticos de diferentes orientações e compreendeu muitas estratégias como as conferências públicas, os debates, as manifestações de rua.

Rebouças foi dos mais ativos abolicionistas, engajado e disciplinado, pronto para qualquer tarefa que lhe coubesse, articulando nacionalmente o movimento que se tornava caudaloso. Mas compreendia que havia diferenças na adesão à causa, na intensidade e mesmo no entendimento do que deveria ser a mudança. E tais diferenças podiam ser percebidas em seus companheiros mais antigos, como Taunay, ou de aproximação mais recente, como Nabuco, mais jovem e membro de uma família de longa tradição parlamentar.

Taunay considerava que a abolição não poderia ser alimentada pelo sentimentalismo, pois isso levaria o Brasil à ruína. Considerava, pois, ser necessário estimular o movimento de imigração, a fim de que fosse substituída, progressivamente, a mão de obra escrava. Nabuco, diferentemente, lutava pela imediata liberalização dos escravos, deixando ao tempo a cura dos gran-

com a queda do Partido Conservador, Taunay retirou-se da vida política em 1878, deixando o país para estudar, durante dois anos, na Europa. Recebeu o título nobiliárquico de visconde de Taunay de D. Pedro II em 6 de setembro de 1889. Com a proclamação da República naquele mesmo ano, Taunay deixou a política para sempre. (Nota da IHU On-Line)

3 **Joaquim Nabuco** [Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo] (1849-1910): político, diplomata, historiador, jurista, orador e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Na data de seu nascimento, 19 de agosto, comemora-se o Dia Nacional do Historiador. Foi um dos grandes diplomatas do Império do Brasil (1822-1889), além de orador, poeta e memorialista. Opôs-se de maneira veemente à escravidão, contra a qual lutou tanto por meio de suas atividades políticas e quanto de seus escritos. Fez campanha contra a escravidão na Câmara dos Deputados em 1878 e fundou a Sociedade Anti-Escravidão Brasileira, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. (Nota da IHU On-Line)

des malefícios que a escravidão nos trouxera. Rebouças compartilhava com Taunay o diagnóstico de que a imigração poderia ser elemento de regeneração da vida brasileira, mas, assim como Nabuco, acreditava que o momento da libertação dos escravos havia chegado; era agora.

A especificidade de Rebouças, contudo, residia na grande ênfase que emprestava ao tema da liberação do acesso à terra por parte dos libertos. Sem isso, os trabalhadores rurais negros, uma vez libertados da escravidão, continuariam dependentes dos grandes senhores. Defendia a organização de cooperativas de pequenos produtores, a exemplo do que ocorria na América, e considerava que a abolição não poderia prescindir da reforma do regime de utilização das terras.

IHU On-Line – Como a ignorância sobre a produção intelectual de personagens como Rebouças se reflete, ainda hoje, na dificuldade de compreender e superar problemas estruturais presentes no Brasil?

Maria Alice Rezende de Carvalho – André Rebouças passou à história como um engenheiro do Império, responsável por obras de relevo, comparável tecnicamente aos melhores engenheiros europeus. Pouco se sabe, porém, sobre a sua atividade reflexiva, sobre seus textos, muitos deles manuscritos ainda inéditos. O fato é que Rebouças escreveu um livro, intitulado *“Agricultura Nacional: estudos econômicos, propaganda abolicionista e democrática”*, que veio à luz em 1883, no mesmo ano de publicação de *O Abolicionismo*⁴, de Joaquim Nabuco, cujo sucesso nublou todas as demais obras de problemática similar. De qualquer modo, Rebouças não era conhecido como intelectual e reformador social até aquele momento, e sim como homem de negócios bem-sucedido, como empresário de obras que se tornara rico com a sua atividade.

Contudo, o que deve ter contri-

buído, realmente, para esse apagamento da memória de Rebouças e do seu livro foi o fato de ele proclamar a reforma agrária como requisito indissociável da liberdade do homem do campo. Assim, *“Agricultura Nacional...”*, obra de divulgação dos principais argumentos de Rebouças em prol de uma “democratização rural no Brasil”, não foi assimilada como propaganda abolicionista e não contou com o entusiasmo da opinião urbana dedicada àquela causa. O movimento abolicionista, portanto, que integra nossas melhores avaliações sobre nós mesmos, brasileiros, se viu privado da ideia de reforma agrária.

IHU On-Line – Como André Rebouças se converteu em um dos demiurgos do nosso país e como ele ajuda a refletir sobre o pensamento brasileiro na segunda metade do século XIX?

Maria Alice Rezende de Carvalho – André Rebouças ainda não é suficientemente conhecido pelo conjunto da sociedade brasileira, ainda não integra o nosso pantheon de heróis nacionais. Mas o conhecimento da sua obra como engenheiro tem crescido e é provável que, nesse caminho, sua atividade como intelectual reformador seja recuperada.

É possível que sua singularidade no campo liberal tenha retardado sua assimilação pela historiografia. Em primeiro lugar porque, ao contrário da vertente dominante do liberalismo oitocentista, Rebouças se tornou progressivamente favorável à centralização monárquica, vendo nisso um antídoto ao despotismo local exercido pelos grandes proprietários de terra. Costumava dizer que, comparado às nossas classes senhoriais, D. Pedro II era “superiormente democrático”. Além disso, não defendia prioritariamente, como os liberais, a reforma política e sim a social, defendendo um programa forte, que combinava abolição da escravatura e democratização da propriedade da terra. Nabuco, por

4 São Paulo: Best Seller (Edição: De Bolso), 2010. (Nota da IHU On-Line)

exemplo, em relação a isso, distinguia a instituição da escravidão de suas “instituições auxiliares”, como o latifúndio, defendendo que elas tinham tempos distintos para a sua solução.

Creio que André Rebouças vem ganhando espaço no mundo acadêmico, e essa entrevista é prova disso.

IHU On-Line – Quais foram as circunstâncias que levaram Rebouças ao suicídio?

Maria Alice Rezende de Carvalho – André Rebouças se convenceu de que a República havia sido proclamada apenas na tarde de 15 de novembro, quando encontrou sua sala de aula ocupada por Silva Jardim⁵ e uma multidão de jovens exaltados. Mas não acreditou que aquela república duraria para sempre. Por isso acompanhou o deslocamento da Corte para Portugal, e nos dois anos seguintes permaneceu em Lisboa, criticando a república militar e escravocrata do Brasil e tentando articular a reação monárquica.

Porém, como se sabe, a restauração não ocorreu; a Constituição de 1891 era prova de que a República viera para ficar; e, por fim, a morte de D. Pedro II, sem deixar herdeiro à altura dos desafios entrevistados foram aspectos que sepultaram a crença de Rebouças em uma regeneração do Brasil. Ele ainda permaneceu algum tempo na Europa após o funeral do Imperador, seguindo para Luanda, com a ajuda de amigos portugueses, a fim de voltar a trabalhar como engenheiro, em um momento em que seu salário como professor no Brasil havia sido suspenso pelo governo republicano. Lá viveu até 1893, deslocando-se em seguida para a Ilha da Madeira, onde se suicidou em 1898, atirando-se de um penhasco.

Rebouças estava doente, pobre e em uma terra que não era a sua. Mas talvez o principal motivo para

o suicídio tenha sido a descrença em relação ao futuro do Brasil. Nos seus últimos anos de vida costumava dizer que o Brasil, como civilização, apodrecera, sem conhecer a plenitude. Porque, diante da possibilidade de se reinventar, de extrair o travo colonial do latifúndio, se recusara a fazê-lo.

“André Rebouças ainda não é suficientemente conhecido pelo conjunto da sociedade brasileira”

IHU On-Line – Qual a atualidade do pensamento de Rebouças no século XXI?

Maria Alice Rezende de Carvalho – André Rebouças e sua obra servem – e sempre servirão – aos propósitos de uma sociedade que tem a liberdade como principal anseio. A ideia do pequeno produtor organizado em cooperativas não visava solucionar questões econômicas, e sim deslocar a centralidade material e moral das grandes fazendas, em prol da organização de comunidades livres, assentadas sobre a noção de “bem comum”. Essa dimensão da autonomia e da solidariedade, em um mundo cada vez mais individualista e subalternizado é uma lição que não podemos desconhecer.

IHU On-Line – Certos setores da sociedade brasileira consideram a luta pela igualdade étnica e racial como “vitimismo”. De que maneira a produção intelectual de André Rebouças nos ajuda a superar essa retórica reducionista e

construir caminhos mais progressistas?

Maria Alice Rezende de Carvalho – A produção intelectual de André Rebouças possui tal potência que é impossível desconhecer que ela está voltada para a libertação dos brasileiros de todas as cores e etnias. Nós não somos livres, não seremos livres enquanto houver escravos entre nós. Trata-se de uma perspectiva, de uma visão de mundo, que pode ser abraçada por brasileiros de qualquer etnia. Rebouças tem poucas considerações sobre a sua condição de negro, pois sua obra é revolucionária, dirige-se a todos que se sentem tolhidos em sua liberdade. Mas ele conhecia a sua posição, pensou sobre ela, mencionou os momentos em que se sentiu discriminado nos hotéis norte-americanos ou em uma festa da Corte, sendo levado a dançar com a Princesa Isabel⁶. Ele conhecia, portanto, a problemática racial, mas não fez dela a sua prioridade. Seu tempo não era esse.

Porém, é louvável que, hoje, a luta por igualdade étnica reivindique a figura pública de André Rebouças. E não há nada de vitimismo nisso, como não houve vitimismo da parte de Rebouças, quando enfrentou suas derrotas particulares como engenheiro. Trazer Rebouças como símbolo de uma civilização igualitária e livre é o que poderia haver de mais promissor nas lutas sociais de nosso tempo.■

⁶ Princesa Isabel (1846-1921): apelidada de “a Redentora”, foi a segunda filha, a primeira menina, do imperador Pedro II do Brasil e sua esposa a imperatriz Teresa Cristina das Duas Sicílias. Como a herdeira presuntiva do Império do Brasil, ela recebeu o título de Princesa Imperial. A morte de seus dois irmãos homens a fez a herdeira de Pedro. A própria personalidade de Isabel a distanciou da política e de quaisquer confrontos com seu pai, ficando se isolada com uma vida calma e doméstica. Além disso, apesar da sua educação ter sido bem ampla, ela jamais foi preparada para assumir o trono. Isabel se casou em 1864 com o príncipe francês Gastão, Conde d’Eu, com quem teve três filhos: Pedro de Alcântara, Luís e Antônio. A princesa serviu três vezes como regente do império enquanto seu pai viajava pelo exterior. Isabel promoveu a abolição da escravidão durante sua terceira e última regência e acabou assinando a Lei Áurea em 1888. Apesar da ação ter se mostrado amplamente popular, houve forte oposição contra sua sucessão ao trono. O fato de ser mulher, seu forte catolicismo e casamento com um estrangeiro foram vistos como impedimentos contra ela, juntamente com a emancipação dos escravos, que gerou descontentamento entre ricos fazendeiros. A monarquia brasileira foi abolido em 1889 e ela e sua família foram exilados por um golpe militar. Isabel passou seus últimos trinta anos de vida vivendo calmamente na França. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Antônio da Silva Jardim (1860-1891): foi um advogado, jornalista e ativista político brasileiro, formado na Faculdade de Direito de São Paulo. Teve grande atuação nos movimentos abolicionista e republicano, particularmente no Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

Representatividade importa

Em uma escola pública de Porto Alegre, educadores buscam diminuir desigualdade a partir do debate sobre estética feminina

Lara Ely

Ainda falta um longo caminho a percorrer. Mesmo que nomes como os da atriz Taís Araújo, da pesquisadora Djamila Ribeiro ou da cantora Carol Konka tenham ocupado de forma decisiva espaços de poder e influência na sociedade atual, a identidade da mulher negra no Brasil ainda é associada, de forma leviana, a uma estética vulgar, de subempregos, com papéis hipersexualizados ou de menor relevância intelectual. É preciso mudar esse cenário.

Para tentar quebrar o ciclo da desigualdade e imprimir novas perspectivas de futuro a jovens negras de Porto Alegre, no RS, um grupo de professoras da Escola Estadual Idelfonso Gomes usa o apelo da estética para abordar temas como feminismo, questões raciais e diversidade. Com debates, produção de vídeos e ações de engajamento dentro e fora das redes sociais, elas querem dar voz a pessoas historicamente silenciadas pela opressão social, racial, midiática e de gênero, unindo discursos semelhantes para fazer ecoar o desejo de ter mais respeito e valorização.

Batizado de *Empoderadas do IG*, o grupo parte do cabelo para tratar questões mais profundas. A sacada foi da professora e educadora física Luciana Dornelles, idealizadora do grupo, ao perceber que as meninas que elogiavam seus crespos eram as mesmas que alisavam os próprios cachos. Luciana entendeu que o gesto representava uma forma de negação da própria identidade, mas vislumbrou uma oportunidade de aproximação para um diálogo propositivo.

Os encontros semanais ocorrem no turno inverso da escola ou até mesmo fora dela. Além do grupo de estudos, baseados em leituras prévias e discussões sobre temas da atualidade, elas

escolhem frases e colocam em cartazes, para lembrar que o óbvio precisa ser dito. As alunas trazem dizeres como “Meu cabelo é mais forte que teu racismo”, “Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho nos olhos haverá guerra”, “Somos as netas das negras que vocês não conseguiram matar”, “Menina, você pode ser o que você quiser”, “Black Power é dar poder aos negros que não tiverem o poder de determinar seu destino”, “Onde estão nossas heroínas negras?”, entre outros.

Recentemente, essa simbólica criação coletiva fez parte de uma exposição no Memorial do Rio Grande do Sul. Motivada pelas ações decorrentes da Lei Nacional 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, a exposição foi o cenário onde as empoderadas do IG encontraram a jornalista Carol Anchieta, um dos ícones desta luta. Feminista e ativista da causa, Carol tem sido mais do que uma referência na mídia – serve de inspiração para as alunas de Luciana. Com frequência, suas postagens em redes sociais são acompanhadas da hashtag #representatividadeimporta. Em pleno 2017, ainda falta uma justa e merecida distinção aos negros que exercem sua notabilidade no Brasil. E a construção das identidades individuais está diretamente relacionada aos produtos midiáticos que consumimos.

Foi pensado nisso que, após passar uma temporada morando no Rio de Janeiro, onde teve contato com mulheres unidas e combativas, Carol percebeu a necessidade de trazer o discurso inclusivo para dentro de sua atuação jornalística. Passou então a priorizar a produção de conteúdos que dão voz para quem tem menos espaço. A vontade de

levar às pessoas negras, e sobretudo às meninas, a ideia de que elas podem ir além, virou uma missão de vida.

Trabalhando na televisão, Carol também encontra na estética uma forma de enfrentamento. Entende que, por ser político, o corpo é a própria mensagem, e que seu cabelo é uma forma de resistência. “Todo o sistema é construído em cima do racismo, machismo, patriarcado, e todas as estatísticas sociais oprimem a mulher ne-

gra. Quero lembrar que, apesar disso, elas não devem se acovardar e precisam encontrar os caminhos”, reflete a jornalista. A escuta ativa e ampliação de oportunidades, inclusive no ambiente acadêmico, são formas de estreitar os mundos, apagar a distância excluente e ter a força política para mudar esse paradigma.

Confira a entrevista com Luciana Dornelles, a idealizadora do projeto.

IHU On-Line – O que te motivou a criar o projeto?

Luciana Dornelles – Quando comecei a trabalhar na escola pública, me estranhava a falta, ou até mesmo negação de identidade dos alunos. Poucos se declaravam negros, as meninas não usavam seus cabelos (crespos e cacheados) soltos. Mas quando elas me diziam que “odiavam” o cabelo... aquilo doeu. Me lembrei da minha infância na escola... e das tantas histórias cruéis que já ouvi minhas amigas negras contando que sofreram. O cabelo era tema diário nessas agressões. Entendi que precisava fazer alguma coisa, e vi no projeto a oportunidade de iniciar uma discussão a partir do tema “cabelo crespo”, trabalhando questões de respeito e diversidade, história e ancestralidade. E o resultado foi muito maior do que imaginei.

IHU On-Line – Empoderamento da mulher negra: qual o significado desta expressão?

Luciana Dornelles – Acho que a afirmação através da estética é um gesto político. Uma forma de dizer “nós existimos e estamos aqui, vamos continuar aqui”. Mas o empoderamento é muito maior que estética. É algo de dentro para fora. Você vai se conhecendo, conhecendo sua história e se dando valor, se amando, e assim vai tomando pra si o poder sobre a própria vida. Você se empo-

dera e começa a entender seu lugar, seu espaço, e passa a ter armas para lutar e também para se defender dos baques que o racismo causa na vida das mulheres negras todos os dias.

IHU On-Line – Que baques são estes? Fale das lutas da mulher negra nos dias atuais.

Luciana Dornelles – Começo essa resposta ressaltando que enquanto a taxa de homicídio contra mulheres brancas caiu 7,4% (o que é bom), a de mulheres negras aumentou em 22% no mesmo período. Isso me apavora. As mulheres negras ainda são as que têm menos acesso à escola, à saúde pública, ainda são as que recebem menos e também as que mais acabam tendo que criar seus filhos sozinhas. Não queremos hipersexualização, merecemos amor, exigimos respeito. Em tempos de somos todos iguais, eu ainda tenho que sugerir que minhas amigas com black prendam o cabelo para a entrevista de emprego, e isso me dói o coração. Nós ainda lutamos por voz e visibilidade. Lutamos por nós e pelos nossos.

IHU On-Line – Você acredita que, historicamente, faltam referências e inspirações, ou elas existem, mas não ganharam o destaque merecido?

Luciana Dornelles – Eu acredito que se essas grandes referências e

inspirações negras tivessem historicamente recebido o merecido destaque, teríamos muito mais talentos espalhados por aí. É muito difícil crescer em um país que quando fala do seu povo só fala em escravidão. Qual a criança que vai se orgulhar de ser negra se na escola só se fala do negro escravo... nem escravizado se fala, usam escravo para exatamente tirar toda a humanidade dos nossos reis, rainhas, médicos, professores, mães, pais que foram trazidos escravizados para o Brasil sendo obrigados a negar sua cultura, língua, religião... sua identidade. Eu queria, na escola, ter ouvido falar de Dandara, Aqualtune, Tereza de Benguela, da Cleópatra em seu real contexto e até mesmo de Jesus, que sabemos ser bem diferente dessa pintura de olhos e pele clara que nos vendem. Com certeza teria sido diferente a minha infância e de muitas outras crianças negras brasileiras.

IHU On-Line – Teve alguma leitura que te inspirou para fazer esse projeto?

Luciana Dornelles – Eu gosto muito de ler, mas se existe um livro que me inspirou para o projeto foi o livro “Um defeito de cor”, da Ana Maria Gonçalves. Esse livro é uma relíquia para o povo negro, pois ele nada mais é do que o diário de uma africana, que foi escravizada e trazida para o Brasil e vendida como escrava de companhia para uma si-

nhazinha. E toda a sua história toma outros rumos quando ela aprende a ler e a escrever. É um livro incrível, de uma narrativa forte e ao mesmo tempo delicada! 8 décadas de história que nos mostram um Brasil que nunca nos foi contado, uma "Independência" vista por outro lado. É demais! Vale muito a pena! Utilizamos muito também Angela Davis e Chimamanda Ngozi Adichie. São leituras que estão sempre presentes.

IHU On-Line – Por que representatividade importa?

Luciana Dornelles – Difícil responder por que representatividade importa, mas em um país

com 54% da população negra, se olharmos em volta podemos nos questionar... onde estão as pessoas negras? As pessoas até hoje se surpreendem ao encontrar um negro psicólogo, engenheiro, arquiteto, advogado, médico... entre tantas outras profissões. Existe um senso comum que diz que o negro vai estar sempre em trabalhos subalternos, olhamos a TV e vemos o negro sempre representado como o ladrão, o traficante, o mordomo ou a empregada. É perceptível no olhar da criança quando ela se vê representada. Quando ela vê um igual ocupando um espaço que dizem todos os dias que ela não vai ocupar. Por isso a importância das

referências, para nossas crianças crescerem sabendo que elas podem ser o que quiserem. E não o que a sociedade condiciona que elas devem ser. Referência é tudo. Eu graças a Deus cresci ao lado de mulheres incríveis na minha família, foi o que me salvou em meio à invisibilidade do negro no meio midiático. Hoje tenho o projeto como um meio de tornar as crianças da escola suas próprias referências, é lindo ver os olhinhos brilhando quando essas crianças identificam em uma colega, também de escola pública, uma pessoa linda, empoderada, que dá valor ao estudo e que exalta a cultura negra. Referência é tudo na vida das nossas crianças. ■

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br



Desativar o dispositivo do dever-ser e poder a própria impotência

Síntese de conceitos anteriores e análise das noções de “ação”, “culpa” e “gesto” são apresentadas em Karman; potência destituínte está no centro do projeto filosófico agambeniano

Márcia Junges

Experimento de contingência absoluta inspirado na filosofia aristotélica, poder a própria impotência é, para Agamben, desativar aqueles dispositivos aos quais estamos submetidos e poder não passar ao ato. A força que brota dessa imprevisibilidade é a tradução do gesto, terceiro modo da atividade humana, um meio puro que neutraliza essa obra e desvela a possibilidade de novos usos possíveis, escreve o filósofo italiano no livro lançado em agosto deste ano na Europa.

Márcia Junges é mestra e doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. De março a agosto de 2007 realizou um período de doutorado sanduíche (PDSE-Capes) em cotutela com a Università degli Studi di Padova – UNIPD, na Itália. Sua tese examina a crítica de Nietzsche e Agamben à democracia, tendo como eixo articulador as diferentes concepções de potência para esses pensadores e as (im)possibilidades que se descontam para esse sistema político, respectivamente. É professora tutora na Unisinos.

Eis o artigo.

71

Uma crítica do primado dos conceitos de ação e vontade. Essa é a articulação central da obra lançada em agosto por Giorgio Agamben¹ na Itália, *Karman. Breve trattato sull'azione, la colpa e il gesto* (Torino: Bollati Boringhieri, 2017). Em entrevista à ensaísta italiana Chiara Valerio², o filósofo diz que comumente o fim é pensado em termos transcendentais, e por isso o bem está

1 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A língua e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 4-9-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-9-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <https://goo.gl/zZRChp>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Em 30-6-16, o professor Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência *Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo*, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-3-2016 a 22-6-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas*, que resultou na publicação da edição 241^a dos **Cadernos IHU Ideias**, intitulado *O poder pastoral, as artes do governo e o estado moderno*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy0757>. Em 23 e 24-5-2017, o IHU realizou o VI Colóquio Internacional IHU – Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo* (São Paulo: Boitempo, 2011. Tradução de: *Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo*. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hCAore>. Confira, ainda, a edição 505 da revista **IHU On-Line**, de 22-5-2017, intitulada *Giorgio Agamben e a impossibilidade de salvação da modernidade e da política moderna*, disponível em <http://bit.ly/2yWg6kf>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 A entrevista foi traduzida ao português por Vinícius Nicastro Honesko e publicada em seu blog **Flanagens**, disponível em <http://flanagens.blogspot.com.br/2017/09/o-verdadeiro-karma-do-ocidente.html>, sob o título *O verdadeiro karma do Ocidente*. (Nota da **IHU On-Line**)

separado do homem. A ideia é “substituir o paradigma da ação que se dirige a um fim por aquele do gesto que se subtrai a toda finalidade.”³ Esse fim é aquilo que não é almejado, determinado enquanto tal, como um *telos* ao qual está ligado.

Trata-se de uma discussão recorrente em Agamben, que em outros escritos insiste sobre o caráter inoperoso do ser humano, inspirado na filosofia aristotélica, e que culmina com as ideias sistematizadas em *O uso dos corpos* e agora retomadas em *Karman*. Isso quer dizer que o ser humano é o único ser *sem obra*, ou seja, que não está determinado a seguir sua natureza de espécie e nem está obrigado a um fazer que o legitime. Entretanto, o homem se debruçou na produção e no trabalho como horizontes existenciais legitimadores pois, mesmo sendo a única criatura *sem argos*, privado de obra em sua essência e assim um animal sabático, vive em um paradigma de ação na forma do *officium*, a coincidência moderna entre dever e ofício, representada por figuras como o funcionário e o burocrata, aqueles que incorporam funções que se confundem com seu próprio ser.

O que **Karman** tenta propor é justamente desativar o dispositivo “monstruoso” que fundamenta a ética kantiana, alicerçada nos pilares dos verbos modais **dever, poder** e **querer**. O processo de santificação da lei que terá sua culminância justamente na Modernidade com Kant⁴ torna o “imperativo legal o vértice da vida espiritual dos homens.”⁵ Enquanto o Ocidente inteiro está submetido às três perguntas cruciais do filósofo de Königsberg, Agamben se esforça em propor uma virada fora da equação do dever-ser. A partir disso, o cerne da discussão se concentra em poder a própria impotência, experimento de contingência absoluta ao qual se abrem perspectivas de construções de outras formas de política e vida.

A força do ingovernável

72

Agamben insiste na abertura de uma janela aristotélica a fim de construir linhas de fuga e ruptura. Nesse interesse por uma metafísica da potência está exatamente a ideia de que a potência do ser humano, a imprevisibilidade, compreende poder a sua própria impotência. Para isso, é preciso abandonar a lógica do progresso e fim de história como se estes fossem fatos inexoráveis. Agamben quer resgatar na política a possibilidade da ruptura, motivo pelo qual dá centralidade à categoria de potência destituinte, que revoga quaisquer tipos de captura da política através do dispositivo da representatividade clássica da soberania nos modelos que têm construído a tradição política há séculos e hoje compõem a democracia. Com isso, ao articular severas críticas a esse sistema político, Agamben nos desafia a pensar uma política inclassificável dentro de nossos atuais parâmetros. A política-que-vem, dos meios puros, é aquela que se confronta com o poder constituinte e o corrói desde o seu cerne: é uma forma-de-vida, um qualquer singular. É justamente dessa imprevisibilidade que brota a força do ingovernável, do elemento que é puramente potência e, ao mesmo tempo, inoperosidade.

Enquanto o homem antigo *podia* sob um claro primado da potência, o homem moderno e cristão *quer* sob um primado da vontade. E é justamente a vontade o lugar onde repousa o “conceito de ação legalmente sancionável (o *crimen-karman*) sem o qual a ética e a política moderna se arruinariam”⁶. Produtor de uma violência lícita, o direito promove uma justificação desta violência, e através da sanção produz o crime⁷. Porém, adverte Agamben, não se trata “de fundar na vontade do sujeito a responsabilidade, mas de constatá-la objetivamente, segundo o grau

3 O verdadeiro karma do Ocidente. Disponível em <http://flanagens.blogspot.com.br/2017/09/o-verdadeiro-karma-do-ocidente.html>, acesso em 10-9-2017. (Nota da autora)

4 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuom02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista *IHU On-Line*, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da IHU On-Line)

5 AGAMBEN, Giorgio. *Karman. Breve trattato sull'azione, la colpa e il gesto*. Torino: Bollati Boringhieri, 2017, p. 36. Tradução nossa. (Nota da autora)

6 O verdadeiro karma do Ocidente. Disponível em <http://flanagens.blogspot.com.br/2017/09/o-verdadeiro-karma-do-ocidente.html>, acesso em 10-9-2017. (Nota da autora)

7 AGAMBEN, 2017, p. 41.

diverso de possibilidade de suas ações.⁸ Ao mencionar que o próprio Paulo de Tarso⁹ percebe o nexo entre lei e pecado, e o Messias é a figura que concentra a lei em si mesma, Agamben traz à tona a estratégia destituinte frente à lei. Trata-se do *katargeín*, palavra cujo significado é “tornar inoperante”, ou ainda “desativar”. É a forma como tensiona a lei e o Messias ao viver “como se não”, depondo sem abdicar: uma forma-de-vida, que coincide justamente com a inoperosidade e a potência-do-não. Essa é a tradução do gesto, que é o terceiro modo da atividade humana, um meio puro que neutraliza essa obra e desvela a possibilidade de novos usos possíveis, de “uma política dos meios puros”¹⁰.■

8 Ibid., p. 55

9 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epistolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos *Cadernos Teologia Pública*, *São Paulo contra as mulheres? Afirmiação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

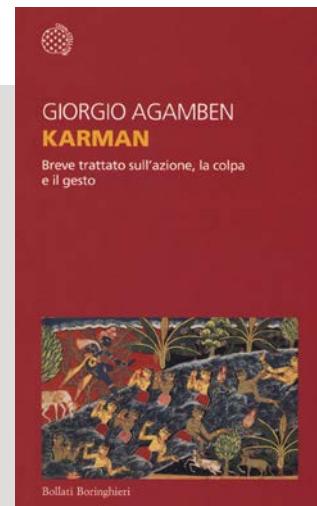
10 AGAMBEN, 2017, p. 139.

Ficha técnica

Autor: AGAMBEN, Giorgio.

Título: Karman. Breve trattato sull'azione, la colpa e il gesto.

Referência: Torino: Bollati Boringhieri, 2017.



73

Leia mais

- **A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben.** Cadernos IHU Ideias, nº 210, vol. 12, 2014, disponível em <http://bit.ly/2pTa6r3>

- **Um poder que se alimenta da glória.** Revista IHU On-Line, número 505, de 22-5-2017, disponível em <http://bit.ly/2z3mtD0>



A frágil posição de um país baseado em economia comodificada

Bruno Lima Rocha

“Não há desenvolvimento autônomo e com soberania popular se o território físico ficar subordinado às cadeias de valor comodificadas, dominadas globalmente por 16 empresas de intermediação. Pela lógica da soberania deveríamos simplesmente seguir o caminho inverso, em todos os sentidos: preservar os biomas para, a partir destes, transformar saber popular em produção científica de escala”, escreve Bruno Lima Rocha.

Bruno Lima Rocha é professor de relações internacionais da Unisinos e doutor em ciência política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Eis o artigo.

74

Quando observamos a posição do Brasil no Sistema Internacional - SI, levando em conta o grau de coesão interna (tanto na soberania nacional como na ainda mais deficiente soberania popular) e nossos potenciais concretos, nos vemos em uma situação dúbia. Por um lado, qualquer raciocínio minimamente correto – sob diversos pontos de vista ideológicos – projetará o país como um dos poucos que tem saída minimamente autônoma no planeta. Por outro, ao interpretar realisticamente o consenso conservador imposto pelo arranjo de dominação interna, vemos o quanto distante estamos desta potencialidade.

Nunca é demais reafirmar. O governo deposto de Dilma Rousseff (2015-2016) não estava sequer inclinado mais à esquerda, logo, não houve nem uma maior tensão social interna – no sentido da luta direta ou no protagonismo de classe – e tampouco alguma manobra de envergadura anti-imperialista. Tal e qual ocorreu em 1954 e com maior grau em 1964, apenas as possibilidades de desenvolvimento capitalista com certo grau de autonomia decisória já foram suficientes para elevar a temperatura doméstica através de uma típica “revolução colorida” do século XXI. Se em Guerra Fria as saídas nacionalistas do varguismo em suas duas últimas etapas motivaram a uma possível intervenção no país, ao fim da Bipolaridade e no período de hegemonia dos EUA com algum nível de ameaça(s), o uso da Lawfare bastou para garantir a vitória através de grotesca manipulação de massas com indignação seletiva.

Nosso desenvolvimento interrompido vem de antes, através do reforço da economia comodificada, aumentando tanto o peso das cadeias primárias e extrativistas no Brasil, como a entrada de insumos tecnológicos na produção agroexportadora. Esta fragilidade não foi rompida no período lulista (2003-2016), mas sim acentuada. A complexidade da dependência se dá na venda casada e pagamento de royalties tecnológicos, e também na manipulação de preços das commodities não apenas na determinação de preços por países compradores, mas pelos estoques dos gigantes da intermediação e os contratos futuros negociados na roleta financeira.

O economista Ladislau Dowbor, no livro *A Era do Capital Improdutivo* (São Paulo: Outras Palavras/Autonomia Literária, 2017) explica esse fenômeno de forma didática (citações em itálico). Basta uma página (a 189) para desmontar todo um universo de mistificações repetidas à exaustão nos chamados “mercado de notícias econômicas”. Vejamos:

Ainda que se trate de bens físicos como minério de ferro ou soja, o fato é que no plano internacional as variações são diretamente ligadas às atividades financeiras modernas. Não há razões significativas em termos de

“Somente um pensamento neocolonizado pode ver com bons olhos o alinhamento de preços manipulados por especuladores de mercados futuros.”

volumes de produção e de consumo mundial que justifiquem as enormes variações de preços de commodities no mercado internacional.

Assim, toda a dimensão do avanço da fronteira agrícola ou mesmo a extração de petróleo sem expansão da capacidade integrada no refino de ponta, termina aumentando a fragilidade do país, mesmo batendo recordes anuais na produção e venda de grãos e minérios em forma bruta. É conta de chegada, quanto maior a complexidade nos produtos, menos expostas ficam estas cadeias diante da especulação dos gigantes intermediários. O inverso é assustadoramente verdadeiro.

Os volumes de produção e consumo de petróleo, por exemplo, situam-se em torno de 95-100 milhões de barris por dia, com muito poucas alterações. Mas as movimentações diárias de trocas especulativas sobre o petróleo ultrapassam três bilhões de barris, cerca de 30 vezes mais. São estas movimentações especulativas que permitem entender que com um fluxo estável do produto real que é petróleo oscile tanto em poucos meses.

Enquanto o consenso liberal neoliberista elogia a “atuação profissional” da atual diretoria da Petrobras (após abril de 2016) por balizar o preço dos combustíveis de acordo com o “mercado internacional”, a evidência da manipulação de preços em nível mundial é gritante, passa pela capacidade especulativa dos operadores logísticos (focando em transportes e estoques) e das atuais seis irmãs transnacionais do petróleo listadas abaixo. Ainda segundo Dowbor:

O que movimenta os preços neste caso não é a economia chinesa, ou uma decisão da Arábia Saudita ou ainda a entrada do Irã de volta ao mercado, mas sim a expectativa de ganhos especulativos dos traders, hoje 16 grupos que controlam o comércio mundial de commodities. Estes grupos, concentrados em Genebra, alimentam o mercado de derivativos, que hoje é da ordem de 500 trilhões de dólares, para um PIB mundial de 80 trilhões de dólares (p.189).

Mas quais são estes conglomerados que conseguem manipular preços e jogar contratos futuros empacotados em derivativos? Segundo o Business Insider e o ranking da Singapore Management University (ver <http://bit.ly/2j6WJPk>), as gigantes da intermediação de commodities no planeta são, em ordem decrescente: Vitol (Singapura); Glencore (Suíça); Cargill (EUA); Koch Industries (EUA); ADM/Decatur (EUA); Gunvor Group (Suíça/Singapura); Trafigura (Suíça); Mercuria (Suíça); Noble Group (Hong Kong); Louis Dreyfus (França); Bunge (EUA); Wilmar (Singapura); Arcadia (Inglaterra); Mabanaft (Holanda); Olam (Holanda) e Hin Leong (Singapura).

Já as maiores empresas petrolíferas em escala mundo, no ano de 2017, também expostas aqui em ordem decrescente, são: BP (Inglaterra); Shell (Anglo-Holandesa); ExxonMobil (EUA); Chevron (EUA); Total (França) e Eni (Itália). Como estas marcas também operam na distribuição – do poço à bomba como diz o setor – tornam-se mais conhecidas, facilitando a evidência, com um agravante. As TNCs do petróleo acima listadas são todas influenciadoras diretas dos tomadores de decisões de países membros da OTAN, incluindo as mais poderosas marinhas do planeta.

O Brasil, assim como os demais países de economia comodificada, ao estar sob esta integração forçada, perde espaços de manobras, soberania e autodeterminação.■

Expediente

Coordenador do curso de Relações Internacionais da Unisinos: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

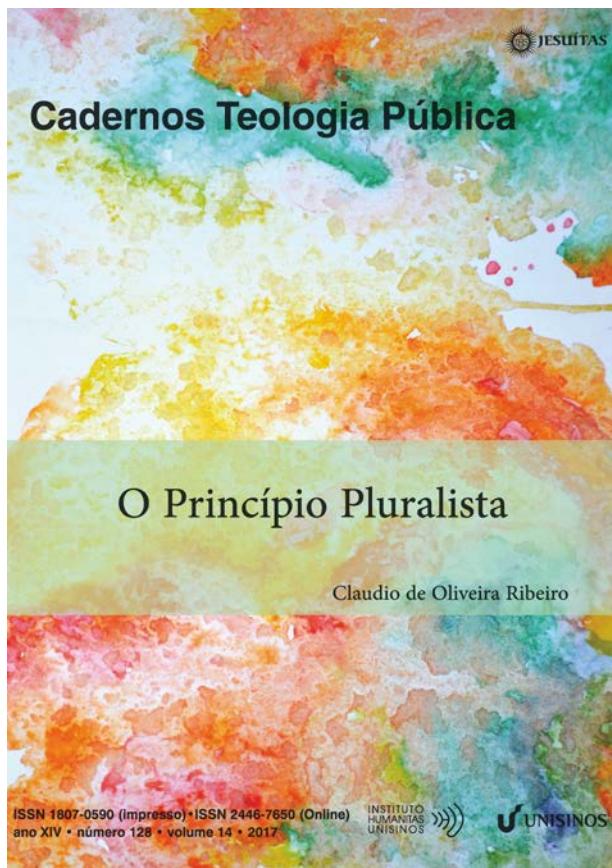
Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

O Princípio Pluralista

OCadernos Teologia Públca, na sua edição de número 128, traz o artigo de Claudio de Oliveira Ribeiro. “O texto apresenta resultados de pesquisa realizada a partir de esforços de avaliação sobre a teologia latino-americana no tocante aos desafios suscitados pelo pluralismo”, explica o autor. “É uma análise crítica de sua metodologia, tendo em vista contribuir com o seu aprimoramento e com a indicação de respostas mais adequadas e mais consistentes ao quadro crescente de complexidade da realidade social e de pluralismo, sobretudo religioso. Este cenário é emoldurado pelos fatores econômicos e marcado por uma emergência de subjetividades, além de ser também moldado por um quadro de pluralismo em diferentes aspectos cada vez mais intenso nas sociedades e culturas”, justifica.

Acesse versão completa do artigo em <http://bit.ly/2oaFRN3>

Esta e outras edições do Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Dos Meios à Midiatização. Um Conceito em Evolução

Em seu último livro, *Dos Meios à Midiatização. Um Conceito em Evolução* (São Leopoldo: Unisinos, 2017), publicado em português e inglês, o Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes evidencia a trajetória percorrida pela pesquisa em comunicação, do funcionalismo norte-americano, passando pela visão de uma sociedade dos meios, até a concepção de uma sociedade em midiatização. Apresenta a manifestação de processo que resulta em uma ambiência capaz de constituir um novo modo de ser no mundo.

Knut Lundby, professor Departamento de Mídia e Comunicação, Universidade de Oslo, na Noruega, elogia a obra, a começar pelo título que “que brinca com *Dos meios às mediações*, de Martin-Barbero¹”. Para ele, Gomes, “leva o pensamento latino-americano um passo além, à ‘midiatização’”. “Explica muito bem os ‘processos midiáticos’ na sociedade midiática, definindo -os como não mais do que um passo rumo a uma ‘sociedade da midiatização’ em toda sua complexidade. Gosto deste último termo, que é incomum na pesquisa sobre midiatização, que geralmente fala de ‘midiatização da sociedade’. Ele convida o leitor a contemplar a abrangência dos processos de midiatização nas sociedades modernas, de forma semelhante ao termo ‘midiatização profunda’, de Couldry & Hepp. Gosto do fato de trazer as consequências da presença da mediatação ‘no mundo’”, acrescenta o professor.

Entretanto, Lundby também apresenta uma visão crítica à obra de Gomes. “Não entendo a referência a Teilhard de Chardin². Embora seja tentador ver o recente desenvolvimento em mídia digital e social a partir de sua perspectiva, penso que fica muito especulativo. Este tipo de grande pensamento evolutivo torna-se muito harmonioso e ignora as divisões e as lutas de poder sobre os recursos e os interesses no mundo. Isto, para mim, reverbera em seu conceito de midiatização como algo abrangente demais. Acho que um argumento mais específico dentro da ideia de ‘sociedade na midiatização’ seria mais positivo”, pontua.

Göran Bolin, professor do Departamento de Mídia & Estudos de Comunicação da Södertörn University, na Suécia, vê na obra de Gomes uma possibilidade de aprender formas novas e alternativas de se relacionar com os processos de comunicação e de mídias atuais. “Compartilho totalmente da sua abordagem da análise da paisagem midiática (como geralmente me refiro à totalidade da mídia e da infraestrutura da comunicação e a conteúdos

¹ **Jesús Martín-Barbero** (1937): vive em Colômbia desde 2002. Doutor em filosofia, estudos de antropologia e semiótica, é um especialista em cultura e meios de comunicação que produziu sínteses teóricas importantes na América Latina sobre o pós-moderno. Além de professor na Colômbia e no México, tem atuado como professor visitante nas Universidades Complutense de Madrid, Autónoma de Barcelona, da Universidade de Stanford, gratuito Berlim, Faculdade Londres do rei, Puerto Rico, Buenos Aires, São Paulo, Lima, entre outros. Em 1975 ele fundou a Escola de Comunicação da Universidad del Valle e em 2003 obteve a nacionalidade colombiana. Sua análise da cultura como mediações, o estudo da globalização a partir da semiótica, a relação da mídia com seu público e, especialmente, as formas deste jogo deles, que estudou especificamente para o caso de telenovelas na América Latina, são alguns de suas contribuições. Tem sido uma das figuras centrais da intelectualidade crítica contemporânea do continente com autores como Néstor García Canclini, Ángel Rama, Carlos Monsivais, Thomas Moulán ou Beatriz Sarlo. Uma das suas obras mais importantes é “*Dos meios às mediações : comunicação, cultura e hegemonia*” (Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2009). (Nota da IHU On-Line)

² **Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cíquntenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da **IHU On-Line**, de 09-05-2005, *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldeyr Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. Leia também a edição 45 edição do Caderno IHU Ideias *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica*, disponível em <http://bit.ly/16IWAC>; a edição 78 do Cadernos de Teologia Pública, *As implicações da evolução científica para a semiótica da fé cristã*, disponível em <http://bit.ly/1pvIEG2>; e a edição 22 do Cadernos de Teologia Pública, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em <http://bit.ly/1pvIJL>. (Nota da IHU On-Line)

que nos rodeiam) e também acho que se trata de uma parte central do processo de midiatização ou, talvez, dos processos ‘midiáticos’ a que se refere. Ainda tenho dificuldades para entender as fronteiras entre ‘midiatização’, ‘mediação’ e ‘o midiático’, mas estou trabalhando para encontrar uma forma proveitosa de compreender”, analisa.

Sobre às diferentes metáforas para designar a totalidade da mídia, revela sua preferência pelo conceito de “paisagem midiática”. “Pois paisagem indica algo socialmente construído – um tipo de estrutura estruturada (em diálogo com Pierre Bourdieu³) que define quadros estruturais para a ação social (como a interpretação de paisagens e textos que circulam dentro deles), mas que também são, até certo ponto, flexíveis e podem ser modificados na ação social, por atores individuais e institucionais. Fazendo uma analogia com um jardim ou um parque, um arquiteto paisagista planeja um jardim com cercas, caminhos, lagos etc., e todas estas formas privilegiam certas maneiras de circular pela paisagem (caminhando, pedalando, correndo), mas não determinam o movimento. Às vezes as pessoas pegam atalhos por cima da grama e fazem uma trilha que, depois de um tempo, pode ser a rota estabelecida naquela paisagem”, explica.

Bolin ainda elogia a inclusão das perspectivas de Egar Morin⁴ e sua teoria da complexidade nessa análise à cerca das mídias. “E eu também estava abordando questões semelhantes num livro para o qual eu e Andreas ajudamos a escrever um capítulo”, acrescenta. E finaliza: “Também gosto muito da forma como discute ‘relacionalmente’ e das conexões e nós da comunicação. Também é possível discutir várias dimensões da temporalidade em relação a isso (como as relações entre tempo linear, tempo cílico e tempo pontual que são discutidas, por exemplo, na teoria antropológica). Benjamin⁵ também trabalha com diferentes temporalidades, e acho que pode ser proveitoso para discutir o processo de midiatização em relação às suas ideias na história e como a história ressurge (em vez de haver um desenvolvimento linear)”.■

³ Pierre Bourdieu (1930 - 2002) sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desculturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Edgar Morin (1921): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do Ciclo de Estudos sobre “O Método”, promovido pelo IHU em parceria com a Livraria Cultura de Porto Alegre em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abranger um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). Confira a edição especial sobre esse pensador, intitulada *Edgar Morin e o pensamento complexo*, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon402>. O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, vem publicando uma série de textos e reflexões sobre o pensamento de Morin, acesse em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da IHU On-Line)

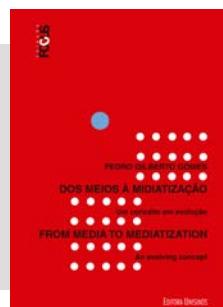
⁵ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A obra de arte na era da sua reproduibilidade técnica* (1936), *Teses sobre o conceito de história* (1940) e a monumental e inacabada *París, capital do século XIX*, enquanto *A tarefa do tradutor* constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista **Walter Benjamin e o império do instante**, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

Ficha técnica

Título: Dos Meios à Midiatização - Um conceito em evolução

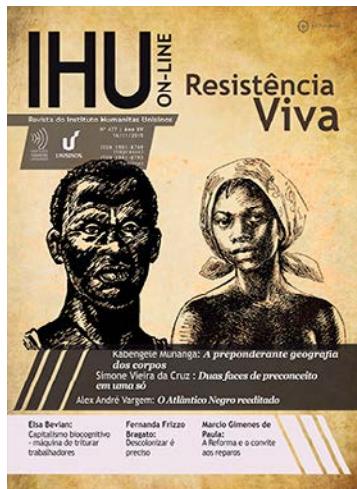
Autor: Pedro Gilberto Gomes

Referência: São Leopoldo, RS: Unisinos, 2017.





Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



Resistência Viva. A luta de Zumbi e Dandara continua

Edição 477 – Ano XV – 16-11-2015

“Em novembro se evidencia mais intensamente a memória das lutas afro-brasileiras. Desde as primeiras mobilizações por liberdade nas batalhas travadas nos diversos quilombos espalhados pelo país, até os embates mais recentes, que têm ocorrido nos “outros” espaços que a população negra pouco a pouco vem conquistando e que historicamente não lhe são atribuídos. A revista IHU On-Line desta semana, alusiva ao Dia de Consciência Negra, debate este tema a partir do olhar de diversos pensadores envolvidos com esta causa.”

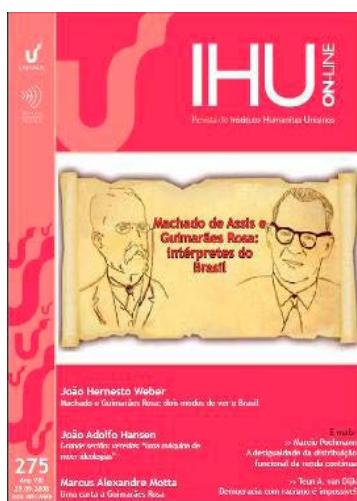


Ubuntu. ‘Eu sou porque nos somos’

79

Edição 353 – Ano X – 6-12-2010

“Dos povos originários da África, surge uma concepção ética que desafia o estilo de vida da sociedade contemporânea: o ubuntu. Para os povos de língua bantu, esse termo significa “eu sou porque nós somos”. Essa “filosofia do Nós” pensa a comunidade, em seu sentido mais pleno, como todos os seres do universo. Todos nós somos família. Grande parte da luta contra a colonização na África e contra o apartheid, especialmente a partir das contribuições dadas pelo prêmio Nobel Desmond Tutu, arcebispo anglicano emérito da Cidade do Cabo, na África do Sul, encontrou sua força nessa filosofia.”



Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil

Edição 275 – Ano VIII – 20-9-2008

“À época, dia 29 de setembro, era celebrado os 100 anos da morte de Machado de Assis e também era realizado o Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos- IHU, pelos Cursos de Letras e de Formação de Escritores e Agentes Literários e pelo PPG em Lingüística Aplicada da Unisinos. O evento celebra o centenário de morte de Machado de Assis e o de nascimento de Guimarães Rosa. Falar de Machado de Assis e Guimarães Rosa, como intérpretes do Brasil, foi o tema que propomos como fio condutor desta edição da IHU On-Line.”

A virada profética de Francisco. Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo

21 a 24 de maio de 2018 | Unisinos – Campus Porto Alegre

Conferencistas confirmados:

Prof. Dr. Alex Villas Boas – PUCPR

Prof. Dr. Andrea Grillo – Pontifício Ateneu Sant’Anselmo – Itália

Profa. Dra. Bárbara Pataro Bucker – PUC-Rio

Dra. Carmem Lussi – CSEM – Brasília

Profa. Dra. Carmen Oliveira – Fiocruz

Prof. Dr. Cesar Kuzma – PUC-Rio

Profa. Dra. Emilce Cuda – UCA – Argentina

Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior – PUC-SP

Dom Francisco de Assis da Silva – IEAB

Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori – FAJE

Prof. Dr. Hilário Henrique Dick – Unisinos

Prof. Dr. Ivanir Rampon – Itepa Faculdades

Bel. Ivo Poletto – FMCJS – Brasília

Prof. Dr. Jesus Hortal – PUC-Rio

MS Jonas Jorge da Silva – CEPAT

Prof. Dr. José Roque Junges – Unisinos

Prof. Dr. Juan Carlos Scannone – Argentina

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin – PUCRS

Dom Leonardo Ulrich Steiner – CNBB

Prof. Dr. Luís Corrêa Lima – PUC-Rio

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Belluzzo – FACAMP

Prof. Esp. Márcio Pimentel – FAJE

Profa. Dra. Mary Hunt – WATER – EUA

Prof. Dr. Massimo Fagioli – Villanova University – EUA

Prof. Dr. Maurício Perondi – PUCRS

Prof. Dr. Michael G. Lawler – Creighton University – EUA

Dr. Moisés Sbardelotto

MS Patrícia Machado Vieira – PUCRS

Prof. Dr. Paulo Suess – CIMI

Bel. Romi Márcia Bencke – IECLB/CONIC

MS Rubens Nunes da Mota – ORCap – Goiânia

Prof. Dr. Todd A. Salzman – Creighton University – EUA

Prof. Dr. Vito Mancuso – Università di Padua – Itália